

AS REGRAS
DE
CORTESIA
E DE
CIVILIDADE
CRISTÃ

Dividida em duas Partes

Para uso das escolas Cristãs

Por

Sã João Batista de La Salle

PREFÁCIO

É surpreendente que a maioria dos cristãos considere a cortesia e a civilidade apenas como qualidade puramente humana e mundana, e ao não pensarem em elevar mais alto seu espírito, não a considerem como virtude que tem relacionamento com Deus, com o próximo e consigo mesmo. Isto manifesta o pouco conhecimento acerca do Cristianismo que há no mundo e quão poucas pessoas há que nele vivem e se conduzem segundo o espírito de Jesus Cristo¹. Contudo é somente este espírito que deve animar todas as ações para torná-las santas e agradáveis a Deus. ela também é uma obrigação de que São Paulo nos adverte ao falar da pessoa dos primeiros cristãos, que como devemos viver pelo espírito de Jesus Cristo², devemos conduzir-nos também em todas as coisas pelo mesmo espírito.

Como - de acordo com o mesmo Apóstolo - não há nenhuma de vossas ações que não deva ser santa, também não há nenhuma que não deva ser feita por motivos puramente cristãos. E assim todas as nossas ações exteriores que são as únicas que podem ser

¹ Gl 5,20

² Gl 5,5

regulamentadas pela cortesia, devem sempre ter e trazer com a fé um caráter de virtude.

É o que os pais e as mães estão obrigados a tomar em consideração na educação de seus filhos, e é ao que os educadores e educadoras, encarregados da instrução das crianças, devem prestar uma atenção especial.

Ao lhes darem as regras de cortesia, nunca devem esquecer de lhes ensinar que é preciso pô-las em prática somente por motivos puramente cristãos e que se referem à glória de Deus e à salvação. Bem longe de dizer às crianças, que dirigem, que se não fizerem tal coisa, serão censuradas; que não se terá estima por elas; que serão levadas a ridículo; coisas todas que somente servem para lhes inspirar espírito do mundo e para as afastar do espírito do Evangelho. Quando quiserem levá-las a práticas exteriores que se referem à atitude do corpo e à simples modéstia, terão cuidado de as exortar por motivos da presença de Deus, de que se serve S. Paulo para o mesmo fim, ao advertir os Fieis de seu tempo, que sua modéstia devia aparecer a todos os homens, porque o Senhor estava perto deles, isto é dizer por respeito pela presença de Deus diante do qual estavam. Se lhes ensinam e mandam fazer práticas de decência que se referem ao próximo, as incitarão a manifestar sinais de bem-querer, honra e respeito somente como a membros de Jesus Cristo.

É assim que S. Pedro exorta os primeiros fieis, aos quais escreveu que amassem seus Irmãos, e

manifestassem a cada um a honra que lhe é devida, a fim de se mostrarem verdadeiros servos de Deus, ao mostrarem que é a Deus que honram na pessoa do próximo.

Se todos os cristãos se colocarem em situação de somente darem sinais de bem-querer, estima e respeito com esta intenção e por motivos dessa natureza, santificarão por esse meio todas as suas ações e darão lugar a distinguir devidamente a Cortesia e a Civilidade Cristã da que é puramente mundana e quase pagã; e viverão assim como verdadeiros cristãos, que têm maneiras exteriores como as de Jesus Cristo e conformes a sua profissão. Eles se distinguirão dos infiéis e dos cristãos de nome, como diz Tertuliano, que se reconheciam os cristãos de seu tempo por seu exterior e por sua modéstia.

A Civilidade Cristã é, pois, um comportamento honesto e regulado que se manifesta nas palavras e nos atos exteriores por um sentimento de modéstia, ou de respeito, ou de união e caridade para com o próximo, prestando atenção ao mesmo tempo, aos lugares e às pessoas com que se conversa. E é esta Cortesia que se refere ao próximo que se chama propriamente *Civilidade*.

Nas práticas da Cortesia e da Civilidade deve-se prestar atenção ao tempo, pois algumas que se usavam nos séculos passados, ou até em alguns anos atrás, e que o não são mais hoje. Quem quisesse ainda fazer uso delas passaria por pessoa extravagante, bem longe de ser considerada como pessoa educada e honesta.

No que se refere à cortesia também é preciso conformar-se com o que se pratica nos países em que se vive e em que uma pessoa se encontra, porque cada nação tem suas maneiras de cortesia que lhe são particulares, o que faz com que com muita freqüência o que é inconveniente em um país é considerado como cortês e correto em outro.

Há coisas até que a Cortesia exige em alguns lugares especiais e que são inteiramente proibidas em outros lugares, pois o que se precisa fazer na casa do Rei ou mesmo no próprio quarto dele não se deve fazer em outro lugar, porque o respeito que se deve ter pela pessoa do Rei exige que se tenha certas deferências na casa dele que não se devem ter na casa de um indivíduo particular.

Também é preciso comportar-se de maneira diferente em nossa casa; e na das pessoas que se conhecem e na das pessoas que não se conhecem.

Portanto, já que a Cortesia exige que se tenha e se manifeste um respeito particular para com uns o que não é obrigatório e até seria contra a Cortesia manifestar a outros, quando alguém se encontra ou conversa com alguém, deve prestar atenção para a qualidade dele para o tratar e agir com ele segundo essa qualidade exige.

É preciso considerar-se a si mesmo e aquilo que se é, pois quem é inferior a outros está obrigado a ter submissão para com os que lhe são superiores, quer pelo nascimento, quer pelo emprego, quer pela

qualidade, e testemunhar-lhes muito mais respeito do que se fosse um outro inteiramente seu igual.

Um homem do campo, por exemplo, deve manifestar exteriormente mais respeito a seu patrão do que um artesão que não depende deste; e este artesão deve manifestar mais respeito a esse senhor, do que um outro cavaleiro que o visitasse.

A Cortesia e a Civilidade não consistem propriamente apenas em práticas de modéstia e de respeito para com o próximo e como a modéstia se manifesta de maneira particular na atitude e no respeito para com o próximo, nas ações ordinárias que se praticam quase diariamente em presença dos outros, por isso decidiu-se tratar neste Livro de duas coisas em separado. 1º Da modéstia que deve aparecer no porte e na atitude das diferentes partes do corpo. 2º Dos sinais exteriores de respeito ou de afeto especial que se devem manifestar nas diferentes ações da vida a todas as pessoas em presença das quais se realizam e com quem se possa ter relações normais.

PRIMEIRA PARTE

DA MODÉSTIA

Que se deve manifestar no porte e na atitude das diferentes partes do corpo.

CAPÍTULO I

Do Porte e da Atitude de todo o corpo

O que mais contribui para dar aparência exterior a uma pessoa e torná-la digna de consideração por sua modéstia, como pessoa decente e bem ordenada é quando ela mantém todas as partes do corpo na situação que a natureza ou o costume lhes prescreveu.

Para isso, devem-se evitar várias faltas na atitude das partes do corpo, a primeira das quais é a *afetação* e a falta de naturalidade que torna uma pessoa empolada em seu exterior e que é completamente contra a cortesia e contra as regras da modéstia.

Também é preciso evitar certa negligência, que faria aparecer vileza e moleza na vida e que torna uma pessoa desprezível, porque esta má qualidade manifesta certa baixaza de espírito como de nascimento e de educação.

Deve-se também prestar uma atenção todo especial para não manifestar nada de leviano na

atitude, o que é o efeito de um espírito volúvel. Os que têm o espírito naturalmente volúvel e confuso, se quiserem corrigir-se disso, devem fazer de maneira que não remexam um só membro do corpo sem atenção, e fazê-lo somente com muita reserva. Os que por temperamento são ativos e precipitados, devem procurar nunca agir a não ser com grande moderação, a pensar antes de agir, e a ter o corpo, quanto possível, na mesma atitude e posição.

Embora não se deva fazer nada de estudado no exterior, deve-se contudo saber guardar a justa medida em todas as atividades e regular o porte de todas as partes do corpo. É isto que se deve ensinar às crianças com muito cuidado, e ao que os pais, por o terem negligenciado demais em formá-las desde pequenas, devem se aplicar de maneira particular, até que estejam acostumadas e essas práticas se lhes tenham tornado fáceis e como naturais.

No porte de uma pessoa sempre é necessário algo de ponderado e majestoso: mas deve evitar cuidadosamente tudo o que indica orgulho e altivez de espírito, pois isto desagrade extremamente a todas as pessoas. O que deve produzir essa ponderação é somente a modéstia e a sabedoria que um cristão deve manifestar em todo seu comportamento. Como ele é de alto nascimento, porque pertence a Jesus Cristo e é Filho de Deus, que é o Ser supremo, não deve ter nem manifestar nada de vil em seu exterior, e tudo nele deve ter certo ar de elevação e de grandeza, que tenha alguma relação com o poder e a majestade do Deus a

quem serve e que lhe deu o ser, mas que não venha de estima de si mesmo e de preferência aos outros. Pois todo cristão se deve conduzir de acordo com as regras do Evangelho, por isso deve mostrar honra e respeito a todos os outros, considerando-os como filhos de Deus e os irmãos de Jesus Cristo, e ao se considerar como um homem carregado de pecados, deve humilhar-se continuamente, e se colocar abaixo de todos.

Ao estar em pé, deve-se manter o corpo ereto, sem o inclinar para um nem para outro lado, e não se curvar para frente como um ancião que não se pode sustentar mais. Também é muito indecente endireitar-se com afetação, apoiar-se contra uma parede ou contra qualquer outra coisa, contorcer o corpo e se alongar com indecência.

Quando se está sentado, não se deve estender-se preguiçosamente, nem apoiar firmemente contra o encosto da cadeira. É indecente estar sentado baixo ou alto demais, a menos que não se possa fazer de outra maneira, em geral é melhor estar sentado mais alto do que baixo demais; mas quando se está em companhia, sempre se deve dar os assentos mais baixos e mais cômodos principalmente às mulheres.

O frio nem qualquer outro incômodo ou sofrimento devem nos fazer tomar uma postura indecente, e é contra a cortesia manifestar por seu exterior de que se tem algum incômodo, exceto se não se pode fazer de outra maneira.

Também é sinal de demasiada sensibilidade e delicadeza quando não se pode sofrer nada sem o manifestar no exterior.

CAPÍTULO II

Da cabeça e dos ouvidos

Para manter a cabeça com cortesia, é preciso tê-la ereta sem a baixar nem pender para a direita ou para a esquerda. Deve-se evitar cuidadosamente encolhê-la ou afundá-la entre os dois ombros. Voltar a cabeça para todos os ventos é próprio de um espírito leviano e revirá-la muitas vezes é sinal de uma pessoa inquieta e embaraçada. Também é dar sinal de arrogância levantar a cabeça com afetação. Inteiramente contra o respeito que se deve ter a uma pessoa é erguer a cabeça, sacudi-la ou abaná-la quando nos fala, pois isto mostra que não se lhe tem a devida estima e que não se está disposto a crer ou a fazer o que ela nos diz.

Apoiar a cabeça com a mão, como se não pudesse sustentá-la é uma liberdade que nunca se pode permitir.

Coçar a cabeça ao falar ou mesmo num grupo de pessoas que não estão a falar, é uma enorme indecência e indigno de uma pessoa bem nascida. Este também é o efeito de uma grande negligência e falta de limpeza, pois provém ordinariamente de não se ter

bastante cuidado para se pentear e manter a cabeça limpa. Uma pessoa que não usa peruca também precisa tomar cuidado para não deixar sujeira nem imundície na cabeça, porque somente as pessoas mal educadas é que caem em semelhante negligência. Deve-se considerar a limpeza do corpo especialmente da cabeça como um sinal exterior e sensível de pureza da alma.

A modéstia e honestidade exigem que não se deixe ajuntar sujeira nos ouvidos. Assim é preciso de tempos em tempos limpá-los com um instrumento feito expressamente para isso e se chama *esgaravador de ouvidos*. É muito descortês servir-se para isso dos dedos ou de um alfinete. E é contra o respeito que se deve às pessoas com as quais está fazê-lo na presença delas; é também o respeito que se deve ter pelos lugares santos.

Não assenta bem levar uma pena na orelha, ter as orelhas furadas e nelas pendurar anéis. Isto não assenta bem a um homem, pois é um sinal exterior de escravidão que não convém.

O mais belo enfeite para os ouvidos é mantê-los completamente descobertos e bem limpos. Os homens, ordinariamente devem cobrir os seus com os cabelos; as mulheres as mantém mais descobertas. Às vezes é costume, principalmente para as mulheres de boa posição, trazerem brincos de pérolas, diamantes ou de pedras preciosas nas orelhas; contudo é mais modesto e mais cristão não levar qualquer enfeite nas orelhas, porque é pelos ouvidos que a Palavra de Deus entra no espírito e no coração, e o respeito que se precisa ter

por esta divina Palavra deve impedir que nada com ar de vaidade se aproxime deles.

O mais lindo enfeite para os ouvidos de um cristão é que estejam bem colocados e sempre prontos a escutar com atenção e receber com submissão as instruções que se referem à religião e às máximas do santo Evangelho. Para este fim é que os santos cânones prescrevem a todos os eclesiásticos terem os ouvidos inteiramente descobertos para dar-lhes a conhecer que sempre devem estar atentos à Lei de Deus, à doutrina da Verdade e à ciência da Salvação, de que são os depositários e despenseiros.

CAPÍTULO III

Dos cabelos

Não há ninguém que não deva tomar como regra e prática se pentear todos os dias e nunca se deve aparecer diante de quem quer que seja com os cabelos em desalinho e sujos. Tenha-se sempre cuidado de que não tenham vermina nem piolho. Esta precaução e este cuidado é muito importante ao se tratar de crianças.

Embora não se deva colocar facilmente pó nos cabelos e porque isto denota um homem efeminado, deve-se contudo ter o cuidado de não ter os cabelos gordurosos. Por isso, se eles o são naturalmente, pode-se desengordurá-los com farelo, ou usar um pó no

pente para os secar e retirar-lhes um pouco de sua umidade que poderia estragar a roupa e os trajes.

É muito descortês pentear-se em sociedade; mas é uma falta insuportável fazê-lo na igreja. Este é um lugar em que se deve estar limpo por respeito a Deus; mas o mesmo respeito leva a só entrar nela completamente limpo.

Se São Pedro e São Paulo proibem às mulheres fazerem os cabelos, condenam com mais forte razão certos enfeites dos homens que, por terem naturalmente menos inclinação a esta sorte de vaidade do que as mulheres, por conseguinte, devem ter muito mais desprezo por isto e ficar bem mais longe de se entregar a isso.

Como não é conveniente ter os cabelos curtos demais, porque isto desfiguraria a pessoa, deve-se também tomar cuidado para que não sejam longos demais, e particularmente que não caiam por cima dos olhos. Por isso é bom cortá-los devidamente de tempos em tempos.

Há pessoas que para sua conveniência, quando sentem calor ou têm alguma coisa a fazer, colocam os cabelos atrás das orelhas ou debaixo do chapéu. Isto é muito descortês e sempre se deve deixar cair os cabelos naturalmente. Também é sinal de modéstia e de honestidade não os tocar sem necessidade e o respeito que se deve ter para com os outros exige que não se coloquem as mãos no cabelo na presença deles.

Evite-se cuidadosamente passar várias vezes a palma da mão sobre a cabeça para comprimir os

cabelos, para os estender ou os encaracolar de cada lado com os dedos, passar os dedos através deles para os pentear, ou para os sacudir de maneira inconveniente ao sacudir a cabeça. Todas estas maneiras, inventadas pela utilidade ou a grosseria e que a honestidade, a modéstia e o respeito para com o próximo não podem aturar.

Contra a cortesia é ainda mais ter uma peruca mal penteada do que o cabelo mal penteado. Por isso, os que a usam devem ter um cuidado todo particular de a ter limpa, pois o cabelo de que é composta não tem a alimentação em si mesmo, por isso precisa ser penteado e ajustado com muito mais cuidado do que os cabelos naturais para se manterem limpos.

Uma peruca é muito mais acertada e conveniente para a pessoa que a usa quando é da cor do cabelo do que quando é castanha ou loira. Contudo há gente que a usa tão encrespada e tão loira descolorada de maneira que mais parece mulher do que homem.

Se bem que não se deva negligenciar muito esta espécie de enfeites, quando são usados, é muito mais contrário à cortesia e à sabedoria de um homem, empregar muito tempo e ter muita preocupação para os tornar limpos e ajustados.

CAPÍTULO IV

Do Rosto

O Sábio diz que pela aparência do rosto se conhece um homem de bom senso³. Por isso cada qual deve fazer de modo a manter o rosto de tal maneira que possa ao mesmo tempo tornar-se amável e edificar o próximo por seu exterior.

Para ser agradável aos outros deve-se não ter nada de repelente no rosto. Também nada deve aparecer de bravio nem de selvagem. Tudo nele deve ter um ar de ponderação e sabedoria. Também não é cortês ter um rosto melancólico e zangado. Nunca se deve ter alguma coisa que represente a paixão ou alguma afeição desregrada.

O rosto deve ser alegre sem negligência nem dissipação. Deve ser sereno, sem ser demasiado livre; aberto sem dar sinais de demasiada familiaridade. Deve ser meigo sem moleza e sem fazer algo que pareça baixaza; mas deve dar a todos o testemunho de respeito ou pelo menos de afeição e benevolência.

Entretanto é conveniente manter o rosto de acordo com os diferentes negócios e ocasiões que se apresentam. Pois como se deve sentir com o próximo e mostrar pelo que aparece no rosto, de que se toma parte no que o toca, por isso não se deve ter um rosto alegre e sorridente quando se conta uma notícia triste, ou

³ Eclo 19, (26)

quando aconteceu um acidente desagradável a alguém; mas também não se deve ter um rosto sombrio quando alguém diz alguma coisa agradável e que deve causar alegria.

Acerca de seus próprios negócios, um homem bem educado deveria procurar sempre ser o mesmo e ter um rosto sempre igual, pois como a adversidade não deve abatê-lo, a prosperidade não deve alegrá-lo. Deve ter um rosto sempre tranqüilo que não muda facilmente de disposição e de movimento, conforme o que lhe acontece de agradável ou desagradável.

Essas pessoas cujo rosto muda a cada ocasião que se apresenta são muito molestas e tem-se bastante dificuldade para as suportar. Ora aparecem com um rosto risonho, ora com um rosto e um ar melancólico; às vezes ele indica inquietação, outras vezes, ardor. Tudo isto revela numa pessoa que ela não tem virtude e que não trabalha para dominar suas paixões, e que suas maneiras de agir são absolutamente humanas e naturais, e de maneira alguma conformes ao espírito do cristianismo.

Também não se deve ter um rosto alegre e livre diante de toda sorte de pessoas.

É cortesia manifestar pelo rosto muita reserva quando se está com pessoas a quem se deve grande respeito e é de boa educação ter sempre um ar sério e grave na presença delas. Também é prudente não ter um rosto aberto demais diante dos inferiores, especialmente dos empregados; e se estamos obrigados

a ter bondade e condescendência para com eles, também é importante não se familiarizar com eles.

Quanto às pessoas com quem se é livre e com quem se conversa ordinariamente convém terem um rosto mais risonho com elas para permitir assim mais facilidade e agrado à conversa.

Uma questão de limpeza é limpar todas as manhãs o rosto com um lenço branco para tirar a sujeira. Menos bom é lavar o rosto com água, pois isto torna-o mais susceptível ao frio no inverno e ao calor no verão.

Esfregar e tocar-se em qualquer parte do rosto mesmo com as mãos nuas, principalmente quando não há necessidade, é uma falta de boa educação. Mesmo se houver alguma necessidade de o fazer, como para retirar uma sujeira, deve-se fazê-lo levemente com a ponta do dedo e quando se está obrigado a enxugar o rosto em tempo de calor, deve-se para isso usar o lenço e não se esfregar com força, nem com as duas mãos.

Não é cortês deixar sujeiras ou barro no rosto; contudo não se deve nunca limpá-lo na presença dos outros; e se a pessoa está em sociedade, deve cobrir o rosto com o chapéu para retirá-los.

Uma coisa muito inconveniente e que manifesta um excesso de vaidade que não convém aos cristãos é colocar moscas (pintas) no rosto e pintá-lo com o uso de pó branco ou vermelho.

CAPÍTULO V

Da testa, das sobrancelhas e das faces

É muito descortês manter a testa enrugada; ordinariamente isto é sinal de um espírito inquieto e melancólico. Deve-se tomar cuidado para que nela nada apareça de rude, mas que tenha um aspecto de sabedoria, de bondade e bem-querença.

O respeito que se deve ter para com os outros não permite, ao falar com alguém, que se bata com a ponta do dedo a testa, para dizer que é uma pessoa presa a sua opinião e seu juízo, ou então bater com o dedo recurvado sobre a testa de um outro, quando se quer manifestar que se tem esta opinião dele.

Uma familiaridade descortês consiste em duas pessoas se esfregarem ou baterem na testa uma contra a outra, mesmo por brincadeira; isto absolutamente não é conveniente para pessoas razoáveis.

É descortês franzir as sobrancelhas; é um sinal de altivez, e deve-se mantê-las sempre estiradas. Levantá-las é sinal de desprezo e baixá-las sobre os olhos demonstra melancolia. Não é de boa cortesia cortá-las curto demais, porque devem cobrir toda a pele e aparecer suficientemente.

O mais belo ornamento das faces é o pudor que deve ruborizar numa pessoa bem nascida, quando se profere em sua presença alguma palavra desonesta, mentira ou maledicência. De fato somente os insolentes e os impudentes são capazes de mentir com

ousadia ou dizer ou fazer alguma coisa indecente sem terem as faces ruborizadas.

É falta de cortesia mover demais as faces ou tê-las abatidas e pior ainda dilatá-las com ar; este é o efeito quer de arrogância, quer de qualquer outro movimento muito violento de cólera.

Ao comer deve-se fazê-lo de tal maneira que as faces não estejam mais levantadas, e é muito descortês, durante a comida, encher ambas as bochechas; quando isto acontece manifesta-se que se está comendo com demasiada avidez e isto só pode ser efeito de gula completamente exagerada.

Nunca se deve tocar as próprias faces, nem as do um outro, como para lisonjear. Deve-se evitar cuidadosamente beliscar a face de quem quer que seja, mesmo de uma criança; isto é um gesto muito inconveniente.

Também não se deve tomar a liberdade de tocar na face, mesmo que seja para rir e por brincadeira; todas essas maneiras de agir são familiaridades que nunca são permitidas.

Dar uma bofetada na face é fazer uma grande injúria para um homem; no mundo isto é considerado como uma injúria insuportável. O Evangelho aconselha suportá-la e quer que os cristãos que procuram imitar Jesus Cristo em sua paciência, estejam dispostos e mesmo prontos depois de ter sido esbofeteados, a apresentar a outra face, para receber uma segunda, mas proíbe dá-la. Somente uma cólera muito grande ou o

sentimento de vingança é que são capazes de ocasionar.

Um homem correto nunca deve levantar a mão para bater na face. A cortesia e a honestidade nunca o permitem nem sequer para um empregado.

CAPÍTULO VI

Dos olhos e da vista

O Sábio diz: Muitas vezes, por aquilo que aparece nos olhos⁴, se conhece o que uma pessoa tem no fundo de sua alma e qual é sua boa ou má disposição. E embora não se possa ter plena certeza disso, não deixa de ser um sinal bastante geral. Assim, um dos primeiros cuidados que se deve ter no que se refere ao exterior é compor bem os olhos e regular bem vista.

Uma pessoa que quer fazer profissão de humildade e modéstia e ter um exterior correto e sossegado deve procurar ter os olhos meigos, serenos e recatados.

Aqueles a quem a natureza não deu esta vantagem e que não têm esse encanto precisam procurar corrigir a falta por uma atitude alegre e modesta e cuidar de não tornar seus olhos mais desagradáveis por sua negligência.

⁴ Eclo 19, (26)

Há pessoas que têm os olhos horríveis, que manifestam um homem encolerizado ou violento; e há outros que sempre têm os olhos extremamente abertos e que olham com ousadia, o que ordinariamente denota um espírito insolente que não tem respeito com as pessoas.

Outras pessoas há que têm os olhos soltos e que nunca param, olham ora de um lado e ora de outro o que é próprio de uma cabeça leviana.

Encontram-se algumas vezes outras que mantêm os olhos fixos num objeto que parece querem devorar com os olhos. Entretanto acontece muitas vezes que essas pessoas não prestam a mínima atenção ao objeto que lhes é apresentado. São ordinariamente pessoas que pensam forte em algum negócio que lhes é muito importante, ou que têm um espírito vago sem se fixar em nada determinado.

Há outras ainda que olham fixamente para o chão e também algumas vezes para os lados como pessoas que procuram com os olhos alguma coisa que tivessem perdido. São espírito inquietos e atrapalhados que não sabem o que fazer para sair de sua inquietação.

Todas essas maneira de manter os olhos e de olhar são completamente contra a cortesia e as boas maneiras e só se podem corrigir mantendo o corpo e a cabeça eretos e os olhos modestamente abaixados e procurando ter um exterior livre e acolhedor.

Como não é educado ter a vista muito para cima, também os que vivem no mundo não devem mantê-la baixa demais, porque isto seria mais próprio

de um religioso do que de um secular. Os eclesiásticos, contudo, e os que pretendem sê-lo, devem todos aparecer com os olhos e um exterior muito reservado. Pois é de boa educação para os que se comprometeram ou que pretendem comprometer-se nesse estado de vida, se acostumarem à mortificação de seus sentidos e mostrarem, por sua modéstia, que, sendo consagrados a Deus ou querendo consagrar-se a Deus, têm o espírito ocupado com ele e com o que se refere a ele.

A regra que se pode tomar com referência com os olhos é mantê-los medianamente abertos e proporcionais com o tamanho de seu corpo, de modo que se possa ver distinta e facilmente todas as pessoas com quem se está. Contudo não se deve olhar fixamente sobre o que quer que seja, especialmente sobre pessoas de sexo diferente, ou os superiores, e se for preciso olhar alguém, deve ser de maneira natural, bondosa e honesta e que não se possa notar nos olhares nenhuma paixão nem afeição desregrada.

É muito incivil olhar de soslaio, pois isto é sinal de desprezo e não pode ser permitido, exceto aos patrões para com os empregados para os repreender de alguma falta grosseira em que tivessem incorrido. Também é desagradável mover constantemente os olhos, pestanejar seguidamente, porque isto é próprio de pouco talento.

Não menos contra a cortesia como contra a piedade é olhar leviana e curiosamente tudo o que se apresenta, e deve-se procurar não olhar de longe demais, e olhar diante de si, sem mover nem a cabeça

nem os olhos de um lado par o outro. Mas como o espírito do homem é naturalmente levado a ver e a saber tudo, é muito necessário vigiar sobre si para abster-se disso e dirigir muitas vezes a Deus estas palavras do Profeta-Rei: Meu Deus, desviai meus olhos e não permitais que se fixem olhando coisas inúteis⁵.

É uma grande descortesia olhar por cima dos ombros voltando a cabeça; agir assim é desprezar as pessoas com quem se está. Outra grande descortesia é olhar por cima dos ombros e por detrás de uma pessoa que está lendo ou segurando alguma coisa, para ver o que está lendo ou segurando.

Há alguns defeitos referentes à vista os quais estão muito perto da baixeza ou da leviandade, de maneira que ordinariamente as crianças ou os escolares são capazes de cair neles. Por mais grosseiros que sejam esses defeitos, ninguém deve surpreender-se de que se fale disto aqui, para que as crianças tomem cuidado nisso e que se possa vigiar sobre elas para as impedir que se permitam tais coisas.

Às vezes encontram-se pessoas que fazem caretas com os olhos para se mostrar horríveis; e outras que imitam os vultos e os zarcos para fazer rir os outros. Algumas vezes se vêem alguns que esbugalham os olhos com os dedos. Encontram-se também alguns que olham com um dos olhos fechado, como fazem os atiradores de balestra quando visam ao alvo. Todas estas maneiras de olhar são completamente descorteses

⁵ SI 118 (119), 37

e inconvenientes. Não há pessoa razoável nem as crianças de boa família que não considerem todas essas caretas como coisas indignas de um homem honesto.

CAPÍTULO VII

Do nariz e da maneira de se assoar e espirrar

É descortês franzir o nariz e geralmente são os zombadores que assim fazem. Também é inconveniente e descortês remexê-lo, até nem se deve tocar nele com a mão nem com os dedos descobertos.

A cortesia requer que se mantenha o nariz bem limpo e seria sumamente vil enchê-lo de muco. Portanto, é preciso limpá-lo muitas vezes para o manter asseado, porque o nariz é a honra e a beleza do rosto, e é a parte de nós mesmos que mais aparece.

É muito feio escavar incessantemente nas narinas com o dedo e ainda mais insuportável é levar à boca o que se tirou das narinas ou mesmo o dedo que se acaba de introduzir nelas. Isto é capaz de causar náuseas aos que o vêem.

Ignóbil é assoar-se com a mão nua passando-a por baixo do nariz, ou assoar-se com a manga ou na roupa; e é muito contrário à cortesia assoar-se com dois dedos e depois jogar o muco no chão e enxugar-se depois os dedos na roupa, porque todos sabem como assenta mal ver tais sujeiras na roupa que sempre deve

estar muito limpa, por mais pobre que seja, porque são o ornamento de um servo de Deus e de um membro de Jesus Cristo.

Há alguns que colocam um dedo contra o nariz e depois sopram por ele e expelem ao chão a sujeita que havia dentro dele. Os que fazem isso são pessoas que não sabem o que é a cortesia.

Sempre se deve usar o lenço para se assoar e nunca outra coisa; e, ao fazê-lo, deve-se cobrir ordinariamente o rosto com o chapéu ou pelo menos, quando se está com poucas pessoas e que se possa facilmente virar o rosto da frente dos outros, deve-se fazê-lo e assoar-se fora da presença do grupo.

Ao se assoar, deve-se evitar o barulho com o nariz, soprar forte demais com as narinas e roncar, pois isto é de muito mau gosto.

Quando se está à mesa, convém cobrir-se com o guardanapo e esconder o rosto quanto se pode, pois não é cortês assoar-se abertamente.

Antes de se assoar, é descortês puxar por muito tempo o lenço e é uma falta de respeito às pessoas com quem se esta, desdobrá-lo em diversos lados para ver qual é o lado em que se vai assoar. Deve-se puxar do bolso o lenço e assoar-se rapidamente e de modo que quase não seja percebido pelos outros.

Depois que a pessoa se assoou, é preciso não ficar olhando no lenço, mas deve dobrá-lo imediatamente e recolocá-lo no bolso.

Não é cortês ficar com o lenço na mão, oferecê-lo a alguém seja para o que for, mesmo se fosse

perfeitamente branco. Contudo, se alguma pessoa o pedir e insistir em que o dê, então o pode dar.

Quando alguém está a ponto de espirrar, não deve impedi-lo, mas é de cortesia desviar um pouco o rosto para o lado e cobri-lo com o lenço e depois espirrar o mais calmamente e com o menor ruído possível. Em seguida deve-se agradecer gentilmente aos presentes que o tiverem saudado por meio de uma reverência.

Quando alguém espirra não se deve dizer em voz alta: *Deus te abençoe* ou *Deus te assista*. Somente, sem dizer uma palavra, se deve descobrir-se e fazer a reverência e a fazer bem profunda, dobrando-se bem baixo caso se trate de uma pessoa a quem se deve muito respeito.

Uma prática muito em voga é tomar rapé; mas é muito melhor não o tomar, especialmente quando se está em sociedade e nunca se deve tomá-lo quando se está com pessoas a quem se deve respeito. Mas é muito descortês mastigá-lo introduzi-lo nas narinas. Não é menos inconveniente fumar cachimbo, é insuportável fumar na presença de mulheres.

Se uma pessoa qualificada toma rapé diante das que estão com ela e lhes apresenta o mesmo, o respeito que lhe devem as impede de o recusar, e se tiverem alguma repugnância para o tomar pelo nariz, basta que façam de conta que o tomam.

Se o costume de tomar rapé pode ser permitido aos homens, porque seu uso é muito espalhado, ele não

deve acontecer para as mulheres, e é absolutamente contra a cortesia que elas o tomem.

Também é indecoroso que os que o tomam terem sempre um lenço à mão e vê-lo cheio de sujeira e de fumo, o que aliás não pode deixar de acontecer aos que tomam muitas vezes rapé pelo nariz.

Quando se toma rapé em sociedade, é preciso que seja raro e que não se tenha sempre a tabaqueira nas mãos, nem as mãos cheias de fumo. Deve-se também cuidar para que não caia um pouco de rapé na roupa, porque é muito descortês que se possa ver tal coisa. E para que isto não aconteça deve-se tomar só um pouco cada vez.

CAPÍTULO VIII

Da boca, dos lábios, dos dentes e da língua

A boca não deve estar nem aberta nem fechada demais. E quando se come, nunca se deve ter a boca bem cheia, mas deve-se comer com tal moderação que se possa estar em condições de falar facilmente e ser ouvido distintamente, quando se apresentar a ocasião.

As boas maneira pedem que a boca sempre esteja limpa e para isso convém lavá-la todas as manhãs. Mas não é de boa educação fazê-lo à mesa, nem em presença dos outros.

A cortesia não permite ter qualquer coisa na boca e não quer que se segure alguma coisa entre os lábios, nem entre os dentes. Por isso, quando se escreve, não se deve fazer isto com a pena, nem com flores em qualquer momento que seja.

É de mau gosto apertar demais os lábios, ou até mordê-los, e nunca se deve mantê-los abertos. Mas é insuportável fazer beicinho e caretas. O modo correto de manter os lábios é mantê-los sempre juntos um contra o outro delicadamente e sem constrangimento.

Não é cortês fazer tremer os lábios quando se fala, nem em qualquer outra ocasião. Sempre se deve mantê-los fechados e não os mover ordinariamente a não ser para comer ou para falar.

Algumas vezes há pessoas que levantam o lábio superior e abaixam o inferior de tal modo que os dentes aparecem às vezes por inteiro. Isto é totalmente contra as boas maneiras que proíbem que se vejam os dentes descobertos, visto que a natureza os cobriu com os lábios para o manter ocultos.

Deve-se ter cuidado de manter os dentes sempre muito limpos, porque é indigno que apareçam pretos, com impurezas ou cheios de sujeira. Por isso deve-se limpá-los de tempos em tempos, especialmente de manhã depois de ter comido; contudo isto não se deve fazer à mesa diante da gente, o que seria faltar contra a cortesia e o respeito.

É preciso tomar muito cuidado para não usar as unhas ou os dedos ou uma faca para limpar os dentes. A cortesia manda usar um instrumento feito

expressamente para isso que se chama *palito*, ou a ponta de pena talhada para esse fim, ou então um pano grosso.

Ranger ou bater com os dentes é não saber o que significa cortesia; também não se deve fechá-los firme ao falar, nem falar entre os dentes. Este é um defeito que se deve corrigir abrindo a boca quando se fala com alguém.

É uma grandíssima falta de civilidade apontar um dente com o polegar para significar um desdém ou desprezo de alguma pessoa ou coisa. E pior ainda, ao fazê-lo, é dizer: *Não me preocupo dela mais do que disto*.

Vergonhoso e indigno de uma pessoa bem nascida é estirar a língua por desprezo ou para recusar o que um outro pede; e é descortês fazê-la chegar à borda dos lábios e movê-la fazendo-a passar de lado ao outro. Não é menos incivil colocar o lábio inferior sobre o superior para dali retirar a água ou o muco saído do nariz e levá-lo depois à boca. Para os que são tão mal educados a ponto de caírem nesta espécie de defeitos seria bom que se servissem de um espelho para se corrigirem, porque, sem dúvida alguma, não agüentariam ver-se fazer coisas tão vergonhosas sem as condenar.

Portanto, a cortesia exige que a língua esteja sempre fechada pelos dentes e nunca saia dali, pois este é o recinto que a natureza lhe deu.

CAPÍTULO IX

Do falar e da pronúncia

Como o falar se forma pela boca, os lábios, os dentes e a língua, parece que este é o momento de falar deste assunto.

Para falar bem e fazer-se entender pelos outros, é preciso abrir inteiramente a boca e tomar cuidado de não se precipitar ao falar e não dizer uma palavra sequer desatinada e leviana. Isto impede principalmente os que são de temperamento ativo de pronunciarem bem.

Ao falar deve-se cuidar de tomar um tom de voz suave e pausado e suficientemente alto para se fazer entender. Contudo é contra a cortesia gritar ao falar e usar um tom de voz tão alto como se estivesse a falar com surdos.

Uma coisa de que se deve cuidar muito ao falar é que não haja nada de rude, de azedume, nem altivez na voz seja com quem se esteja falando. Sempre se deve fazê-lo em atitude de cortesia e benevolência.

É ridículo falar pelo nariz e para que a má disposição do nariz não seja a causa de isto acontecer, deve-se tomar cuidado para que ele não esteja entupido e que sempre esteja bem limpo e sem sujeira.

Os que têm a língua pesada e querem corrigir esse defeito devem procurar fortificar a voz apoiando de leve sobre as letras ou as sílabas que não podem

pronunciar bem, isto pelo menos lhes fará a pronúncia mais fácil.

É importante aplicar-se a corrigir esses defeitos desde pequeno, pois mais tarde é quase impossível abandonar certo hábito de falar que se contraiu e, embora se veja bem numa idade mais adiantada que ele é descortês e desagradável não se pode abandoná-lo e assumir outro.

É indecoroso falar sozinho; até é uma coisa que não se deve fazer ordinariamente e que só pode convir a uma pessoa apaixonada ou sem inteligência, ou a alguém que medita sobre algo dentro de si e toma decisões acerca do que lhe diz respeito ou da maneira de o executar.

Uma das coisas mais importantes ao falar é fazer soar bem todas as letras e todas as sílabas e pronunciar todas as palavras separadamente uma das outras. Também não deve deixar de pronunciar a consoante final de uma palavra, quando essa palavra é seguida por outra que começa por uma vogal. E, ao contrário, não se deve pronunciar a consoante final quando a primeira letra da palavra seguinte também é consoante.

Há duas sortes de defeitos a evitar na pronúncia: uns se referem à pronúncia em si e outros se referem à maneira de pronunciar.

Acerca da pronúncia na fala ordinária é preciso que seja igual e uniforme, e que não se mude a cada instante de tom, como faria um pregador. Também é necessário que sempre seja firme, de maneira que não

se abaixe no fim das palavras; pelo contrário, é preciso esforçar-se para pronunciar mais firmemente o final das palavras e dos períodos do que o começo, para que sempre se possa ser bem compreendido. Também é preciso que seja completa, sem omitir uma só letra nem sílaba, mas que seja pronunciada de maneira bem correta. Por fim, deve ser tão exata que nunca se troque uma letra por outra.

Há diversas maneiras de pronunciar que são inconvenientes. Alguns pronunciam de maneira mole, lenta e até langorosa. Quem pronuncia assim é muito desagradável e parece que sempre tem algo de que se queixar ao falar. Esta pronúncia denota neles muita frouxidão e moleza nos costumes. Este defeito é mais frequente e também mais tolerável nas mulheres do que nos homens, e contudo não há ninguém que não se deva esforçar para se corrigir disso.

Outros há cuja pronúncia é pesada e grosseira e isto é típico da gente do interior. Eles somente poderão corrigir esse defeito aveludando o tom da voz e não fazendo soar tão alto as palavras e as sílabas.

Existem alguns cuja maneira de pronunciar é dura e áspera, e esta maneira de falar é muito desagradável. Para se desfazer disto é preciso falar sempre suavemente com atenção sobre si e mostrar bem-querer aos outros.

Certas outras pessoas têm a pronúncia aguda e precipitada. O meio de que se podem servir para a mudar é tomar sempre um tom de voz firme e procurar

pronunciar todas as sílabas distintamente e com atenção.

A pronúncia francesa deve ser ao mesmo tempo firme, suave e agradável. Para aprender a pronunciar bem deve-se começar por falar pouco, dizer todas as palavras umas depois das outras com moderação; pronunciar distintamente todas as sílabas e todas as palavras; principalmente só conversar ordinariamente com pessoas que falam claramente e que pronunciam bem.

CAPÍTULO X

Do bocejar, do cuspir e do tossir

As boas maneiras requerem que a pessoa se abstenha de bocejar quando está com outras pessoas, principalmente com pessoas a que deve certo respeito; pois isto denota que está aborrecida, quer da companhia, quer da conversa dos presentes, ou que se tem pouca estima por eles. Contudo quando se estiver obrigado a fazê-lo por necessidade, deve-se então deixar completamente de falar e colocar a mão ou o lenço diante da boca e voltar-se um pouco de lado, para não ser percebido ao fazê-lo pelos presentes. Principalmente se deve tomar cuidado ao bocejar de não fazer alguma coisa inconveniente. Assenta muito

mal fazê-lo com ruído e mais ainda alongar-se e se estender ao fazê-lo.

Ninguém deve abster-se de cuspir e é muito vil engolir o que se deve cuspir, isto é capaz de causar náuseas.

Contudo não se deve adquirir o costume de cuspir com demasiada freqüência e sem necessidade. Isto não só é inconveniente, mas repugnante e incomoda todo o mundo. Deve-se procurar que a necessidade de cuspir seja rara quando se está em sociedade, principalmente com pessoas a quem se deve ter um respeito particular.

Quando alguém está na companhia de pessoas de qualidade e quando se está em lugar que se mantém limpo, deve cuspir no lenço enquanto se volta um pouco de lado.

Também seria muito educado se cada um se acostumasse a cuspir no lenço quando está na casa dos Grandes, e em todos os lugares que estão encerados ou com parquete. Mas é muito mais necessário tomar o costume de o fazer quando se está numa igreja. O respeito devido a esses lugares consagrados a Deus e destinados a neles prestar a Deus o culto devido, exige que os mantenhamos muito limpos e em honra, até o assoalho em que pisamos. Contudo acontece muitas vezes que não se encontre um piso de cozinha ou mesmo de estrebaria mais sujo do que o da igreja, embora ela seja a morada e a casa de Deus na terra.

Depois de ter cuspidado no lenço, deve-se dobrá-lo em seguida, sem o ficar olhando, e recolocá-lo no bolso.

É falta de cortesia cuspir pela janela ou no fogo, ou sobre as brasas, ou contra a chaminé, ou mesmo contra a parede ou em qualquer outro lugar em que não se possa pisar sobre o cuspo. Também é contra a boa educação cuspir diante si na presença dos outros, ou fazê-lo de muito longe e de maneira que se está obrigado a procurar o cuspo para pisar sobre ele.

Deve-se tomar muito cuidado de nunca cuspir sobre a roupa, nem sobre os outros; fazer isto seria estar bem sujo ou muito pouco circunspecto.

Há um defeito que não é menos considerável e do qual se precisa ter muito cuidado e que é, ao falar, soltar saliva no rosto da pessoa com que se fala; isto é muito descortês e absolutamente desagradável.

Quando se vê no chão algum escarro considerável, deve-se imediatamente colocar com jeito o pé sobre ele. Ao percebê-lo sobre a roupa de alguém, não é cortês dá-lo a conhecer; mas deve-se chamar um empregado para o remover, e, se não houver algum empregado, deve-se pessoalmente removê-lo sem que alguém o perceba, pois a cortesia requer que não se faça aparecer seja o que for que pudesse causar mal-estar ou confusão. Se alguém teve a gentileza de nos prestar este serviço é preciso mostrar-lhe um agradecimento todo especial.

Há alguns defeitos no tocante ao cuspir aos quais se deve prestar uma atenção muito grande para

não cair neles. Alguns fazem muito ruído e um ruído que é mesmo muito desagradável; este defeito consiste em arrancar á força o muco e o escarro do peito; é o que mais ordinariamente acontece com os idosos. Esta maneira de cuspir é muito descortês. Deve-se ter cuidado para que, ao cuspir, não se incomodem os outros, não fazer ruído ou fazer muito pouco.

Outros ainda há que seguram seu escarro por muito tempo na boca. Isto é totalmente contrário à cortesia que requer que se cuspa imediatamente quando o muco está na língua.

Até há alguns que algumas vezes trazem, com a língua, o escarro e a saliva até a borda dos lábios (é o que acontece ordinariamente só com crianças). Há pessoas que cospem expressamente sobre os outros e outros que cospem no chão ou no ar. Esta sorte de asneiras e impertinências são incivilidades de que uma pessoa correta não pode ser capaz.

Qualquer pessoa deve abster-se de tossir quanto puder e precisa tomar cuidado para não o fazer à mesa, ao falar com alguém ou alguém fala com ela. Este respeito se deve particularmente à Palavra de Deus, quando se a escuta, a fim de não impedir que os outros a ouçam com facilidade. Mas não há ninguém que, ao precisar tossir em sociedade, não deva dar um jeito de o fazer raramente e sem muito ruído.

CAPÍTULO XI

Do dorso, dos ombros, dos braços e do cotovelo

É muito indecente dobrar o dorso como quem carrega um fardo pesado nos ombros; e é preciso acostumar-se e fazer as crianças tomarem o hábito de se manter sempre ereto. Também se deve evitar com cuidado erguer os ombros e fazer um dorso enorme, e se deve ter atenção de não manter os ombros obliquamente e não baixar um mais que o outro.

A boa educação não permite que, ao caminhar se voltem os ombros de um lado ao outro, como o pêndulo de um relógio, nem adiantar um antes do outro. Isto manifesta um espírito soberbo e uma pessoa que pretende mostrar-se como tal.

Também não se deve voltar o dorso e nem os ombros quando se fala a alguém ou que alguém nos fala.

É uma grande falta de cortesia estender e alongar os braços, torcê-los de um lado e do outro, mantê-los atrás do dorso, ou colocá-los no lado, como algumas vezes fazem as mulheres quando estão com raiva e proferem injúrias a outras.

Também não se deve balançar os braços ao caminhar, mesmo sob pretexto de, por esse meio, andar mais depressa e percorrer mais caminho.

Também não se deve manter os braços cruzados; esta é uma modéstia própria dos religiosos e

não convém aos seculares. A postura que lhes assenta bem é que sejam colocados na frente, levemente contra o corpo, mantendo as duas mãos uma na outra.

É totalmente contra a civilidade encostar-se ao escutar alguém que nos fala; e ainda pior é fazê-lo à mesa, e é faltar muito ao respeito para com Deus manter essa atitude ao rezar.

Evite-se com muito cuidado bater alguém ou empurrá-lo com o cotovelo, mesmo por familiaridade ou por brincadeira; nunca se deve agir assim quando se quer falar a alguém, nem mesmo colocar a mão sobre o braço dele.

Um modo bem rústico é repelir alguém que se chega até nós para nos falar, erguendo o braço como para bater e para o afastar de nós, ou empurrando-o rudemente com o cotovelo. A mansidão, a humildade e o respeito para com o próximo devem sempre se manifestar em nossa conduta.

CAPÍTULO XII (*O original traz: Capítulo VII*)

Das mãos, dos dedos e das unhas

É cortês ter e manter sempre as mãos limpas e é vergonhoso aparecer com mãos pretas e sujas; tais coisas somente são suportáveis da parte de operários manuais e agricultores. Para ter as mãos limpas e asseadas deve-se limpá-las cada manhã, lavá-las

exatamente antes das refeições e todas as vezes que, ao fazer algum trabalho, acontecer que fiquem sujas.

Não é decente, depois de sujar ou lavar as mãos, enxugá-las na própria roupa ou na dos outros, ou numa parede ou em qualquer lugar que possa sujar alguém.

Esfregar as mãos em presença das pessoas a quem se deve respeito, quer por causa do frio, quer por um sentimento de alegria, ou por qualquer outra razão é tomar-se muita liberdade; isto nem se deve fazer entre os amigos mais familiares.

Assenta muito mal às pessoas do mundo esconder as mãos debaixo da roupa ou tê-las cruzadas ao falar a alguém; esta atitude é mais própria dos religiosos do que dos seculares. Até não assenta bem a quem quer que seja enfiar as duas mãos nos dois bolsos e colocá-las e mantê-las nas costas. Esta é uma grosseria própria de um carregador de fardos.

Não é cortês bater com as mãos ao brincar com alguém; isto denota coisa de aluno e só pode ser feito por alguma criança estouvada e de mau comportamento.

Ao falar, na conversação, não se deve bater com as mãos, nem fazer gesto algum e evitar cuidadosamente tocar as mãos da pessoa com quem se fala; seria muito pouco honesto e respeitoso para com ela. Muito menos cortês ainda seria puxar os botões, as luvas, a gravata, ou o manto de alguém ou até tocar nisto com as mãos.

Colocar sua mão na mão de uma pessoa por civilidade é dar a ela um sinal de amizade e de união particular. Por isso é que isto se deve fazer ordinariamente só com pessoas que são de mesma posição, pois a amizade só pode existir entre pessoas que não tenham nada uma acima da outra.

Nunca é permitido a uma pessoa que deve respeito a outra dar-lhe a mão para mostrar-lhe estima ou afeição. Seria faltar de respeito que se deveria ter para com essa pessoa e usar com ela uma familiaridade demasiado indiscreta. Contudo, se uma pessoa de qualidade ou que é superior colocar sua mão na de outra que lhe é inferior, esta deve aceitar a honra, oferecer a mão imediatamente e receber esse favor como testemunho singular de bondade e de benevolência.

Quando se dá mão a alguém, como sinal de amizade, sempre se deve apresentar a mão descoberta e é contra os bons modos manter então a luva na mão; mas quando alguém a apresenta para a amparar num passo em falso, ou então para conduzir uma mulher, deve-se por cortesia usar as luvas.

Apontar com o dedo um lugar ou uma pessoa da qual se fala ou qualquer outra que esteja longe é não saber o que é cortesia. Uma liberdade que uma pessoa honesta não se deve permitir é puxar os dedos para os alongar ou os fazer estalar. Também é uma coisa ridícula tamborilar com os dedos; são coisas de sonhador e é vergonhoso cuspir nos dedos.

Uma pessoa honesta nunca deve golpear com os dedos e nem com a mão e esses golpes com os dedos dobrados, os piparotes, devem ser-lhe completamente desconhecidos.

É muito conveniente não deixar crescer as unhas e não os ter repletos de sujeira. Por isso é bom tomar como prática cortá-las todos os oito dias, e limpá-las todos os dias tirando a sujeira que ali se acumula.

É descortês cortar as unhas na presença de outras pessoas, especialmente quando se está com pessoas a quem se deve respeito. Não se deve cortá-las com uma faca ou roê-las com os dentes; para apará-las deve-se usar uma tesoura e fazê-lo em particular ou estando com pessoas com quem se vive ordinariamente, deve afastar-se delas ao cortá-las.

Arranhar uma parede com as unhas, mesmo para tirar uma espécie de areia para secar uma escrita, arranhar os livros ou qualquer outra coisa que se tem em mãos, traçar riscos com a unha tanto sobre o cartão ou o papel; enfiar a unha numa fruta ou em qualquer outra coisa, arranhar-se a si mesmo no corpo ou na cabeça, tudo isso são faltas de cortesia nas quais não se pode cair sem baixeza de espírito e somente se deve pensar nisso para criar aversão.

CAPÍTULO XIII

Das partes do Corpo que se devem esconder e

das necessidades naturais

A cortesia e o pudor exigem que se cubram todas as partes do corpo, exceto a cabeça e as mãos. É indecente ter o peito descoberto, os braços nus, as pernas sem meias e os pés sem sapatos. Até mesmo é contra a Lei de Deus descobrir algumas partes do corpo que o pudor bem como a natureza obrigam a manter escondidas.

Deve-se evitar com cuidado e quanto possível, colocar a mão descoberta sobre todas as partes do corpo que ordinariamente não estão cobertas e, caso houver necessidade de tocá-las, que seja com precaução.

Já que devemos considerar nossos corpos como templos vivos em que Deus quer ser adorado em espírito e em verdade, e tabernáculos que Jesus Cristo se escolheu para sua morada, devemos também ter-lhes muito respeito, em vista de tão belas qualidades que possuem. E esta consideração é que nos deve levar especialmente a não tocá-los e mesmo a não os olhar sem necessidade indispensável.

É bom acostumar-se a sofrer vários pequenos incômodos, sem se voltar, esfregar, nem arranhar, sem

se remexer e sem manter outra atitude que seja indecente, pois todas essas ações e posturas inconvenientes são completamente contrárias ao pudor e à modéstia.

Ainda mais contrário à cortesia e a honestidade é tocar ou ver outra pessoa, especialmente se é do sexo diferente, o que Deus proíbe ver em si mesmo. Daí resulta que é muito indecente olhar o seio de uma mulher, e mais ainda tocá-lo, e nem sequer é permitido olhar fixamente no rosto dela.

As mulheres devem também tomar muito cuidado de cobrir decentemente todo o corpo e cobrir o rosto com um véu, de acordo com o conselho de São Paulo, visto que não é permitido deixar ver em si o que não é livre nem decente que os outros o olhem.

Ao estar deitado, deve-se procurar manter uma postura decente e tão modesta que quem se aproximar não possa ver a forma do corpo; também se deve ter cuidado de não se descobrir de tal maneira que se deixe ver nenhuma parte do corpo nu e que não esteja muito decentemente coberta.

Quando se tem necessidade de urinar e fazer algumas outras necessidades naturais que possam ser vistas, sempre se deve ir a um lugar retirado. A boa educação, mesmo das crianças, exige só as fazer em locais em que não possam ser vistas.

Muito incivil é soltar em sociedade gazes do corpo, tanto com muito ruído como com pouco ou até sem nenhum. É vergonhoso e baixo fazê-lo de maneira que possa ser ouvido pelos outros.

Nunca é cortês falar das partes do corpo que sempre devem estar cobertas, nem de certas necessidades do corpo a que a natureza sujeitou os homens, nem sequer nomeá-las. E se alguma vez não se pode dispensar disto com um doente ou de uma pessoa indisposta, deve-se fazê-lo de maneira tão educada que os termos usados não possam chocar em nada a boa cortesia.

CAPÍTULO XIV

Dos joelhos, das pernas e dos pés

A boa educação exige que, ao estar sentado, se mantenham os joelhos em sua atitude natural; indecente é juntá-los e afastá-los demais; mas principalmente é muito descortês cruzar um sobre o outro, principalmente quando se está com mulheres.

Assenta muito mal remexer as pernas ao estar sentado, mas é insuportável balanceá-los; nunca se deve permitir que as crianças o façam por ser tão contra a cortesia.

Colocar as pernas uma sobre a outra é de muito mau gosto e nunca se deve fazer, nem sequer diante dos empregados.

Deve-se tomar cuidado de não ter os pés com suor e não exalem mau cheiro, especialmente durante o verão, porque isto é, por vezes, muito incômodo para os outros. Para que este inconveniente não aconteça

deve-se ter cuidado de manter sempre os pés bem limpos.

Quando se está de pé, é cortês manter os pés meio para fora e os calcanhares afastados por cerca de quatro dedos um do outro. É indecente remexer muitas vezes os pés e mais ainda bater com os pés contra o chão, como fazem os cavalos.

Os espíritos naturalmente sonhadores ou levianos, devem prestar muita atenção sobre si mesmos para não cair nesta espécie de defeitos.

Manter os pés estendidos diante de si ou colocar o pé ora sobre um, ora sobre o outro é uma atitude que denota relaxamento.

Quando se está com outras pessoas, não se deve manifestar que se está cansado de estar de pé, como se pode julgar por estas espécies de atitudes, principalmente quando se está com pessoas que, por sua qualidade ou por sua dignidade, são superiores.

Quando se está sentado deve-se tomar especial cuidado na atitude dos pés e não golpear seguidamente o chão como se estivesse batendo o tambor e não os balancear e remexer como a brincar; isto é infantil, e nem sequer pode ser suportado nas crianças. Também não se deve cruzá-los um sobre o outro, não revirá-los colocando a parte traseira do calcanhar ou os artelhos no chão e não levantar os pés no ar a parte frontal dos pés, mas deve-se pousá-los ambos inteiramente no chão e mantê-los fixamente parados.

Também se deve ter cuidado de afastar os calcanhares e não colocar a ponta e o calcanhar dos dois pés um contra o outro.

Podem-se cometer faltas consideráveis contra a cortesia a respeito dos pés ao caminhar, pois é muito inconveniente arrastar os pés ou andar atravessado. É preciso cuidar muito para não os assentar demais para dentro ou para fora. Não assenta bem caminhar nas pontas dos pés; e não o é menos caminhar por saltos como se a pessoa estivesse a dançar; ou também esfregar os calcanhares uns contra os outros. É inteiramente contrário aos bons modos e contra a modéstia bater rudemente com os pés no chão, ou no assoalho.

Quando se está de joelhos, deve-se cuidar muito de não cruzar os pés. Também não se deve apertá-los demais. É vergonhoso então sentar sobre os calcanhares, o que é sinal de um coração afeminado e de alma vil, e só pode ser o efeito de uma grande falta de energia e de moleza inteiramente sensual.

É muito descortês e até vergonhoso golpear com os pés nas pessoas, em qualquer parte do corpo que seja. Isto não é permitido a ninguém, nem sequer a um patrão para com seus empregados.

Esta espécie de castigo é própria de um homem violento e passional e não de um cristão que só deve ter e manifestar a bondade, a moderação e sabedoria em toda a sua conduta.

SEGUNDA PARTE

Da cortesia nas ações comuns e ordinárias

CAPÍTULO I

Do levantar e do deitar

Embora a boa educação não tenha regras no que se refere ao tempo em que se deve estar deitado e em que se deve levantar, é conveniente levantar-se desde o amanhecer, porque, além de ser um defeito o dormir demais, é uma coisa vergonhosa e insuportável, diz Santo Ambrósio⁶, que o sol levante nos encontre na cama.

Também é mudar e inverter a ordem da natureza fazer do dia a noite e da noite o dia, como fazem alguns. É o demônio que leva a agir assim: como ele sabe que as trevas dão ocasião ao pecado, é fácil que façamos nossas ações durante a noite. Sigamos antes o conselho de São Paulo. Deixemos - diz ele - as obras das trevas e caminhemos, isto é, trabalhemos com bons modos, como se deve fazer durante o dia. Para isto sirvamo-nos das armas da luz, demos a noite ao sono, e empreguemos o dia para fazer

⁶ Sermão 19º sobre o Salmo 118.

todas as nossas ações. Certamente teríamos vergonha e confusão fazer em pleno sol as obras de trevas, e misturar em nossas ações alguma coisa de desregrado, quando não podemos ser vistos.

Portanto é completamente contrário à boa educação, conforme São Paulo nos insinua, deitar-se como fazem algumas pessoas, no começo do dia e levantar-se pelo meio-dia. É muito conveniente tanto para a saúde como para o bem da alma, não se deitar mais tarde do que às dez horas e não se levantar mais tarde do seis horas da manhã. Deve-se então dizer a si mesmo estas palavras de São Paulo, e advertir os que são retidos na cama pela preguiça: Chegou a hora de despertar de nosso sono; a noite passou, e o dia está adiantado, a fim de poder depois dirigir a Deus estas palavras do Profeta Rei: Ó meu Deus, tu és o meu Deus, desde a aurora te procuro⁷.

Não é próprio de uma pessoa honesta fazer-se chamar várias vezes para se levantar, nem hesitar durante muito tempo para o fazer. Portanto, assim que se desperta, deve-se levantar imediatamente, etc.

Também é indecente e pouco honesto ficar conversando para se divertir, brincar ou jogar sobre a cama, porque a cama foi feita para descansar o corpo fatigado pelo trabalho e pelas ocupações que se teve durante o dia. Deve ser usada somente para repousar e por conseguinte não se deve ficar nela quando não se precisa mais de repouso.

⁷ SI 63 (62), 2

Também não convém que um cristão se deixe ir a essa sorte de divertimentos e de brincadeiras que facilmente poderiam apagar as boas idéias que se poderia ter na mente.

Portanto, assim que se desperta, é preciso levantar-se prontamente e fazê-lo com tanta circunspeção que nenhuma parte do corpo apareça nua mesmo que se estivesse sozinho no quarto.

O amor que se deve ter à pureza, bem como a honestidade devem levar os que são casados a não permitir que alguma pessoa de sexo diferente entre no quarto em que dormem, até estarem completamente vestidos e a cama arrumada. Por isso é conveniente que tranquem a porta de seu lado quando estão dentro.

Ao sair da cama, ela não deve ficar descoberta, nem colocar a boina de dormir sobre uma cadeira ou em qualquer outro lugar em que possa ser vista.

A cortesia exige que se arrume a cama antes de sair do quarto, ou se ela é arrumada por outra pessoa, que ao menos fique coberta decentemente e de tal maneira que pareça como se estivesse arrumada, porque é muito indecente ver uma cama descoberta e mal feita.

Também se deve ter o cuidado de esvaziar ou fazer esvaziar o penico assim que se levantou e evitar cuidadosamente esvaziá-lo pela janela ou na rua. Isto é totalmente contrário à boa educação. Deve-se também fazer de modo que ele fique bem limpo, que não se acumule sujeira no fundo e cause fedor; por isso deve-se lavá-lo e deitar-lhe água todos os dias.

É muito descortês fazer que apareça o penico com urina diante de alguém e ao esvaziá-lo. Por isso convém tomar bem seu tempo para que ninguém o possa perceber.

Deve-se ter um horário determinado tanto para o deitar como para o levantar, pois não é menos importante fazer esta última ação do dia quanto a primeira.

A boa educação requer que a pessoa se deite ordinariamente, no mais tardar, cerca de duas horas depois do jantar.

As crianças não devem ir dormir antes de terem ido saudar seu pai e sua mãe e sem lhes desejar Boa Noite. Este é um dever e um respeito que a natureza quer que lhes seja prestado.

Como a pessoa deve levantar-se com muita modéstia e, ao fazê-lo, dar sinais de sua piedade, deve também fazer o mesmo ao se deitar de maneira cristã, isto é deitar-se depois de ter rezado e com toda honestidade possível. Para isso não se despir nem se deitar diante de alguém. De maneira especial, exceto as pessoas casadas, não se deve deitar com pessoa de outro sexo, porque isto é completamente contra o pudor e a honestidade.

Ainda menos permitido a pessoas de sexo diferente é deitarem na mesma cama a não ser quando se trata de crianças bem novas. Também é próprio da honestidade que pessoas de mesmo sexo não durmam juntas na mesma cama. É o que São Francisco de Sales recomendava a Madame de Chantal a respeito dos

filhos dela, quando ainda estava no mundo, como sendo uma coisa de muita importância, e que ele considerava tanto como prática de boa educação como um princípio de moral e de piedade cristã.

A boa educação também exige que ao se deitar, se cubra o próprio corpo e se evitem os menores olhares. Os pais e as mães devem inspirar isto muito a seus filhos para lhes ajudar a conservarem o tesouro da pureza que lhes deve ser muito cara e para conservarem ao mesmo tempo a verdadeira honra de serem membros de Jesus Cristo e consagrados a seu serviço.

Logo depois que se está na cama, deve-se cobrir todo o corpo, fora o rosto, que sempre deve ficar descoberto. Também, para estar mais cômodo, não se deve tomar uma posição indecente, nem sob pretexto de assim dormir melhor, seria contra a boa educação. Não é cortês recurvar as pernas, mas estirá-los e convém deitar-se ora de um, ora de outro lado; pois não é honesto dormir deitado sobre o ventre.

Quando, por uma necessidade indispensável, se está obrigado em viagem, a dormir com alguma pessoa do mesmo sexo, não é de boa educação chegar-se muito perto, até não só se incomodar mutuamente, mas até se tocar, e menos ainda colocar suas pernas entre as da pessoa com quem se está deitado.

Também não é honesto falar enquanto se está deitado porque a cama foi feita só para repousar. Assim que se está nela, a pessoa deve se dispor a dormir.

Deve-se procurar evitar qualquer ruído e não roncar ao dormir. Também não se deve rolar muitas vezes de um e de outro lado na cama, como se se estivesse inquieto e não soubesse de que lado se deitar.

CAPÍTULO II

Da maneira de se vestir e desvestir

O pecado foi que nos colocou na necessidade de nos vestir e cobrir nosso corpo com roupa. Por isso é que, como sempre levamos conosco a qualidade de pecadores, nunca devemos aparecer, não somente sem roupa, mas até sem estar completamente vestidos. É o que o pudor e a Lei de Deus exigem.

Embora muitas pessoas se dêem a liberdade de estar freqüentemente de pijama sem qualquer outra roupa, às vezes até de chinelos, e embora pareça permitido fazer tudo vestido assim, contanto que não se saia fora de casa, deve-se contudo ter um exterior muito negligente ficar por muito tempo vestido assim.

Parece ser contra os bons modos vestir o pijama por comodidade assim que se volta para casa e se deixar ver vestido assim. Somente os anciãos e pessoas doentes podem fazer isso. Até seria faltar de respeito a qualquer pessoa que não fosse inferior, receber uma visita nesse estado.

Mais indecente ainda é não usar meias na presença de alguém ou só ter o corpo todo coberto pela camisa ou uma simples bermuda. Não se pode suportar ter uma boina de dormir quando se está fora da cama, exceto quando se está enfermo, porque ele é feito só para ser usado durante o repouso. É muito conveniente acostumar-se a nunca falar a alguém a não ser com os serventes da casa, sem estar vestido com todas as roupas ordinárias; isto é próprio de um homem honesto e bem correto em sua conduta.

A honestidade também requer vestir-se prontamente e tomar a roupa que mais cobre o corpo para ocultar o que a natureza não quer que apareça. Sempre se deve fazer isso por respeito diante da majestade de Deus que sempre se deve ter diante dos olhos.

Há mulheres que precisam de duas a três horas e algumas mesmo manhãs inteiras para se vestirem. Delas se poderia dizer com acerto que seu corpo é seu Deus e que o tempo que empregam para se enfeitar elas o roubam. Àquele que é seu único vivo e verdadeiro Deus e ao cuidado que precisam tomar de sua família e de seus filhos, que sempre devem considerar como deveres indispensáveis de seu estado. Sem dúvida, elas não podem agir assim sem se oporem à Lei de Deus.

Descortês e desonesto é desvestir-se na presença de outras pessoas, e se descalçar para refrescar os pés descalços. Até mesmo é contra a educação tirar os sapatos ou levantar os pés para se

esquentar mais facilmente quando se está em sociedade. Isto algumas vezes acontece a pessoas que procuram sua comodidade, mas é de todo contrário à boa educação.

Ainda muito mais descortês ao se descalçar é fazer saltar sujeira sobre as pessoas presentes; e é uma vergonha olhar para dentro das meias, virá-las às avessas, sacudi-las, retirar-lhes a sujeira e raspar as sujeiras na presença ou à vista de qualquer outra pessoa fora o pessoal de serviço doméstico; mas é alguma coisa ainda muito mais insuportável, ao se descalçar, jogar a sujeira no rosto de alguém.

Como a cortesia exige que, ao se vestir, se vistam primeiro as roupas que mais cobrem o corpo, também é cortês, ao se desvestir, tirar essas mesmas roupas por último de todas, a fim de não ser visto sem estar vestido de maneira decente.

Quando uma pessoa se despe, deve ter o cuidado de colocar sua roupa em ordem quer sobre uma cadeira, quer em outro lugar próprio e onde ela possa facilmente encontrá-la no dia seguinte, sem que esteja obrigada a procurá-la.

Durante o inverno se poderia colocar a roupa sobre a cama, caso não se tivesse outra coisa para se cobrir; mas, nesse caso, deve-se ter cuidado de colocá-la às avessas para não a sujar. Contudo é mais conveniente não se cobrir com ela.

CAPÍTULO III

Do Vestuário

ARTIGO PRIMEIRO

Da limpeza e da Moda da Roupa

A limpeza na roupa é uma das coisas que dizem respeito à cortesia. Ela serve até muito para dar a compreender o espírito e a vida de uma pessoa; também muitas vezes dá uma boa idéia de sua virtude, o que não é sem fundamento.

Para que a roupa seja apropriada é preciso que convenha à pessoa que a veste e proporcionada a seu tamanho, sua idade e sua condição.

Nada é mais repelente do que uma roupa que não convém ao tamanho da pessoa que a usa, isto desfigura completamente um homem, especialmente quando é ampla demais e quando tem uma largura ou comprimento maior do que convém à pessoa que a usa. Ordinariamente é melhor que uma roupa seja mais curta e mais estreita do que deveria ser, do que ser larga e longa demais.

Também é preciso que uma roupa seja própria à idade da pessoa para a qual foi feita, porque não assenta bem que uma criança vista como um jovem, nem que a roupa de um jovem não seja mais florida do que a de um ancião.

Por exemplo, seria contra a cortesia que um rapaz de 15 anos fosse vestido de preto, exceto se for

eclesiástico ou se esteja preparando para sê-lo dentro de pouco tempo. Seria ridículo que um jovem que pensa em casar usasse uma roupa tão simples e despojada como a de um velho de setenta anos. O que convém a um, com certeza não convém ao outro.

Não é menos importante que a pessoa que manda confeccionar uma roupa tenha cuidado de sua condição. Pois não assentaria bem que um pobre viesse vestido como um rico e que um plebeu quisesse vestir como uma pessoa de qualidade.

Há certos vestuários, tais como as vestes unidas, de pano preto que não deve ser demasiado fino e que são de uso corrente e que podem ser usadas por qualquer pessoa, exceto os pobres, embora pareça mais de boa educação que os operários deixem as roupas de pano para as pessoas que são de uma condição elevada acima da deles.

No que se refere ao vestuário com alguns enfeites, eles convém somente a pessoas de condição elevada.

Uma roupa com galões de ouro ou de pano precioso só pode assentar bem numa pessoa de qualidade e um trabalhador braçal que quisesse usar algo desse tipo, seria alvo de zombaria; além de fazer um gasto certamente desagradável a Deus, por estar acima do que pede sua condição, e do que suas posses lhe podem permitir. Também seria muito descortês se um lojista usasse um chapéu com plumas e uma espada no flanco.

Também as mulheres devem fazer que seus vestidos estejam conforme sua condição; e, se pode ser tolerável que uma mulher de qualidade use uma saia com bordados de ouro, tal não convém de maneira alguma a uma cristã; isto seria inconveniente para uma burguesa; ela também não poderia ter um colar de pérolas finas ou algum diamante de certo quilate, sem se erguer acima de sua condição.

A maior negligência no vestuário não está menos em evitar do que na demasiada curiosidade. Estes dois excessos são igualmente censuráveis, o afeto a eles é contrário à Lei de Deus, que condena o luxo e a vaidade no vestir e em todos os enfeites exteriores. A negligência no vestuário é sinal de que não se presta atenção à presença de Deus, ou então que não se tem bastante respeito para com Ele. Ela manifesta também que não se tem respeito a seu próprio corpo, o qual porém se deve honrar como Templo animado do Espírito Santo e o Tabernáculo em que Jesus Cristo tem a bondade de querer repousar muitas vezes.

Se, portanto, se quiser ter um vestuário que seja correto, deve-se seguir o costume do lugar e vestir mais ou menos como as pessoas de sua condição e de sua idade. Contudo, é importante tomar cuidado para que não haja nem luxo nem qualquer coisa supérflua no vestuário, e se deve evitar tudo o quanto fosse pomposo e ressimta mundanismo.

O que pode dar a melhor regra para se vestir corretamente é a moda; é indispensável segui-la, pois a inteligência humana está muito sujeita à mudança; e o

que lhe agradava ontem, não lhe agrada mais hoje. Por isso inventaram-se e ainda se inventam todos os dias diferentes maneiras de se vestir para satisfazer esse espírito de mudança; e quem quisesse vestir-se como a gente se vestia há trinta anos, passaria por ridículo e por esquisito. Entretanto a conduta de um homem honesto é nunca se distinguir em nada.

Moda é o nome que se dá à maneira na qual se fabrica o vestuário no tempo presente. É preciso conformar-se a ela tanto para o chapéu e ao tecido, como para as peças de roupa. Seria contra a boa educação que um homem usasse um chapéu de copa alta ou aba larga, quando toda a gente usa chapéu baixo e aba curta.

Contudo não se deve entrar em primeiro lugar nas modas; há algumas que são caprichosas e extravagantes, como há outras que são razoáveis e honestas. Assim como não se deve fazer oposição a estas, não se deve seguir indiscretamente as outras que ordinariamente somente são seguidas por um pequeno número de pessoas e não são de longa duração.

A regra mais segura e razoável tocante à moda é não ser o inventor dela, os primeiros a usá-la, e não aguardar que não haja mais ninguém que a segue, para abandoná-la.

Para os eclesiásticos, sua moda deve ter um exterior e roupa de acordo com os eclesiásticos mais piedosos e regulares em sua conduta, seguindo nisso o conselho que são Paulo dá, que é: não se conformar com o mundo.

ARTIGO II

Da modéstia e da limpeza do vestuário

O meio de limitar a moda no tocante ao vestuário e impedir os que a seguem de se excederem é submetê-la e reduzi-la à modéstia que deve ser a regra do comportamento de um cristão em tudo o que se refere ao exterior. Para ter roupa modesta é preciso que nela não haja qualquer aparência de luxo, nem vaidade. Também é sinal de baixeza de espírito apegar-se a certas roupas, procurar as mais vistosas e suntuosas; e quem o faz se torna desprezível da parte de todas as pessoas de bom senso. Mas o que muito mais importante é que renunciem publicamente às promessas contraídas no Batismo e ao espírito do Cristianismo. Pelo contrário, quem despreza esta espécie de vaidades manifesta que tem um coração grande e um espírito muito elevado. Com efeito tais pessoas manifestam que estão mais interessadas em adornar sua alma com virtudes, do que satisfazer seu corpo; e manifestam pela modéstia de seu vestuário, a sabedoria e a simplicidade de sua alma.

Como as mulheres são naturalmente menos capazes de grandes coisas do que os homens, elas também estão mais sujeitas a procurar a vaidade e o luxo no vestuário do que os homens. Por isso é que são

Paulo⁸, depois de um esforço para exortar os homens a evitarem os vícios mais grosseiros em que eles caem mais facilmente do que as mulheres, recomenda no fim às mulheres que se vistam modestamente, não se enfeitem de ouro, nem de pérolas, nem se roupa suntuosa; mas se vistam como devem fazê-lo mulheres que mostram por suas boas obras, que professam a piedade.

Depois desta regra do grande Apóstolo, não há mais nada a prescrever aos cristãos, a não ser que a sigam e imitem nisso os cristãos dos primeiros séculos, que edificavam toda a gente pela modéstia e a simplicidade de seu vestuário.

Para os homens é vergonhoso o que se encontra algumas vezes, ser efeminados a ponto de se vangloriarem de sua roupa de muito valor e quererem atrair a consideração por isso. Eles deveriam elevar seu espírito mais alto ao pensar que a roupa é sinal vergonhoso do pecado; e ao se considerarem como nascidos para o céu, deveriam ter cuidado para tornarem sua alma bela e agradável a Deus.

Este é o conselho que são Pedro⁹ dá às mulheres, dizendo-lhes até que desprezem o que aparece por fora e não se enfeitem em nada com roupa vistosa, mas enfeitem por dentro o coração da pessoa, por meio da pureza incorruptível de um espírito tranqüilo e modesto, riquíssimo diante de Deus.

⁸ Tm 2, 10

⁹ 1Pd 3, 3-4

Deve-se ter um cuidado especial de manter sempre a roupa muito limpa. A modéstia e a cortesia não podem suportar nada de sujo e negligente. Assim, os que deixam sua roupa, seu chapéu ou os sapatos cobertos de poeira pecam contra a modéstia, bem como os que saem e aparecem por fora com roupa manchada. Isto sempre é sinal de grande negligência.

Também assenta muito mal deixar que a gordura ou manchas apareçam na roupa e tê-la suja e esfarrapada; isto é sinal de uma pessoa de pouca educação e conduta má.

A roupa branca interna não deve ser menos limpa do que a externa. Para isso deve-se tomar cuidado de não deixar cair tinta na camisa quando se escreve e não a sujar por negligência, quer ao comer, quer ao fazer qualquer outra coisa. Também se deve trocar muitas vezes e pelo menos todos os oito dias e fazer com que sempre seja branca.

ARTIGO III

Do Chapéu e da maneira de o usar

O chapéu serve de ornamento da cabeça do homem e para o proteger contra uma série de coisas desagradáveis. Trazê-lo sobre as orelhas, colocá-lo muito em frente da cabeça como para esconder o rosto, mantê-lo por trás da cabeça de maneira que caia sobre os ombros, são todas maneiras ridículas e

inconvenientes; mas dobrar-lhe as abas na frente para cima tão alto como o cilindro é um gesto de altivez insuportável. Quando se saúda alguém, deve-se tomar o chapéu com a mão direita, tirá-lo inteiramente da cabeça e de maneira que seja honesta, estendendo o braço até em baixo e segurando o chapéu pela aba e o lado que deve cobrir a cabeça para fora. Se alguém tira o chapéu nas ruas, quer ao passar diante de alguma pessoa para a saudar, deve fazê-lo um pouco antes de estar perto dela, e não se cobrir senão quando esteja afastado dessa pessoa. Ao se saudar alguém enquanto se dirige a ela, deve-se tirar o chapéu cinco ou seis passos antes de se aproximar; e quando se entra num lugar em que se encontra uma pessoa de qualidade, ou à qual se deve muito respeito, é preciso tirar sempre o chapéu antes de entrar naquele lugar. Se os que estão naquele lugar estão de pé e descobertos, tem-se a obrigação de se manter na mesma atitude. Depois de ter tirado o chapéu com muita educação, deve-se voltar a parte interna contra si sobre o estômago no lado esquerdo. Ao estar sentado, deve-se ter o chapéu baixado, é de cortesia mantê-lo sobre os joelhos com a parte interna voltada para si e a mão esquerda em cima.ou embaixo.

É uma grande falta de cortesia ao falar com alguém rodar o chapéu, arranhar sobre ele com os dedos, tamborilar sobre ele, tocar no cordão do chapéu, olhar para dentro dele ou ao redor dele, colocá-lo diante do rosto ou sobre a boca, de maneira que não se possa ser compreendido ao falar. É alguma coisa muito

mais vil morder a aba quando se segura o chapéu em frente da boca.

As ocasiões em que a pessoa se deve descobrir e tirar o chapéu são: 1º quando ela se encontra num lugar em que há pessoas de importância; 2º quando saúda alguém; 3º quando dá ou recebe alguma coisa; 4º ao sentar à mesa; 5º ao ouvir pronunciar o santo Nome de *Jesus* e de *Maria*, exceto quando estiver à mesa, pois então somente deve inclinar a cabeça; 6º quando estiver diante das pessoas a quem deve muito respeito, como quando estiver com eclesiásticos, magistrados e outras pessoas importantes. Diante dessas pessoas é preciso descobrir-se, mas não é necessário permanecer descoberto, a menos que se esteja numa situação muito inferior. Também é preciso descobrir-se diante de todas as pessoas que são superiores e não voltar a se cobrir antes de receber a ordem de fazê-lo; mas depois de se ter coberto não se deve tirar o chapéu cada vez que se diz ou se faz alguma coisa, isto seria importuno e incômodo para as pessoas a quem se fala, bem como para a pessoa que fala.

Contra a boa educação é tirar o chapéu quando alguém está à mesa, exceto quando aparecesse alguma pessoa que merece muita consideração.

Contudo, se alguma pessoa de alta qualidade bebe à saúde de alguém ou lhe apresenta alguma coisa, aquele a quem ela se dirige deve se descobrir. Se à mesa estiver alguma pessoa de alta qualidade que esteja sem chapéu para estar à vontade, não se deve

imitá-la; isto seria demasiado familiar, sempre se deve permanecer coberto.

Quando alguém nos fala descoberto, ordinariamente sempre se deve dizer-lhe que se cubra caso formos superior a ele. Pode-se então dizer: Cubra-se, meu Senhor. Esta maneira de falar contudo somente é permitida com pessoas que estão muito abaixo da nossa condição.

Pedir que uma pessoa acima de nossa condição se cubra é uma grande falta de cortesia. Isto se pode fazer bem com pessoas familiares e que são de igual condição que a nossa; mas que não seja em forma de ordem nem feito com palavras de quem manda. Deve-se fazê-lo quer por sinal e se cobrir também ao mesmo tempo ou por um algum circunlóquio, dizendo, por exemplo: o senhor poderia ficar doente com a cabeça descoberta, ou usar palavras familiares, se se está com algum amigo, como estas: Você não vai querer que ponhamos o chapéu?

ARTIGO IV

Do manto, das luvas, das meias e dos sapatos, da camisa e da gravata.

A cortesia exige que se vista o manto sobre os dois ombros e que não fique pendendo pela frente e não arregaçado sobre o braço. Ainda mais descortês é dobrá-lo debaixo do cotovelo; e a cortesia pede que seja usado à mesa.

Não se deve entrar de manto num lugar onde estão reunidas pessoas importantes. Nas casas dos príncipes a pessoa se exporia a algumas censuras ou até a ser expulsa.

É falta de educação puxar pelo manto ou pela roupa uma pessoa a quem se quer falar, especialmente se ela for de qualidade ou de condição superior.

Sinal de boa educação é ter as luvas calçadas quando se anda pela rua, quando se está em companhia, e quando se vai para o campo; e é inconveniente segurá-las na mão, remexer e brincar com elas, e servir-se delas para dar golpes em alguém; isto é jeito de estudante.

Ao entrar na igreja deve-se retirar as luvas antes de tomar água benta, ao rezar e antes de ir à mesa.

Quando se quer saudar alguém e lhe fazer uma profunda reverência como para beijar a mão, deve-se ter então a mão descoberta, e basta para isso retirar a luva da mão direita. Também é de boa educação agir assim quando se dá ou se recebe alguma coisa.

É falta de educação tirar e pôr constantemente as luvas em sociedade; também é descortês levá-las à sua esquerda para as roer ou sugar, colocá-las sob o braço esquerdo, pôr somente a luva da mão esquerda e manter com essa mão a luva da direita, ou colocá-las no bolso quando se deveria ter as mãos dentro delas.

É muito vergonhoso deixar cair as meias sobre os calcanhares por não as prender. Deve-se ter o cuidado de as esticar bem para que não façam dobras na perna e nunca se deve suportar que apareçam,

mesmo por um pouco, rasgadas ou que haja alguma peça que sai fora do sapato, nem que sejam tão apertadas que se possa ver a perna através delas.

A respeito dos sapatos deve-se tomar cuidado para que estejam devidamente fechados por fivela ou amarrados por cordão.

É falta de cortesia usar os sapatos como chinelos, tanto em casa como fora dela; a educação pede mantê-los sempre limpos.

Sempre se deve manter suas roupas fechadas na frente especialmente sobre o peito, de modo que a camisa não apareça e é uma negligência que seria imperdoável deixar cair as mangas da camisa sobre o punho, por falta de as prender, ou arrastar os cordões da cueca; até atrairia vergonha deixar aparecer sua camisa em algum ponto.

A boa educação não suporta que se tenha o pescoço nu e descoberto, mas quer que sempre se use uma gravata ao redor dele quando se sai ou quando se permanece em casa, quando despido, ou doente sempre se tenha um lenço limpo para o cobrir.

ARTIGO V

Da espada, da baguete, da bengala e do bastão.

Assenta muito mal e é completamente contra a ordem de uma polícia bem organizada que um burguês carregue uma espada, a menos que esteja em viagem

ou no campo. Contudo uma criança pode carregá-la caso for de classe nobre.

É falta de cortesia revirar o talabarte da espada diante de si, e mais ainda colocar sua espada entre as pernas.

Não se deve manter a mão sobre o copo da espada quando se fala a alguém ou em passeio; basta colocar ali a mão quando se está obrigado a puxar a espada.

Por mais generoso que possa parecer quem sempre está pronto para desembainhar a espada quando se lhe diz uma palavra atravessada ou se lhe quer dizer um insulto, fique certo que isto não é honesto nem cristão. Pois somente a paixão e o amor à honra vã e imaginária fazem agir assim. Portanto, é contra a boa educação ser tão rápido em se defender de alguma injúria ou de algum ultrage; e as regras do Evangelho querem que se sofram as injúrias com paciência.

Jesus Cristo¹⁰ até mandou que são Pedro remetesse sua espada na bainha quando este quis usá-la para defender seu mestre.

Ao estar sentado deve-se colocar a espada a seu lado puxando o talabarte ou o cinturão o mais possível para trás de si. O mesmo se deve fazer quando se senta à mesa e tomar cuidado para que a espada esteja atrás de si ou entre as cadeiras de modo que não possa incomodar ninguém; não é conveniente tirá-la nesta ocasião.

¹⁰ Mt 26, 52

Quando alguém estiver obrigado a puxar a espada, não deve fazê-lo sem as luvas nem colocá-la sobre a cama com as luvas; isto seria uma grande falta de cortesia. Deve colocá-las num lugar próprio, fora da visão das pessoas que podem entrar no quarto ou com quem se está.

Se acontece que uma pessoa de grande qualidade entra no local de alguém que tem o direito de levar a espada, deve recebê-la com as luvas na mão e a espada a seu lado. Quanto aos que não levam espada, tenham as luvas em mão e o manto sobre os dois ombros.

A boa educação quer algumas vezes que se use uma bengala, mas só a necessidade é que pode permitir ter uma bengala na mão.

Assenta mal levar uma baguete, ou bengala pequena em casa dos Grandes: mas lá pode-se ter em mãos uma bengala grossa em caso de enfermidade ou se tenha necessidade para se manter de pé ou para caminhar com mais facilidade.

É também muito descortês ficar brincando com uma baguete e usá-la para bater no chão ou os cascalhos para fazer saltar pedrinhas. Totalmente mal educado é erguê-la como se quisesse bater em alguém. Nunca é permitido usar dela para tocar alguém com ela ainda que fosse por brinquedo.

Ao estar em pé a pessoa não se deve apoiar inconvenientemente sobre a bengala ou a baguete, como acontece algumas vezes com os agricultores. Também não se deve segurá-la firme contra o chão

como se faria com um bastão, o que manifestaria uma certa dignidade ou alguma autoridade na pessoa. Mas convém manter a baguete suspensa no ar, de maneira educada e modesta ou deixá-la tocar no chão sem se apoiar nela.

Ao caminhar, é contra a boa educação carregar uma bengala ou uma baguete debaixo do braço; e não o é menos arrastá-la com negligência no barro, e é ridículo apoiar-se nela de um modo que ressinta orgulho ou riqueza; e quando se faz gestos ou alguma outra coisa, é muito descortês segurar uma bengala ou uma baguete na mão direita.

Quando se está sentado, não se deve usar uma baguete ou uma bengala para escrever na areia ou para desenhar figuras. Isto manifesta que se é um sonhador ou mal educado. Também não é bom colocar a bengala sobre as cadeiras, mas deve-se mantê-la diante de si de maneira decente.

Antes de sentar à mesa, nunca se deve colocar a baguete ou a bengala sobre a cama; isto é falta de cortesia, mas deve-se colocá-la num lugar fora do alcance da vista da gente. Se a pessoa usa um bastão, não o pode apoiar contra a parede. Sempre se deve deixar a baguete ou a bengala quando se depõe a espada e as luvas.

CAPÍTULO IV.

Da alimentação

É uma inclinação tão natural para o homem procurar o prazer no beber e no comer, que são Paulo, ao exortar os cristãos a fazerem todas as suas ações por amor e para a glória de Deus, se sentiu obrigado a se referir particularmente ao beber e ao comer, pois é muito difícil comer sem ofender a Deus e a maioria dos homens só come como os animais, e para sua satisfação.

Contudo não é menos contrário à boa educação do que contra as regras do Evangelho manifestar-se apegado ao beber e ao comer. Conforme a expressão de são Paulo¹¹, isto seria pôr sua glória no que nos deveria ser causa de vergonha. Por isso é próprio de uma pessoa honesta falar pouco desta ação e do que a ela se refere. E quando alguém está obrigado a falar disso, deve fazê-lo sobriamente e com circunspeção de maneira que manifeste que não lhe tem qualquer apego e que, de forma alguma, procura os pedaços melhores. Não é honesto nem de boa educação elogiar um banquete ou uma refeição de que se participou, nem dos que foram os convivas e sentir prazer em enumerar os pratos servidos ou o que se ofereceu para comer.

Uma das maiores censuras e das mais injuriosas que os judeus podiam fazer, embora injustamente, a

¹¹ Fp 3,19

Nosso Senhor, foi que ele gostava de vinho e de mesa lauta¹². Esta também é a que mais magoa uma pessoa honesta e com razão, porque nada revela mais baixeza de espírito. E este primeiro efeito dos excessos da boca, conforme a Palavra de Jesus Cristo é tornar pesado o coração e a conseqüência funesta do excesso de vinho, conforme são Paulo, é que leva à impureza.

Não há nada mais contrário à boa educação do que sempre ter em casa a toalha de mesa pronta, porque isto manifesta que em nada mais se tem interesse e nada mais se procura do que encher o ventre e dele fazer um deus, como diz são Paulo. Com efeito, essa mesa sempre preparada é como um altar sempre pronto para lhe oferecer carnes que são as vítimas que lhe são sacrificadas.

Não menos contra a honestidade é comer e beber a toda hora e sempre estar pronto a fazê-lo; isto é coisa de comilão e de bêbado, ao contrário, próprio do homem honesto e educado é regular de tal modo a hora e o número das refeições de modo que só um negócio urgente e extraordinário possa mudar o horário, ou quando tiver obrigação de fazer companhia a alguma pessoa não esperada, o façam comer fora da hora regulamentar.

Como há pessoas que todos os dias, ou pelo menos muitas vezes, têm encontros com seus amigos para o jejum ou para a merenda e que nessas refeições comem e bebem em excesso, é dever do

¹² Mt 11, 19

cristão que quer levar uma vida regular desligar-se de tais companhias.

A prática mais ordinária das pessoas bem educadas, ao tomarem o jejum, é tomar um pedaço de pão e beber um copo ou dois; fora disso é preciso contentar-se com o jantar ou o almoço, como é costume entre as pessoas educadas e regulares, que julgam que essas duas refeições são suficientes para satisfazer as necessidades da natureza.

É falta de boa educação, e aliás revela uma pessoa do campo, apresentar a beber aos que nos visitam e instigá-los a fazê-lo, a não ser quando alguém, ao chegar do campo, queimado do sol, tiver necessidade de apagar a sede. Se acontece que alguém nos apresenta de beber fora dessa necessidade, não devemos tomá-lo e nos desculpar o mais delicadamente possível.

No que se refere aos banquetes, às vezes é de educação oferecê-los e participar deles, mas que seja muito raramente e como por uma espécie de necessidade. É o que são Paulo¹³ nos dá a entender quando nos diz que não vivamos em banquetes: ele quer que os banquetes não sejam magníficos nem dissolutos, isto é, que não haja demasiada abundância e diversidade de pratos e que não haja excesso. Nisto as regras da cortesia estão de acordo; como também as da moral cristã, da qual nunca nos é permitido afastar-nos, nem sequer por complacência e condescendência para

¹³ Rm 13, 13

com o próximo; pois isto seria uma caridade incorreta e um puro respeito humano.

ARTIGO I

Do que se deve fazer antes de comer; do lavar das mãos; da bênção da mesa; e da maneira de se sentar à mesa.

A boa educação exige que um pouco antes de comer e tomar a refeição, a pessoa se lave as mãos, dê a bênção sobre os pratos, e se assente à mesa. Ela prescreve também algumas maneiras de fazer corretamente essas ações.

Muito embora, como disse Nosso Senhor no Evangelho¹⁴, o não ter lavado as mãos antes de comer, não seja o que suja o homem, é, contudo, de boa educação nunca comer sem o ter feito. Aliás esta é uma prática que sempre esteve em uso, e, se Nosso Senhor a censurou aos judeus¹⁵, só o foi porque eles se apegavam tão escrupulosamente a ela, que acreditavam cometer uma falta grave, se não se lavassem as mãos antes de comer, e não só uma e sim várias vezes, por temor de estarem impuros caso tocassem certos pratos com as mãos mesmo só um pouquinho sujas, enquanto não tinham o menor receio de se sujar por um grande número de crimes que cometiam. Portanto, Jesus Cristo nunca censurou essa prática, mas somente o excesso.

¹⁴ Mt 15, 20

¹⁵ Mc 7, 3.4.6

A ordem que se deve observar ao lavar as mãos é fazê-lo de acordo com a posição que se ocupa na família; ou, quando se come em sociedade, conforme a posição que se ocupa entre os convidados.

Contudo o costume mais ordinário, quando se está com pessoas mais ou menos de mesma condição, é fazer algumas deferências uns aos outros, antes de lavar as mãos, mas não fazer grandes cerimônias para isso, e lavá-las quase todos ao mesmo tempo. Se no grupo houver uma ou várias pessoas de posição distinta, sempre se deve ir ao lavatório para lavar as mãos depois que elas se tenham lavado as mãos. Entretanto, se uma pessoa superior nos pega pela mão e nos pede que lavemos juntamente com ela, seria uma falta de cortesia resistir-lhe.

Quando a pessoa se lava as mãos, deve abaixar-se um pouco para não sujar sua roupa; deve também tomar cuidado de não respingar água sobre alguém.

É uma falta de cortesia fazer muito ruído com as mãos, esfregando-as com força, especialmente quando são lavadas com outras pessoas. E se acontecesse ter as mãos muito sujas, seria conveniente tomar essa precaução de as lavar em particular em qualquer outro lugar antes de as lavar em sociedade.

Se a pessoa que apresenta a água merece alguma honra, deve-se manifestar algum sinal de gentileza ao apresentar as mãos para receber a água. E não se deve esquecer de fazer também algum sinal depois de ter tomado a água para manifestar que já basta.

Quando não há ninguém para pegar a toalha, é de boa educação pegá-la imediatamente depois que se lavou as mãos. Cortês também é apresentar a toalha aos que se lavaram antes de nós ou conosco, antes de nos enxugar e insistir nisso. Nunca se deve deixar que a toalha fique entre as mãos de uma pessoa que seja de qualidade mais alta ou superior, e sim segurá-la pela ponta até que essa pessoa se tenha servido.

Ao enxugar as mãos deve-se tomar cuidado de não incomodar alguém e não molhar a toalha de maneira que os outros não possam mais encontrar uma parte seca para ali enxugar as suas mãos. Por isso é conveniente enxugar-se as mãos num só ponto da toalha ou do enxuga-mão de que se está servindo para esse fim.

Depois que todos lavaram as mãos, todos devem colocar-se em redor da mesa e ficar de pé e descobertos, em grande modéstia, até que se tenha dado a bênção dos pratos.

É totalmente indecente para cristãos colocar-se à mesa para tomar suas refeições antes de os pratos serem bentos por alguém dos presentes. Jesus Cristo que deve ser nosso modelo em todas as coisas, usou esta prática de benzer o que se tinha preparado para alimentar a si e aos presentes, em suas refeições, conforme se conta no santo Evangelho¹⁶. Agir de outra maneira é agir como os animais.

¹⁶ Mt 14, 19; Mc 6, 41

Quando estiver presente algum eclesiástico, o dever dele é dar a bênção antes da refeição, e seria uma injúria a seu caráter, se um leigo, de qualquer qualidade, ousasse pretender benzer a mesa em sua presença; seria até transgredir os antigos cânones que proibiam mesmo a um diácono e com muito mais razão a um leigo, benzer na presença de um sacerdote.

Se não houver eclesiástico entre os convidados, ao chefe da família ou ao dono da casa ou à pessoa que tem alguma qualidade acima das outras, incumbe dar essa bênção. Contudo seria falta de educação que uma mulher a desse na presença de um ou vários homens. Quando há alguma criança presente, acontece muitas vezes que se lhe dá a missão de cumprir essa missão. Algumas vezes até quando uma pessoa não quer benzer a mesa em voz alta, cada um dos convidados o faz em particular em voz baixa; mas isto nunca deveria acontecer.

Terminada a bênção da mesa, a cortesia quer que se observe o que Nosso Senhor manda no Evangelho¹⁷, a saber, colocar-se no último lugar no fundo da mesa ou que se espere que nos indiquem um lugar; e é muito descortês que pessoas que não são distintas por sua qualidade, sejam as primeiras a sentar ou tomem os primeiros lugares. As crianças não devem sentar-se antes que todos os demais estejam em seus lugares. Ao sentar-se é preciso estar de cabeça descoberta e não pôr o chapéu antes que todos estejam

¹⁷ Lc 14, 8.10

sentados e que as pessoas mais consideráveis estejam cobertas.

Enquanto se está sentado à mesa, a cortesia exige que a pessoa se mantenha ereta sobre a cadeira e tome cuidado para não se apoiar sobre a mesa e não se apoiar inconvenientemente. Não é educado afastar-se tanto da mesa que não se possa chegar a ela ou se aproximar tanto que se chegue a tocá-la. Principalmente nunca se deve colocar os cotovelos sobre a mesa, mas deve-se tomar a posição de não adiantar-se mais do que até os punhos.

Um dos principais cuidados que se deve ter quando se está à mesa é não incomodar alguém, quer com os braços, quer com os pés. Por isso não se deve então estender, nem alongar nem os braços nem as pernas nem empurrar com os cotovelos os que estão perto. E, se acontecer estar muito apertado, convém retroceder um pouco para ficar mais à vontade; deve-se mesmo apressar e se incomodar para que os outros estejam à vontade.

ARTIGO II

Das coisas que se usam quando se está à mesa

À mesa usamos um guardanapo, um prato, uma faca, uma colher e um garfo. Seria inteiramente contra a boa educação não utilizar alguma destas coisas ao comer.

A pessoa mais qualificada do grupo deve ser a primeira a desdobrar seu guardanapo e as demais

devem aguardar que a primeira tenha aberto o seu, para abrir o delas. Quando as pessoas são mais ou menos iguais, todos o devem abrir juntos sem cerimônias.

Ao desdobrar o guardanapo é preciso estendê-lo bem sobre a roupa para não as manchar ao comer e convém que ele cubra a roupa até o peito.

É descortês utilizar o guardanapo para enxugar o suor do rosto e mais ainda esfregar com ele os dentes, e uma das faltas mais grosseiras contra a civilidade seria usá-lo para se assoar. Também é inconveniente limpar as travessas e os pratos com o guardanapo.

O uso que se pode e deve fazer de seu guardanapo, quando se está à mesa, é utilizá-lo para limpar a boca, os lábios e os dedos. Para limpar a faca antes de cortar o pão e a colher e o garfo depois de se servir deles, se estão sujos.

Se os dedos estiverem bastante sujos, convém limpá-los primeiro num pedacinho de pão, que depois se deve deixar no prato, antes de enxugá-los no guardanapo, para não o manchar demais e não o deixar todo sujo.

Quando a colher, o garfo ou a faca estão sujos ou com gordura, é descortês lambê-los, e não assenta de forma alguma enxugá-los na toalha ou qualquer outra coisa. Neste caso e em outros semelhantes deve-se utilizar o guardanapo. No que se refere à toalha deve-se ter cuidado de a manter sempre muito limpa, de não deixar cair nela nem água, nem vinho, nem caldo, nem carne, nem nada que a possa manchar.

Depois de ter aberto o guardanapo deve-se ter cuidado de ter seu prato diante de si e a faca, o garfo e a colher estejam no lado direito, para que se possa pegá-los fácil e comodamente.

Se o prato estiver sujo, deve-se evitar raspá-lo com a colher ou o garfo, para o limpar, e menos ainda limpar, com os dedos, o guardanapo ou o fundo de um prato, isto seria muito vil; deve-se, ou não tocar nele, ou então trocá-lo, se não for difícil e pedir um outro.

Quando se trocam ou se retiram os pratos deve-se deixar que a pessoa encarregada faça seu trabalho sem disputar com ela e sem a mandar embora para outra pessoa mais qualificada: sempre se deve permitir, sem nada dizer, que retirem o serviço e receber o prato que é apresentado.

Contudo, se numa troca de pratos for servido alguém antes de uma pessoa que lhe é superior, ou se não se der bastante depressa um prato a essa pessoa, sempre se lhe deve apresentar o seu e o passar a ela, contanto que a primeira não tenha se servido daquele prato.

Quando se está à mesa não se deve ficar todo o tempo com a faca na mão. Basta pegá-la quando for o momento de a usar..

Também é muito descortês levar um pedaço de pão à boca enquanto se segura a faca e pior ainda é usar a ponta da faca para isso. O mesmo se deve observar ao comer maçãs, pêras ou algumas outras frutas.

Também é contra a boa educação agarrar o garfo ou a colher como se segura um bastão; é preciso segurá-los sempre entre o polegar e o indicador.

Nunca se deve segurá-los com a mão esquerda para os levar à boca.

Também nunca é permitido lambê-los depois de ter comido o que estava em cima ou dentro deles, mas tomar corretamente o que há neles e deixar o menos possível.

Quando se toma a sopa ou alguma coisa com a colher, não se deve enchê-la demais, por receio de que caia alguma coisa sobre a roupa ou a toalha, pois isto é coisa de glutão. Ao retirar a colher da tigela, do prato ou da bacia, deve-se passar de leve com ela sobre a borda, para fazer cair as gotas de caldo que poderiam ficar debaixo da colher.

Não se deve usar o garfo para levar à boca coisas líquidas e que se poderiam derramar; é a colher que é destinada para tomar essa espécie de coisas.

A cortesia requer que sempre se utilize o garfo para levar a carne à boca, porque a boa educação não permite tocar com os dedos alguma coisa com gordura, algum caldo ou coisa xaroposa; e, se alguém o fizesse, não poderia se dispensar de cometer depois várias faltas de cortesia, como seria enxugar muitas vezes os dedos no guardanapo, o que o sujaria muito e deixaria emporcalhado, ou enxugar os dedos com seu pão, o que não se pode permitir a uma pessoa bem nascida e bem educada.

Quando se quiser devolver uma colher, um garfo ou uma faca a quem a emprestou para alguma necessidade, é de educação limpá-los cuidadosamente com o guardanapo, a menos que se a dê a um empregado para os lavar no aparador: depois se deve colocá-los corretamente num prato limpo, para os apresentar à pessoa da qual se os recebeu.

ARTIGO III

Da maneira de convidar, pedir, receber ou comer quando se está à mesa.

Não convém que qualquer um se intrometa para convidar os outros a comer, quando se está à mesa; o dono ou a dona da casa o devem fazer, os demais não devem tomar essa liberdade. Isto se pode fazer de duas maneiras: 1º. Por palavras, com muita gentileza. 2º. Apresentando as iguarias que se sabe serem ou poderem ser mais ao gosto das pessoas a quem se as servem.

Quando se trata de certas pessoas, deve-se ter o cuidado de as estimular e animar de tempos em tempos a comerem bem, e é preciso fazê-lo com um rosto e um gesto alegre, que persuade os convidados de que é de boa vontade que são tratadas. Contudo não se deve fazê-lo com demasiada freqüência, nem insistência demais, isto seria muito importuno e incômodo aos outros.

Também se pode convidar os outros a beberem, contanto que seja honesta e moderadamente sem insistir. O Sábio¹⁸ diz que não se deve incitar os que gostam de vinho, porque o vinho perdeu a muita gente; e que é uma infelicidade e vergonha ao mesmo tempo ver uma pessoa que se deixou ir à intemperança e ao excesso de vinho.

Parece que seria melhor e mais conforme à educação cristã convidar ninguém a comer a não ser quando se lhe oferecem as iguarias no prato, nem estimular alguém a beber, mas tomar cuidado somente que de tempos em tempos seja oferecido aos que estão à mesa, e caso eles se absterem, não pedir.

Pedir alguma coisa de que mais se gosta, quando se está à mesa, e sinal de que se é escravo da boca; mas uma das maiores grosserias é pedir o melhor pedaço.

Se quem serve os pratos perguntar o que se deseja, responde-se ordinariamente: O que lhe aprouver, e nunca pedir nada em particular. Contudo, se pode pedir uma iguaria de preferência a outra, contanto que não seja algum prato especial ou extraordinário, ou alguma guloseima; mas é muito melhor pedir absolutamente nada, quer ao se servir a si mesmo, quer ao aguardar que seja apresentado.

Quando um outro apresenta alguma iguaria que não se quer comer, deve-se agradecer gentilmente, dando a conhecer que não se precisa de nada.

¹⁸ Eclo 31, 30

Como é descortês pedir alguma coisa à mesa, também é cortês aceitar tudo o que se serve, mesmo quando se tivesse repugnância a comê-lo. Também nunca se deve manifestar que não se gosta de comer alguma coisa do que está na mesa e é completamente contra a boa educação dizê-lo. Já que essa espécie de aversão muitas vezes é apenas imaginária, seria fácil corrigi-la, se a pessoa quisesse fazer-se um pouco de violência, especialmente enquanto é jovem. E um meio sem dúvida muito fácil para o fazer seria sofrer fome por alguns dias, porque a fome faz achar bom tudo, e muitas vezes coisas que uma pessoa não consegue se decidir a comer quando não está com fome. Também se deve tomar cuidado de não procurar tanto seguir seus apetites, mas quanto possível, acostumar-se a comer de tudo e por isso fazer que lhe sirvam mais vezes iguarias para as quais se tem aversão, especialmente depois de ter tido algum tempo sem comer; e, caso não se tomam essas precauções, quando está à mesa, a pessoa se coloca em situação de ser muito incômoda para os outros, principalmente aos que servem.

Se a repugnância ao que se serve é tão grande que não se consegue vencer, não se deve por isso recusar o que é apresentado, mas, depois de o ter tomado gentilmente, sem manifestar nada, deve-se deixá-lo no prato, e quando os outros não o tiverem notado, pedir que retirem o que não se pode comer. Se o que se serve à mesa é alguma coisa líquida ou de gordura, não se deve recebê-lo com a mão, mas é de

boa educação apresentar seu prato, segurando-o com a mão esquerda, e, segurando a faca ou o garfo com a direita, para apoiar em cima o que é servido em caso de necessidade: neste caso deve-se receber com gratidão o que se apresenta, aproximando seu prato em direção à boca, como para o beijar, e fazendo ao mesmo tempo uma inclinação gentil.

Quando alguém serve a carne cortada, é falta de educação apresentar o prato com precipitação, para ser servido por primeiro; este seria um sinal e um efeito de grande gulodice. Deve-se aguardar que aquele que serve a ofereça e então apresentar o prato para receber o que é apresentado. Contudo, se aquele que serve saltar a vez de um outro que está acima de nós, é conveniente escusar-nos de receber a oferta. Mas se insistir em aceitá-lo, deve-se imediatamente apresentá-lo à pessoa que foi saltada, ou à pessoa mais qualificada, contanto que ela mesma que não o apresente.

Se a pessoa que serve é superior ou mais qualificada, é preciso descobrir-se somente na primeira vez que ela apresentar alguma coisa e não o fazer mais depois.

Pão, frutas, amêndoas açucaradas, ovos frescos, ostras em casca, podem ser pegados com a mão, e neste caso deve-se pegar essas coisas beijando a mão e estendê-la para facilitar a ação da pessoa que serve.

ARTIGO IV
Da maneira de cortar e servir as carnes,
e de se servir a si mesmo.

É muito descortês tomar a iniciativa de cortar a carne e servi-la quando à mesa está uma pessoa de categoria superior, embora se saiba fazê-lo perfeitamente, a não ser que ela o mande fazer. O dono ou a dona da casa tem essa incumbência, ou as pessoas do grupo a quem eles pedem prestar este serviço.

Quando se pede a alguém que corte a carne, mas ele não o sabe fazer, ele não deve ter vergonha nem dificuldade para ser dispensado; mas, se for alguma coisa que sabe fazer, depois de ter cortado a carne, ele a deixará no prato para que cada um tome, ou poderá servi-la, se o dono lho pede. Ou então fará passar o prato diante do dono ou da dona da casa para que eles a distribuam à vontade.

Contudo, se a mesa for muito grande e não seja fácil a uma e mesma pessoa servir todos os convidados, se poderá servir apenas os que estão perto de si.

Os jovens e os que são de menor consideração não devem se meter a servir os outros, mas tomar somente para si o que está diante deles ou receber o que se lhes apresenta, com bons modos e gratidão.

Quando se serve os outros à mesa, é cortês dar-lhes tudo do que possam precisar, mesmo as carnes que estão perto deles.

Também se deve dar-lhes sempre os melhores pedaços, que nunca é permitido tomar para si, e preferir as pessoas mais qualificadas a aquelas que o são menos, servindo-as por primeiro, e dando-lhes do melhor, sem tocar em nada com o garfo. Se alguém pedir uma outra iguaria que está diante dessa pessoa, deve agir da mesma forma.

Para que se possa não tomar para si os melhores pedaços, o que poderia algumas vezes acontecer por engano, por não o saber, e para que se possa servi-los corretamente a quem são destinados, achamos bom dá-lo a conhecer aqui, para dar ocasião de não se enganar neste ponto.

Quando se trata de cozido, o peito do galo ou galinha, é considerado o pedaço melhor, e as coxas são consideradas melhores do que as asas; num pedaço de carne de rês o que está mais misto entre gordo e magro, é sempre o melhor.

As pombas assadas são servidas inteiras ou cortadas pelo meio. Em todas as aves que esgravatam a terra com as patas, as asas são mais delicadas, mas as coxas valem mais nas aves que voam no ar. Nos perus, gansos e patos, o que é melhor é o que está sobre o peito, e se corta no sentido do comprimento. No leitão do que se gosta mais é a pele e as orelhas; nas lebres, nos lebrões e nos coelhos o que mais se procura é o lombo, as coxas e o que está do lado da cauda e atrás dos ombros.

No lombo de vitela, a parte melhor é a mais carnuda, mas o rim é o que há de mais excelente.

O que mais se gosta nos peixes é a cabeça e o que está mais perto dela. No que se refere aos peixes que só têm uma espinha dorsal em todo o seu comprimento, como a "vive" (?) e o linguado, a parte do meio é incontestavelmente a melhor.

Quando se apresenta alguma coisa que se deva comer com a colher, é muito descortês tomá-lo com a sua, se a pessoa já se serviu com ela; mas se ainda não a usou, deve-se tomar com o que se apresenta, depois colocá-la sobre o prato daquele a quem se apresenta alguma coisa, e depois pedir uma outra para si.

Se acontecer que quem pediu para servir, tiver colocado sua colher no prato passando-o para frente ou apresentando-o, então deve-se usá-la para se servir, e não a sua própria.

Quando alguém que está afastado pedir alguma coisa, deve-se lhe apresentar, num prato limpo, o que pede e nunca com a faca, o garfo ou a colher somente.

Quando se apresenta alguma coisa em que há cinza, não se deve soprar em cima para tirar a cinza, mas convém limpá-la com a faca antes de a servir, porque o sopro da boca pode causar desgosto às pessoas, e, ao soprar se está exposto a jogar a cinza na toalha ou na salva.

Quando alguém é convidado por outra pessoa, é falta de cortesia servir-se a si mesmo, a menos que o dono da festa lhe peça ficar à vontade, ou que ele seja muito íntimo e muito familiar com ela.

Quando alguém se serve a si mesmo, é muito descortês fazer ruído com a faca, a colher ou o garfo,

ao pegar alguma coisa da bandeja; mas deve-se tomar com tanta modéstia e educação, de modo que não se possa quase ser percebido e ainda menos ouvido pelos demais.

Sempre se deve utilizar a faca para cortar a carne e, ao cortá-la deve-se prendê-la com o garfo, que também se deve usar para colocar o pedaço cortado no prato. É preciso tomar muito cuidado para evitar pegar a carne com a mão, e tomar um pedaço grosso demais cada vez.

A boa educação não permite procurar no prato, revirando os pedaços de que mais se gosta; também não permite tomar os últimos pedaços nem os que estão mais afastados, mas quer que se tome o que está diante de si, pois é de muito mau gosto revirar o prato para pegar nele o que se deseja. Isto só pode acontecer com os que servem os outros, que não o devem fazer a não ser raramente e de maneira muito delicada.

Também é uma grande grosseria estender o braço por cima da salva que está diante de si, a fim de alcançar uma outra pessoa; para isso deve-se pedir; mas é muito melhor aguardar até que se sirva.

Deve-se tomar uma vez o que se quer comer e é muito descortês pôr a mão duas vezes em seguida na travessa. É muito mais ainda pôr a mão para tomar pedaço por pedaço ou romper com o garfo a carne em lambadas.

Quando se quer tomar alguma coisa da travessa, deve-se antes enxugar a própria colher ou o garfo com que se quer tomá-la, se tal utensílio já foi usado.

É muito descortês e até muito vergonhoso limpar os pratos com o pão ou limpá-los tanto, com a colher ou com qualquer outra coisa, de modo que não fique mais nada do caldo ou da carne. Não é menos descortês embeber o pão no caldo ou tomar o resto do caldo com a colher. E é muito vil tomá-lo com os dedos.

Se cada um pega na salva, é preciso evitar tocar nela antes que as pessoas mais importantes do grupo o tenham feito, ou pegar em outro lugar da salva que não está em frente de si.

É mal educado tocar no peixe com a faca, a menos que não esteja em forma de pasta; ordinariamente se o toma com o garfo e se serve numa terrina.

As azeitonas tomam-se com a colher e não com o garfo. Toda sorte de tortas, doces e bolos, depois de cortados na bandeja ou bacia em que são servidos, tomam-se com a lâmina da faca que se coloca por baixo e depois se colocam no próprio prato.

As nozes se tomam do prato com a mão, bem como as frutas cruas e os doces secos. A cortesia requer que se descasquem quase todas as frutas cruas antes de as servir e em seguida deve-se tirar bem sua pele; contudo pode-se servi-las sem descascar.

Quando se cortam os limões e as laranjas, deve-se fazê-lo no sentido transversal; quanto às maçãs e as pêras cortam-se no sentido longitudinal.

Ao estar à mesa não se deve falar muito da qualidade das iguarias, se são boas ou ruins, nem dizer

facilmente sua opinião sobre os condimentos e os caldos, porque isto seria dizer que se tem muito prazer na comilança e se gosta de ser bem tratado, o que é sinal de uma alma sensual e de educação bastante deficiente.

Entretanto é cortês mostrar sempre que se está satisfeito e contente com o que é servido e que se o acha bom; e, se o dono da festa perguntar a alguém sua opinião sobre as iguarias que são apresentadas, sempre se deve responder o mais educadamente e positivamente quanto possível, para não causar uma decepção, como aconteceria se alguém manifestasse que a comida não é de seu gosto ou mal preparada.

É totalmente sem graça queixar-se de que as iguarias não são boas ou que foram mal condimentadas, como, por exemplo, que estão muito salgadas, ou apimentadas, ou quentes ou frias demais. Tais observações só podem causar mal estar à pessoa que oferece, mas normalmente não é a causa desses acidentes e algumas vezes nem sequer os percebe. Não menos descortês é exceder-se em louvores sobre as iguarias e tudo o que é servido e manifestar por tais palavras que se gosta de comer bem e que se conhecem os melhores pedaços; porque isto manifesta que se é um glutão e escravo de seu ventre.

ARTIGO V

Da maneira de comer honestamente

O Sábio¹⁹ dá diversos avisos importantes acerca da maneira de se comportar uma pessoa quando está à mesa, para comer educada e cortesmente. Ele aconselha²⁰ que assim que está sentado à mesa, a pessoa não deve deixar-se ir à intemperança de sua boca, olhando com avidez²¹ as iguarias, como se devesse comer tudo o que está na mesa e não deixar nada para os outros.

2º Ele diz que não se deve ser primeiro a pôr as mãos²² nas iguarias, deve-se também deixar essa honra e esse sinal de preeminência à pessoa mais qualificada do grupo.

3º Ele proíbe apressar-se a comer²³; também é muito descortês comer com precipitação, o que manifesta um glutão.

4º Ele quer que cada um tome o que é servido, como pessoa comedida²⁴, comendo com muita reserva e moderação, embora se possa tomar tanto quanto se precisa.

¹⁹ Eclo 31

²⁰ Eclo 31, 2. 12

²¹ Eclo 31, 13-14

²² Eclo 31, 16

²³ Eclo 31, 17

²⁴ Eclo 31, 19

Exorta a deixar lugar aos outros quando se está à mesa e não pôr a mão no prato ao mesmo tempo que eles²⁵; é o que a boa educação exige.

Ele manda ser o primeiro a deixar de comer²⁶ por modéstia. É assim que se deve comportar uma pessoa sóbria, que faz profissão de seguir, durante a comida, as regras da temperança. E a razão que o Sábio dá por isso é que não se deve exceder no comer, por medo de cair em pecado.

Para levar a todos a praticar estes princípios de educação e sobriedade, ele acrescenta²⁷ que quem come pouco terá um sono de saúde e, ao contrário, a insônia, a cólica e dores intestinais esperam o homem imoderado no comer.

A cortesia não nos prescreve nada mais preciso tocante à maneira de comer do que estas regras que o Sábio nos traça para nos comportar devidamente nesta ação, que de fato exige de nós tantas e tão grandes precauções para a fazer corretamente.

Ele não quer que, ao comer, se ponha na boca um pedaço antes de ter engolido o precedente; não quer que a pessoa se precipite de tal maneira ao comer que se engulam os pedaços quase sem tomar o tempo de os mastigar. Ele manda comer sempre com muita moderação, sem pressa, e não permite comer até vir o soluço, porque este é o sinal de uma intemperança excessiva. Como prática, ele dá, não ser o primeiro a

²⁵ Eclo 31, 21

²⁶ Eclo 31, 20

²⁷ Eclo 31, 23-24

começar a comer e nem comer de alguma iguaria nova ou recém servida, a não ser que a pessoa seja a mais considerada do grupo; e ele não suporta que se seja o último à mesa, quando lá se encontram pessoas pelas quais se deve ter respeito. Com efeito, é uma grande falta de educação comer ainda depois que essas pessoas acabaram de comer e nada é mais descortês do que comer sozinho e fazer os outros esperarem pelo retardatário para sair da mesa.

As crianças principalmente devem tomar por regra começar em último lugar a comer e no primeiro, a acabar.

Há ainda algumas outras práticas descorteses no tocante à maneira de comer a que se deve ter o cuidado de observar exatamente.

Por exemplo, é cortês não se curvar demais sobre o prato ao comer; sempre se deve juntar os lábios quando se come para não sorver com a língua como os porcos; é insuportável comer com as mãos, mas deve-se levar os pedaços à boca com a mão direita só e usar a colher ou o garfo para tomar tudo o que é frio, gorduroso ou líquido ou que pode sujar as mãos. Totalmente contra a boa educação é tocar só com os dedos as iguarias e ainda pior a sopa.

Durante a comida deve-se evitar olhar os que estão perto de si, para ver o que estão comendo ou se não lhes servem os pedaços que são melhores e mais de nosso gosto do que os que nos são servidos.

É muita falta de educação quando à mesa a pessoa começa a cheirar as iguarias ou apresentá-las

aos outros para cheirá-las; e nunca é permitido comunicar aos outros quando se percebe alguma coisa mal cheirosa na comida. Seria uma falta de educação ainda maior devolver à salva uma iguaria que se levou ao nariz para a cheirar.

Quando acontecer que se encontre alguma coisa repugnante na comida, como cabelo, carvão ou alguma outra coisa, não se deve mostrá-lo aos outros, mas retirá-lo tão discretamente que ninguém o perceba.

Quando, por descuido, se colocou na boca alguma coisa extraordinariamente quente ou que é capaz de fazer mal, deve-se procurar o engolir sem manifestar, se possível, nada do incômodo que isto causa, e, se for impossível o engolir, deve-se prontamente e sem que os outros o percebam tomar seu prato na mão e o aproximar da boca, voltando-se um pouco de lado e cobrindo-se com a outra mão, recolocar no prato o que se tem na boca e entregar imediatamente por trás o prato a alguém ou levá-lo pessoalmente para fora (porque a cortesia não permite que se jogue alguma coisa no chão). A respeito do que não se comeu, como os ossos, a casca dos ovos, a casca das frutas, as nozes, etc., tudo se deve sempre colocar na borda do prato.

Absolutamente contra a educação é tirar da boca com os dois dedos o que não se consegue engolir, como, os caroços, as espinhas, etc, e ainda mais descortês é deixá-los cair da boca para baixo ou ao chão ou no prato, como se estivesse vomitando. Também seria falta de educação cuspi-los no prato ou

na mão; mas deve-se recebê-los delicadamente na mão esquerda mantendo-a semifechada e depois depositá-los no prato, sem que apareça..

ARTIGO VI

Da maneira de tomar a sopa

A sopa é servida de duas maneira diferentes: quando é servida em comum, é colocada num prato e quando é servida a uma pessoa em articular, é servida numa escudela. Isto também se pratica nas famílias, especialmente para com as crianças e as pessoas enfermas.

Seria uma grosseria servir a sopa na escudela quando se oferece um almoço a alguém; neste caso deve-se pô-la numa sopeira e colocar ao lado várias colheres, de acordo com o número de convidados que devem se servir para tirar a sopa dessa sopeira e pô-la em seu prato.

É uma falta de educação pegar a sopa da sopeira com sua colher para a tomar e pegar cada vez com a própria colher o que se quer levar à boca para comer; mas deve-se tomar a sopa com uma das colheres que estão junto da escudela e colocá-la depois na mesma sem a levar à boca; em seguida deve-se usar sua própria colher para tomar o que está no prato.

Se não houver colher com a escudela, deve-se usar a própria para tirar a sopa, depois de a ter enxugado bem antes.

Quanto à maneira de tomar a sopa numa tigela, é descortês sorvê-la da tigela como faria um doente, tomá-la pouco a pouco com a colher. Também é uma grande descortesia tomar a tigela por uma das alças e derramar o resto do caldo que está dentro dela depois de ter tomado a sopa.

Também é muita falta de educação segurar a escudela pela alça com a mão esquerda, como por medo de que um outro a tome.

A cortesia requer também que não se faça ruído com a tigela e a colher, ao tomar a sopa, e que não se raspe com força um e outro lado para juntar o resto de pão que ficou no fundo da tigela.

Embora não seja bom limpar a tigela até que não fique mais nada dentro dela, é de educação não deixar sopa dentro dela. Deve-se comer tudo o que há na tigela e tudo o que se pôs no prato; o mesmo não acontece com a sopeira, porque seria uma falta de educação esvaziá-la inteiramente; e não se deve tomar o resto da sopa quando sobra um pouco.

Depois de tomar tudo o que há na tigela deve-se devolvê-la a quem está servindo ou colocá-la em algum lugar da mesa em que ela não incomode ninguém. Mas nunca se deve pô-la no chão.

Ao tomar a sopa deve segurar corretamente o garfo com a mão esquerda e usá-lo para ajeitar a sopa na colher para que não caia ao levá-la à boca.

É uma grande falta de educação fazer ruído com os lábios ao inspirar o ar, quando se coloca a colher na boca ou com a garganta antes de engolir.

Deve-se pôr a sopa na boca e engolir com tal reserva que não se ouça o menor ruído.

A sopa deve ser tomada bem calmamente, de modo que não se manifeste qualquer avidez nem pressa, porque é um sinal ordinário que se tem muita fome ou muito apetite. Numa palavra, seria manifestar evidentemente a gula.

Inconveniente é tomar em duas vezes o que está na colher quando se deixa ainda alguma coisa ao retirá-la da boca; mas muito mais descortês é pegar mais sopa do prato quando ainda sobrou algum resto na colher da colherada anterior. Deve-se tomar de uma só vez o que está na colher e se leva à boca e não em várias vezes seguidas.

O meio para agir assim é não encher demais a colher quando se toma a sopa, o que é uma grande falta de educação ao comer. Porque encher demais a colher obrigaria a cometer duas faltas de educação: uma, de abrir extraordinariamente a boca para fazer a colher entrar até o fundo; a outra, de tomar várias vezes o que se deve tomar de uma só vez, além de se expor ao perigo de deixar cair alguma coisa sobre a toalha, no guardanapo, ou mesmo sobre a roupa, ao levar a colher à boca, o que seria muito ruim.

A modéstia que se deve guardar quando se está à mesa, não pode permitir inclinar inconvenientemente o corpo sobre a colher quando se leva a sopa à boca; mas permite ainda muito menos esticar demais a língua quando se aproxima a colher da boca. Contudo pode-se inclinar um pouco para não deixar cair alguma coisa da

colher e não sujar a roupa; mas deve-se tomar o cuidado de abaixar-se apenas um pouco.

Quando a sopa ou o que se está comendo está quente demais, deve-se evitar soprar, quer sobre a sopeira, quer sobre a tigela, quer sobre a colher ao levá-la à boca. Isto é completamente contra a educação. É melhor aguardar um pouco até que esfrie; pode-se, porém, remexê-la delicada e elegantemente com a colher.

ARTIGO VII

Da maneira de se servir, tomar e comer o pão e o sal

O lugar em que se deve colocar o pedaço de pão que se tem para comer é o lado esquerdo perto do prato, ou sobre o guardanapo. É descortês colocá-lo à direita, adiante ou atrás do prato e pior ainda perto do pão de outra pessoa.

Podem-se cometer várias faltas de cortesia ao cortar o pão, e as crianças devem especialmente prestar atenção a isso. Por exemplo, é muito deseducado escavar o pão tirando o miolo ou separando as duas crostas cortando-o longitudinalmente, ou para escorchar, por assim dizer, retirando toda a crosta ao redor, ou cortá-lo todo em pedaços pequenos, como se prepara o pão bento, e deixá-lo assim sobre a mesa; ou, ao cortá-lo, deixar cair muitas migalhas sobre a toalha. Não menos deseducado é segurá-lo na mão aberta ou apoiá-lo sobre o peito para o cortar, ou cortar seu pedaço de pão sobre a toalha ou sobre o próprio prato.

Ainda pior é rompê-lo com as mãos, porque sempre se deve utilizar a faca para cortar o pão.

Todas essas maneiras de cortar o pão são tão ridículas que somente as pessoas mal formadas e de baixa educação são capazes disso.

Quando se quer apresentar o pão a alguém não se deve fazê-lo com a mão mas sobre um prato limpo, ou sobre um guardanapo, e deve-se recebê-lo com a mão como quem faz o gesto de o beijar.

Quando se quer cortar um pedaço de pão de um pão comum, deve-se antes limpar a faca e não cortar um pedaço grande demais de cada vez; deve-se evitar cuidadosamente cortar somente a crosta numa ponta, mas sempre se deve cortar reto no sentido longitudinal, até pela metade do pão sem tomar mais do lado de uma crosta do que do outro, porque não pode ser educado nem correto escolher no pão o que se quer pegar: seria deixar para os outros o resto e o de que não se gosta e colocar sua sensualidade inteiramente em evidência.

Se a pessoa tem os dentes tão ruins que não possa comer a crosta de seu pão, é melhor tirar a crosta por pedacinhos à medida que se come, em vez tirá-la de uma vez toda, porque não é educado colocar na mesa um pedaço grande de pão só de miolo.

Assentaria muito mal ao comer o pão, pegar um pedaço muito grande com a mão. Ordinariamente deve-se deixá-lo sobre a mesa e cortar com a faca cada vez o pedaço que se quer levar à boca. Também a educação requer que os pedaços que se levam à boca

sejam pequenos e sempre se deve levar à boca com uma só mão entre o polegar e o indicador.

Os ovos quentes em casca comem-se ordinariamente mergulhando o pão no ovo; por isso, quando se quer tomar ovos assim, antes de os abrir, deve-se preparar o pão suficiente para o comer. Nunca é permitido mergulhar o pão no vinho como para fazer uma espécie de sopa; isto até é insuportável para pessoas que poderiam sentir náuseas e não o devem fazer, a não ser que haja uma evidente necessidade e que não lhes seja dada uma ordem, como remédio verdadeiro e quase único.

O sal, diz o Evangelho, é o condimento das carnes. Deve-se pegar da saleira com a ponta da faca e nunca com os dedos e em seguida colocá-lo no próprio prato.

Antes de colocar a faca na saleira para pegar sal, deve-se ter o cuidado de a limpar no guardanapo, porque seria muito descortês pegar o sal com uma faca cheia de gordura ou suja. E deve-se tomar somente tanto quanto se precisa.

Na saleira nunca se deve colocar os pedaços de carne que se quer comer, mas salgá-los com o sal que se colocou no prato.

Ninguém deve deixar-se prevenir contra a idéia tola de certas pessoas que sentem escrúpulo de apresentar o sal aos outros: e quando se quer oferecer o sal aos que estão mais afastados, deve-se, ou colocar um pouco num prato para oferecê-lo em seguida aos que dele necessitam, ou então oferecer a saleira, se

possível, para que o tomem pessoalmente. Assim se deve fazer mais ou menos como com o sal, também com a mostarda, quando servida à mesa.

ARTIGO VIII

Como se comportar com os ossos, o caldo e as frutas.

É muito descortês pegar os ossos com a mão toda como se segura um bastão; até é educado tocá-los o menos possível; e, se for necessário, deve-se fazê-lo com os dois dedos e segurar os ossos num ponto em que os dedos não ficam engordurados.

Uma coisa muito mais vil é roer com os dentes ao redor dos ossos e segurá-los com as duas mãos, como fazem os cachorros com as patas. Também é muito descortês chupar os ossos com ruído de modo que possa ser ouvido pelos outros. Nem se deve levá-los à boca; é preciso contentar-se com tirar delicadamente a carne com uma faca o mais completamente possível e depois colocá-los no prato, sem os jogar no chão, o que seria uma grande falta de educação.

Um sinal de sensualidade que nunca é permitido é quebrar os ossos com a faca ou com qualquer outra coisa, ou bater com eles na mesa ou os sacudir, para retirar o tutano. Este deve ser retirado com o garfo ou com a ponta da faca ou com o cabo da colher, se é fácil, do contrário nem se deve experimentar fazê-lo. Contudo é muito melhor e bem

mais educado não se tomar o trabalho de retirar o tutano dos ossos.

É melhor não tomar o caldo no prato, porque isto manifesta sempre alguma sensualidade na pessoa que o faz; mas quando se toma o caldo, deve-se tomá-lo com a colher, depois de a ter enxugado no guardanapo, e em seguida deitar o caldo no próprio prato.

É muito descortês embeber no caldo todos os pedaços de carne que estão no prato, à medida que se vai comendo. Ainda pior é embeber o pão no molho, mas é vil embeber nele o pão ou a carne que já se mordeu, depois de o ter levado à boca.

A respeito das frutas, dos doces ou das outras coisas que se servem na sobremesa, a educação exige que se seja muito reservado para os tocar e que somente se coma com moderação. Fazer de outra maneira seria dar a conhecer que se tem apego a essas guloseimas.

Especialmente as crianças devem evitar com cuidado dar algum sinal com os olhos ou os ombros que manifeste que desejam disso; elas devem aguardar que lhes seja servido.

Uma coisa que nunca é permitido fazer principalmente quando se está à mesa de uma pessoa a quem se deve respeito, é colocar no bolso ou no guardanapo, frutas para as conservar, como seria, por exemplo, uma maçã, uma pêra, uma laranja, etc.

De nenhum modo é permitido colher frutas ou flores ou pedir algumas para levar, quando se está em

algum jardim exceto quando é de algum de seus amigos íntimos; a educação requer que nunca se toque em nada.

É uma grande falta de cortesia apresentar a alguém frutas ou alguma outra coisa de que já se comeu uma parte. Também é descortês engolir os caroços ou quebrá-los com os dentes ou com alguma outra coisa para retirar a amêndoa. Também não assenta bem cuspi-los no prato, jogá-los no chão ou no fogo; mas deve-se pegá-los com a mão esquerda semi-aberta e colocá-los delicadamente no próprio prato.

ARTIGO IX

Da maneira de pedir a bebida e de beber, quando se está à mesa

É totalmente contra a boa educação ser o primeiro a pedir a bebida, a não ser que se seja a pessoa mais importante do grupo, caso contrário deve-se aguardar que os de condição superior tenham bebido primeiro.

Também é uma falta de respeito para com os comensais pedir bebida em voz alta, sempre se deve pedir em voz baixa; e melhor ainda pedi-la por sinais.

Também é falta de respeito pedir a beber quando se oferece a alguém do grupo. Se há somente uma pessoa que serve, não se deve pedir de beber, até achar que ninguém mais vai pedir e todos tenham bebido; melhor ainda, se possível, é aguardar a sua vez

para beber, a menos que o dono da casa lhe mande servir.

É falta de cortesia receber bebida ou pedi-la do lado de uma pessoa que se deve honrar; neste caso deve-se tomar o cálice e se fazer servir do outro lado.

Quando se apresenta de beber a alguém, ele deve enxugar seus dedos com seu guardanapo e depois tomar o cálice pelo pé, e não no meio; deve também tomar cuidado para que quem serve não sirva mais do que ele pode beber de uma vez, e que o cálice não esteja tão cheio que a bebida chegue a derramar na toalha ou na roupa.

Sempre se deve enxugar a boca com o guardanapo antes de beber e nunca beber antes de ter tomado a sopa; muito menos permitido é fazê-lo enquanto se está comendo; até nem é honesto beber logo depois de ter comido; deve-se aguardar que se tenha comido um pouco dos outros pratos servidos.

A boa educação quer que se enxugue bem a boca com o guardanapo e se a esvazie completamente antes de beber para não engordurar o copo o que é muito sujo. E é muito descortês beber de boca cheia ou antes de ter acabado de comer: deve-se também evitar fazer longos discursos de copo na mão; é muito melhor não falar desde que se encheu o copo até que se tenha bebido. Não é menor falta de educação considerar com atenção o que se quer beber, e é ainda pior degustar o vinho antes de beber e se intrometer para dizer sua opinião sobre ele.

É muito melhor beber simplesmente sem cerimônias, pois não é de boa educação manifestar que se é conhecedor de vinhos.

Ao beber pode-se baixar um pouco a cabeça para não derramar alguma coisa sobre si mesmo; mas é preciso endireitar-se em seguida. Contudo, é melhor manter sempre a cabeça ereta enquanto se bebe.

Não se deve beber lentamente demais como quem está chupando ou saboreando com gosto o que está engolindo; também não depressa demais, como fazem os sensuais. Deve-se beber lenta e pausadamente embora de uma só tragada, sem voltar a inspirar e beber em várias vezes. Ao beber deve-se olhar para o copo e sempre beber tudo o que está nele sem deixar resto.

A cortesia não permite beber de cabeça descoberta, sempre se deve estar coberto quando se bebe; ela também não quer que se esteja de olhos esbugalhados, olhando para todos os lados durante esse tempo. Não se deve tirar o olhar do copo nem fazer ruído com a garganta ao beber e assim possibilitar a contagem dos goles que são engolidos.

Depois de ter bebido, é descortês soltar um grande suspiro para retomar o ar. Deve-se evitar qualquer ruído ao terminar de beber, nem sequer com os lábios. Logo depois de ter bebido é preciso enxugar a boca como se devia ter feito antes de beber.

É muito descortês beliscar nas jarras e chupar o copo ao beber. Sempre se deve tomar cuidado de não beber demasiadas vezes e não beber vinho puro. A boa

educação requer que sempre haja muita água misturada com o vinho.

Não é educado beber quando alguém a nosso lado está bebendo, e muito menos fazê-lo enquanto a pessoa mais importante do grupo segura o copo na mão; deve-se aguardar que tenha bebido.

Se no momento em que se está obrigado a responder a um superior este leva o copo à boca, deve-se aguardar até ele ter bebido, para continuar a falar. O mesmo se deve observar quando uma pessoa, seja quem for, está bebendo e nunca lhe falar enquanto bebe.

Apresentar a uma pessoa um cálice de vinho do qual já se bebeu é uma coisa muito mal educada. Fazer brindes a uns e a outros para os obrigar a beber mais é uma prática que cheira a taberna e que não é costume entre pessoas honestas; aliás, nem se deveria beber facilmente para brindar aos outros, a menos que se esteja com seus amigos mais familiares e que se brinde para manifestar amizade ou reconciliação. As crianças, principalmente, não devem brindar a ninguém, exceto se receberem ordem.

Não é qualquer um que deve brindar a uma pessoa de posição muito superior à sua, e, se algumas vezes é permitido fazê-lo, não deve se dirigir diretamente à pessoa a quem se brinda, dizendo, por exemplo, Senhor, à sua saúde; deve dirigir-se a uma outra, dizendo assim: Senhor, vamos brindar à saúde do Senhor... Ainda mais descortês seria acrescentar o sobrenome da pessoa importante, ou o nome de sua

posição, falando a ela mesma, ou bebendo à saúde de sua mulher ou de alguém de seus parentes ou parentas, dizendo: Senhor, à saúde da Senhora, sua mulher, sua irmã, do Senhor, seu irmão. Deve-se nomear a mulher por sua posição ou pelo sobrenome de seu marido e os outros, quer pelo sobrenome, ou por alguma posição, se tiverem, dizendo, por exemplo: à saúde da Senhora Louvier, do Senhor Presidente, ou Conselheiro.

Quem faz um brinde a outra pessoa presente, deve inclinar-se educadamente para ela e esta, a quem se brinda, deve agradecer a quem brindou inclinando-se tanto quanto exige a posição daquele que lhe presta essa homenagem, e beber em seguida à saúde daquele que bebeu à sua, inclinando-se um pouco, sem se descobrir.

Se uma pessoa de alta posição brinda à saúde de outra de posição inferior, a pessoa a quem se dirige deve manter-se descoberta e se inclinar um pouco sobre a mesa até que essa pessoa tenha acabado de beber e não tomar a mesma quantidade, exceto se ela mandar; mas isto não se deve fazer, se a pessoa que bebe não for de uma posição muito superior à outra.

ARTIGO X

Da saída da mesa e da maneira de servir e limpar a mesa.

Não se deve esperar até que se tenha o estômago repleto das iguarias para parar de comer; e,

como a honestidade requer que se coma com moderação, também requer que não se coma até ficar totalmente farto.

As crianças sempre devem sair da mesa por primeiro, descobrindo-se e fazendo a reverência.

Quando alguém está obrigado a se levantar e a sair da mesa antes dos outros, só deve fazê-lo de cabeça descoberta; e caso for um dependente ou empregado, não deve sair sem antes tirar pessoalmente ou fazer tirar por alguém seu prato, cujo objeto não é honesto.

Se acontecer que alguma pessoa à qual se deve ter consideração estar comendo, e ainda permanecer à mesa no fim da refeição, e se outra pessoa esteja sozinha com essa pessoa à qual deva ou possa ter consideração, particularmente se não for dependente dela, nem seu empregado, esta segunda pessoa, por cortesia, deve permanecer à mesa, para fazer companhia à primeira até que ela se levante.

Os que servem à mesa devem ter as mãos muito bem limpas e sempre estar de cabeça descoberta. O que eles têm a fazer é estender corretamente a toalha sobre a mesa, colocar em cima dela a saleira e depois colocar os pratos sobre os quais colocarão o pão delicadamente coberto pelo guardanapo; a não ser que se esteja servindo tigelas para a sopa, porque então se devem colocar as tigelas nos pratos e ao lado a faca, a colher e o garfo à direita em baixo do pão e o guardanapo por cima.

Depois devem-se lavar os copos e colocá-los no bufê ou numa mesinha coberta por um pano branco de tal maneira que não possam ser removidos facilmente. Quando for a hora de servir, sempre se deve ter o cuidado para que tudo o que for necessário, como o sal, o pão e os pratos para servir o pão, estejam sobre a mesa ou sobre o bufê bem limpos e bem arrumados.

Em seguida se deve oferecer para lavar, erguendo um pouco o jarro com cerimônia, segurando a toalha dobrada no sentido longitudinal sobre o ombro esquerdo e mantendo a bacia por baixo, descansando sobre o braço esquerdo, exceto se já estiver sobre alguma coisa. É sobre as mãos da pessoa mais importante do grupo que se deve começar a deitar a água. Depois deve-se derramar sobre as mãos dos outros, de acordo com a posição e a qualidade de cada um, e algumas vezes sem ordem nem distinção entre elas, o que sempre se deve fazer quando as pessoas não são de qualidade muito distinta.

Um dos primeiros cuidados que se deve ter quando se serve à mesa é enxugar bem os pratos por baixo, particularmente o de soa, para que não sujem a toalha, e colocá-los de tal maneira que cada um possa facilmente colocar neles a colher ou o garfo quando tiverem necessidade.

O pão sempre deve ser servido num prato ou sobre um guardanapo, se não houver prato limpo sobre o bufê; e nunca se deve trazer na mão, nem servi-lo do lado da pessoa mais importante.

Os que servem devem sempre estar prontos a servir o que se pedir, e por isso devem ter sempre os olhos sobre a mesa e não se afastar dela.

Para servir à mesa deve-se estar descoberto e se deve sê-lo especialmente para servir a bebida. E quando se serve a bebida a alguém, deve-se segurar o cálice pelo pé com a mão esquerda, a xícara pela alça e não na palma da mão, ou tocando a borda com os dedos. Também sempre é preciso colocar vinho no copo antes de o apresentar e depois de o ter apresentado, como se o beijasse, deitar lentamente a água com uma galheta ou o jarro que se deve segurar na mão direita, e não parar de deitar água até que a pessoa que quer beber erga o copo para dar sinal que não deseja mais.

A cortesia requer que não se sirva bebida a ninguém antes de ter comido por algum tempo dos pratos, depois que a sopa tiver sido retirada. Quer também que se comece sempre a servir a bebida à pessoa mais graduada do grupo. Também se deve servir sempre a bebida ao lado da pessoa a quem se serve, contudo, se houver várias pessoas à mesa não se deve apresentar nada ao lado da pessoa mais graduada, exceto se absolutamente não se puder fazer de modo diferente.

Quando ao servir o vinho se deitou demais no cálice, não se deve deitar de volta na jarra ou na garrafa, e sim num outro cálice. E, se, pelo contrário, não se tivesse servido suficiente, deve-se deitar mais tanto quanto quem serve desejar.

Quando se serve bebida a alguém fora das refeições, depois de lhe ter entregue o cálice, deve-se segurar sob um guardanapo um prato para impedir que alguma gota caia na roupa; e depois que tiver bebido, será preciso receber dele o cálice, com gesto de beijo e ao mesmo tempo apresentar-lhe um guardanapo dobrado para passar na boca; coloca-se também um prato limpo sob o cálice quando as pessoas de alta categoria bebem durante as refeições.

As pessoas que desejam comer de maneira limpa trocam os pratos pelo menos duas vezes durante o almoço: uma vez depois da sopa e uma segunda vez para a sobremesa. Nas casas de gente de alta categoria e nos banquetes, ordinariamente trocam-se todos os pratos em cada serviço e sempre há pratos limpos no bufê para fazer a troca dos que têm necessidade. Também é bom trocá-lo quando se tem o prato cheio demais.

Os que servem e trocam os pratos devem começar sua tarefa pela pessoa mais graduada do grupo e fazê-lo com todos em seguida, entregando a cada um um prato limpo à medida que tiverem retirado os outros da mesa.

Quando se está à mesa, deve-se guardar uma grande reserva e não lançar fixamente o olhar sobre os que estão comendo, nem sobre as iguarias. Também se deve ter cuidado que não falte nada aos que estão à mesa, que não estejam obrigados a pedir várias vezes a beber. Por isso os que servem devem estar muito

atentos para examinar se nada falte a alguém e ser rápidos em servir.

É contrário à boa educação retirar os pratos enquanto ainda alguém está comendo. Deve-se aguardar que se faça sinal para os retirar, quer afastando-os, quer de qualquer outra maneira. Também nunca se deve tirar algum prato antes de colocar um outro no lugar, porque não assenta bem que a mesa fique vazia, a não ser no fim da refeição.

Também não se deve empilhar os pratos para os carregar mais facilmente, especialmente quando ainda há alguma comida dentro deles e quando não estão completamente vazios. Também não se deve juntar num prato o que poderia ter ficado em alguns, para poder levar tudo de uma vez; mas é preciso levantar os pratos todos um depois do outro, de maneira que só se carregue mais do que dois de uma vez.

Quando se retiram os pratos de cima da mesa, sempre se deve começar com os que estão diante da pessoa mais importante do grupo e começar também por ela a tirar os pratos que se devem trocar assim que a comida tiver sido tirada.

Somente depois da oração de ação graças e é que se deve tirar tudo da mesa. E quando se toma a sobremesa, convém colocar as facas e os garfos e colheres numa cestinha, bem como os pedaços de pão que tenham sobrado. É uma vergonha resguardar então comida, vinho ou outra coisa para o comer às escondidas.

O sal se tira em último lugar, e depois de ter tirado a toalha deve-se cobrir a mesa com alguma tapeçaria, exceto se ao mesmo tempo se deve retirar também a mesa.

Depois que tudo tiver sido retirado ter-se-á cuidado de varrer cuidadosamente as migalhas e outras coisas que tiverem caído da mesa; em seguida se arruma o fogo, se for inverno, e todos se retiram com uma reverência.

Quem tiver o encargo de acompanhar as pessoas com a vela para as conduzir não levará somente a vela mas a vela com o candelabro, que carregará com a mão direita segurando o chapéu com a esquerda e iluminando as pessoas enquanto caminha à frente delas.

É uma grande falta de educação apagar a vela na presença das pessoas. A boa educação pede que nunca se faça isso na presença e à vista dos outros, e deve-se ter cuidado que a vela não solte fumaça.

Ainda mais descortês é espevitar a vela com os dedos; sempre se deve fazê-lo com a espevitadeira retirando a vela de cima da mesa.

CAPÍTULO V

Das Diversões

As diversões são exercícios aos quais se pode consagrar algum tempo do dia, para relaxar a mente

tesa das ocupações sérias, e o corpo dos empregos cansativos a que os sujeitamos durante o dia.

É muito bom tomar algumas vezes um pouco de descanso: o corpo e o espírito têm necessidade disso, e Deus nos deu disso o exemplo desde o começo do mundo, quando descansou²⁸, conforme a expressão da Escritura, depois de ter trabalhado seis dias inteiros sem parar no grande trabalho da criação do mundo. Nosso Senhor também convidou seus Apóstolos a descansarem com ele, depois de retornarem dos lugares a que foram enviados para lá pregar o Evangelho²⁹.

Contudo, como acontece com frequência a gente se divertir ofendendo a própria consciência em detrimento dos outros, ou violando em alguma coisa as regras da honestidade, quer ao se entregar aos divertimentos que a boa educação não permite, quer ao tomar o divertimento de maneira pouco honesta, ou misturando nele alguma coisa descortês ou inconveniente, por isso parece necessário expor aqui as diferentes espécies de diversões que se podem tomar e dar a conhecer a maneira de passar esse tempo para o fazer com modos educados.

As diversões que se podem tomar são o recreio, o jogo, o canto e o passeio. Aqui serão tratadas essas quatro coisas uma depois da outra e da maneira de as fazer bem.

²⁸ Gn 2, 2 e 3

²⁹ Mc 6, 31

ARTIGO I

Do recreio e do riso

A boa educação e a honestidade pedem que se tome todos os dias algum recreio depois das refeições, com as pessoas com as quais se mora e com as quais se tomou a refeição; não é de boa educação afastar-se logo depois de sair da mesa.

O recreio se passa ordinariamente na conversa amena e em contar histórias gostosas e agradáveis que dão ocasião para rir e que divertem as pessoas. Contudo, deve-se tomar cuidado para que esse tipo de conversa não tenha nada de rasteiro e denote uma educação deficiente, mas que seja elevada pelo modo de se expressar, que dá o brilho, o lustre e a graça de sua simplicidade.

O Sábio³⁰ diz que há um tempo de rir e este é propriamente o tempo que segue a refeição, pois além de ninguém poder aplicar-se a ocupações sérias logo depois das refeições, ficar alegre e livre no tempo que as segue imediatamente é algo que ajuda muito a digestão dos alimentos.

Nunca é permitido divertir-se à custa dos outros, o respeito que se deve ter pelo próximo exige que ninguém se alegre com nada que pudesse causar mal-estar a quem quer que seja.

Há principalmente três coisas de que nunca se deve rir. As que se referem à religião, as palavras ou as

³⁰ Ecl 3, 4

ações desonestas, as imperfeições dos outros e algum acidente infeliz que lhes tenha acontecido.

Quanto às coisas referentes à religião, haveria libertinagem e impiedade fazer dela objeto de riso e diversão. Um cristão deve, em todas as ocasiões dar sinais de estima e veneração para com tudo o que se refere ao culto de Deus; por isso, deve-se evitar cuidadosamente apresentar como ridículas as palavras da Sagrada Escritura, como acontece às vezes.

Nunca se deve ter essas Palavras na boca que não fosse por um sentimento de espírito cristão e para se animar à prática do bem e da virtude.

A boa educação requer que se tenha tão grande horror a tudo o que por pouco se aproxima da impureza, e que bem longe de permitir que as pessoas se divirtam com isso, ela nem permite sequer que se manifeste gostar de nada que a atinge.

Os que riem de coisas dessa natureza manifestam que vivem mais segundo o corpo do que segundo o espírito, e que têm o coração completamente corrompido.

No que se refere às imperfeições dos outros, ou são naturais, ou são viciosas. Se forem naturais, é indigno de um homem de bom senso e de boa conduta, fazer delas objeto de risada e se divertir com elas, porque quem as tem, não é sua causa e não depende dele não as ter, e porque não há pessoa alguma a quem não poderia acontecer a mesma coisa. Se forem imperfeições viciosas e nas quais de encontra motivo de diversão, isto seria completamente contra a caridade

e contra o espírito cristão que inspira antes ter compaixão por elas e incita a ajudar os outros a se corrigir delas, do que fazer delas um assunto de divertimento.

Não é menos contra a boa educação rir e se divertir de algum acidente desagradável que tivesse acontecido a alguém, pois isto manifestaria claramente que se sente prazer, quando a caridade e a honestidade requerem que se participe do que causa desgosto aos outros como do que lhes causa prazer.

É uma falta de cortesia rir depois de ter dito um chiste engraçado e ficar olhando os presentes para ver se eles riem pelo que se disse, porque isso manifesta que se acredita ter falado maravilhas. Também não se deve rir quando alguém diz alguma coisa inconveniente ou fora de propósito. Rir de tudo o que se vê e se ouve é dar mostras de insensatez.

Ninguém se deve tomar a liberdade de rir a toda hora e em toda ocasião. Por exemplo, não se deve rir enquanto se fala, ou quando se tem motivo de ter dó. A cortesia não o permite também em certas ocasiões em que pelo menos se deve parecer sério, como quando faleceu algum parente do qual se ficou herdeiro, porque isto manifestaria que a pessoa se alegra pela morte dele.

A honestidade não quer, pois, que se ria sem ter um motivo razoável para isso; e prescreve também regras acerca da maneira de rir e nunca permite que se ria às gargalhadas, e menos ainda que se ria de maneira debochada e tão pouco honesta que se perca a

respiração, e se façam gestos indecentes. Somente pessoas de pouco juízo e pouca educação são capazes disso: porque é próprio do insensato, diz o Eclesiástico³¹, erguer a voz ao rir, enquanto o sábio apenas sorri baixinho.

ARTIGO II

Do passeio

O passeio é um exercício honesto que contribui muito para a saúde do corpo e torna a mente mais disposta aos exercícios que lhe são próprios. Ela se torna uma diversão quando a ele se juntam entretenimentos agradáveis.

Ordinariamente durante o passeio se faz alguma cerimônia para participar nele e o lugar de honra fica reservado à pessoa mais qualificada do grupo.

Contudo quem for escolhido para essa honra não deve aceitá-la a não ser que esteja muito acima dos outros e só o deve fazer depois de ter saudado o grupo, como para agradecer a honra que lhe foi feita.

É muito descortês atribuir a si mesmo o lugar de honra, exceto se essa pessoa ocupa uma posição muito superior aos outros; e quando forem pessoas que são mais ou menos iguais que vão a passeio juntas, devem ordinariamente tomar lugar sem discernimento, à medida que se encontram.

³¹ Eclo 21, 23

Quando estiverem em três ou mais para passear, o lugar de honra que se deve dar à pessoa mais importante é o do meio; à direita dela está o segundo e à esquerda o terceiro. E se forem iguais os que passeiam, podem ceder o lugar do meio alternativamente a cada um em cada distância do passeio. Quem está no meio se retira para deixar que uma pessoa a seu lado possa tomar seu lugar.

Num jardim e nos outros lugares em que não há costume determinado, o segundo lugar é o lado direito da pessoa à qual se faz a honra. Assim, se alguém está só com outra pessoa, ele se colocará à sua esquerda e tomará cuidado de sempre tomar a esquerda cada vez que se der a volta, mas sem que apareça afetação.

Dentro de um quarto, o lugar em que está a cama é o lugar de honra, se a disposição do quarto o permitir; do contrário, é preciso orientar-se pela porta que marca o lugar mais baixo.

Numa rua, o lugar de honra é o lado do muro, mas se forem três pessoas, o meio é o primeiro lugar, o do muro, o segundo, e o outro lado é o terceiro.

Os que estão passeando sempre devem caminhar devagar, em linha reta, especialmente se os que passeiam não forem em grande número e se nem todos são de qualidade mais ou menos igual; porque, se entre os que passeiam juntos houver alguma pessoa muito mais importante do que as outras, a cortesia requer que se caminhe um pouco mais em frente da pessoa que se quer honrar, de modo que esta possa ser ouvida e se possa falar-lhes facilmente.

Quando alguém passeia com outra pessoa, não é cortês aproximar-se tanto até chegar a se tocarem; e é ainda mais descortês dar-lhe socos com os cotovelos. Também não se deve ficar muito frente a frente com aquele com quem se quer falar, de modo que, ao caminhar, ambos se atrapalhem.

No fim de cada etapa determinada do passeio, a pessoa mais importante deve dar a volta em primeiro lugar, e deve sempre fazê-lo voltando o rosto para a pessoa mais importante depois dela, ou para quem está falando, ou alternativamente ora para a direita ora para a esquerda. Se as pessoas a seu lado forem mais ou menos de mesma condição, a boa educação também exige que todos os outros dêem a volta pelo lado daquele que está no meio.

Se apenas forem duas pessoas a passeio, cada uma deve voltar-se para dentro, do lado da pessoa com que está a passeio e nunca para fora, porque não o poderia fazer sem dar as costas ao companheiro, o que seria completamente contra a educação.

Se duas pessoas de qualidade muito superior colocarem no meio delas uma outra que lhes é inferior, para poderem ouvir mais facilmente alguma narração que esta última tivesse a fazer, em cada fim de inversão do movimento da caminhada, a pessoa inferior terá o cuidado de se voltar do lado da mais qualificada das duas, e se ambas forem mais ou menos de mesma qualidade, tomará cuidado de se voltar em cada retorno ora de um, ora de outro lado. Assim que tiver

terminado o que deve fazer, sairá do meio e se colocará ao lado, um pouco mais para trás.

Ao passar por algum lugar em que for preciso caminhar uma só por vez, cada um deve seguir a escala de importância que ocupa no grupo, enquanto procuram deixar a honra aos outros, por educação; mas, se as pessoas não tiverem qualidade particular que as distingue, caminharão uma depois da outra, conforme se encontrarem.

Contudo, se o lugar for incômodo ou perigoso, um dos menos qualificados pode caminhar à frente para mostrar o caminho ou experimentar o passo, sem ferir com isso as regras da boa educação.

Ao encontrar um outro grupo de passeio, é uma grande falta de educação abandonar seu grupo, porque isso significaria que se tem pouquíssima consideração pelas pessoas com as quais se está e que se lhes tem pouca estima.

Quando alguém passeia com uma pessoa importante, ou mesmo com uma de mesma condição, ordinariamente não é cortês ficar parado, porque isto manifestaria superioridade e muitas vezes enfastia os outros. Contudo, se a pessoa com a qual se está a passeio ficar parada, é preciso parar e ter cuidado de não avançar todo o tempo em que essa pessoa se detiver.

ARTIGO III **Do jogo**

O jogo é uma diversão que algumas vezes é permitido, mas é preciso fazê-lo com muita precaução: é uma ocupação em que se pode empregar algum tempo, mas deve-se ter uma certa reserva. É necessária muita precaução para não se deixar ir a alguma paixão desregrada: deve-se manter a moderação para não se entregar inteiramente, nem empregar nele tempo demais.

Como é impossível comportar-se nele com boa educação, sem essas duas condições, também não é permitido jogar sem elas.

Dois paixões especialmente há das quais se deve tomar cuidado para não se deixar ir no jogo: a primeira é a avareza e esta ordinariamente é a fonte da segunda, que é a impaciência e a exaltação.

Os que jogam devem tomar muito cuidado para não jogar por avareza, visto que o jogo não foi inventado para ganhar dinheiro, mas somente para relaxar um pouco o espírito e o corpo depois do trabalho.

Daí resulta que não é de boa educação jogar somas vultosas, mas simplesmente um dinheirinho que não possa enriquecer a quem ganha, nem empobrecer a quem perde, mas que serve para entreter o jogo e dar mais gana de ganhar, o que contribui muito para o prazer do jogo.

Uma grande falta de cortesia é impacientar-se no jogo, quando não se consegue o que se desejava; mas é uma vergonha exaltar-se e pior ainda praguejar. É preciso comportar-se de maneira honesta e pacífica, para não perturbar a diversão.

Completamente contrário à boa educação é trapacear no jogo, isto chega a ser um furto e, ao ganhar, há obrigação de restituir ainda que se tivesse ganho em parte por essa esperteza.

O dinheiro que se ganha não deve ser exigido com precipitação, mas se alguém faltou para colocar em jogo e chegou a perder, somente se deve exigir dele ou levá-lo a colocar em jogo o que está devendo de maneira educada fazendo-lhe ver apenas que não colocou em jogo, assim: "Parece que você esqueceu de colocar em jogo". Ou se perdeu e todos continuam a jogar: "Por favor, ponha duas vezes em jogo", ou "Falta tal quantia do que deveria estar, porque não colocou na última vez". Nessas ocasiões é preciso ter muito cuidado para evitar certas maneiras de falar, tais como: "Pague, ponha em jogo!"

Embora no jogo se deva manifestar muita alegria no rosto, porque se joga apenas para se divertir, é contra a cortesia manifestar uma alegria extraordinária quando se ganha, bem como ficar perturbado, chateado e zangar-se, quando perde. Isto seria sinal de que se joga para ganhar dinheiro. Um dos melhores meios que se possa tomar para não cair em algum desses defeitos é só jogar tão pouco dinheiro de

modo que nem o que ganha, nem o que perde seja capaz de excitar qualquer paixão nos que jogam.

Também é falta de cortesia cantar ou assobiar durante o jogo, ainda que fosse bem suavemente e entre os dentes. É ainda pior tamborilar com os dedos ou os pés, é o que por vezes acontece aos que estão muito concentrados em seu jogo.

Se acontecer alguma discussão no jogo, é preciso evitar o gritar, o contestar ou o teimar, mas se houver necessidade de resistir, deve-se usar muita moderação e honestidade, expondo simplesmente em poucas palavras, o direito que se crê ter, sem elevar a voz nem um pouco. Quando se perde, é dever de educação pagar sempre antes de ser interpelado a isso, porque essa atitude de pagar o que se deve ao jogo sem mostrar mágoa, manifesta um espírito generoso e honesto de uma pessoa de boa família.

Nunca se deve tomar a iniciativa de jogar com uma pessoa de importância superior senão a pedido dela; mas quando uma pessoa importante obriga alguém que é de condição muito inferior à dela para jogar com ela, é preciso que cuide muito de não manifestar, nem pressa no jogo, nem vontade de ganhar, porque é sinal de pequenez de espírito e se baixeza de condição.

Mesmo sabendo que a pessoa com que se joga e a quem se deve respeito tem mágoa de perder, não se deve abandonar o jogo ao ganhar, a menos que não venha dela ou tenha recuperado o que tinha perdido. Mas ao perder é possível retirar-se educadamente e

isso sempre é permitido sejam quais forem as pessoas com quem se joga.

É cortês manifestar contentamento quando uma pessoa a quem se deve respeito ganha no jogo, especialmente quando pessoalmente não se está jogando e somente se é espectador.

Uma coisa importante é abster-se inteiramente de jogar quando não se está de bom humor no jogo, porque poderiam acontecer muitos inconvenientes que se devem prevenir. Mas se a pessoa com quem se joga está de mau humor, não se deve mostrar incômodo nem por palavras, nem pela maneira de agir. Deve-se ainda mais evitar a exaltação; procurar prosseguir tranqüilamente seu jogo, como se nada tivesse acontecido. A prudência até e a sabedoria exigem que se leve tudo numa boa e que nunca se perca o respeito que se deve a essa pessoa, nem a calma que sempre se deve conservar no espírito.

É muito descortês zombar de alguém que tivesse errado uma jogada. Se vierem pessoas mais qualificadas para jogar e nós ocupamos seus lugares, é dever de cortesia cedê-lo a elas, e se jogarmos com alguma pessoa de qualidade superior, dois contra dois, e que essa pessoa tenha ganho a partida, seu companheiro nunca deve dizer: "Nós ganhamos" e sim "O Senhor ganhou" ou "O Sr. Fulano ganhou".

É totalmente contrário aos bons modos esquentar-se no jogo; mas também não se deve ficar negligente nem deixar perder por condescendência, a

fim de não fazer crer a pessoa com quem se joga, que se esforça pouco para contribuir para sua diversão.

Pode-se jogar vários tipos de jogos, alguns dos quais exercitam o espírito e outros exercitam especialmente o corpo.

Os jogos que exercitam o corpo, como a péla, o jogo da choca, a bola, a bola jogada com pau, a peteca, são preferíveis aos que exercitam e ocupam demasiado o espírito, tais como o xadrez e as damas: ao jogar esse tipo de jogos que exercitam o corpo, deve-se prestar muita atenção para não fazer contorções corporais ridículas ou indecentes. Também se deve evitar esquentar-se demais e desabotoar ou tirar a roupa ou até o chapéu, porque essas são coisas que a cortesia não permite. Ao jogar xadrez ou damas, é cortesia ceder à pessoa com quem se joga as figuras ou as pedras brancas, ou colocá-las diante dela ou pelo menos ajudar-lhe a colocar ou dispor-se a ordená-las no tabuleiro, e não aceitar as figuras ou as pedras brancas, nem colocá-las à frente de si.

Há alguns jogos de cartas que às vezes se podem permitir jogar, tais como o "piquê", porque eles requerem sempre um pouco de habilidade e não são puramente de azar. Mas há outros, como o "brelão" e o "lansquené", que são de tal modo de azar que não somente são proibidos pela Lei de Deus, mas não são permitidos de acordo com as leis da educação. Assim devem ser considerados como indignos de uma pessoa educada.

A cortesia também requer que o tempo que se emprega no jogo seja moderado e que longe de jogar continuamente, como fazem alguns, não se jogue com demasiada frequência, nem várias horas seguidas; porque isso seria fazer constituir sua ocupação com uma coisa que propriamente apenas é uma cessação ou interrupção de um pouco de tempo, o que não se coaduna com a sabedoria de uma pessoa de boa educação.

ARTIGO IV **Do canto**

O canto é uma diversão que não somente é permitida, mas é muito honesta e que pode contribuir muito para recriar o espírito de maneira agradável e inocente ao mesmo tempo.

Contudo, a boa educação bem como a religião querem que um cristão não se entregue a cantar toda sorte de canções e que tome cuidado especialmente para não cantar canções desonestas, nem alguma cujo texto fosse livre demais ou ambíguo. Numa palavra, é muito inconveniente para um cristão cantar melodias que levam à impiedade ou em que se exalta o excesso na comida ou cujas expressões e cujos termos dão a idéia de prestar homenagem e que revelam que se encontra prazer nos excessos do vinho; pois além de ser muito sem graça usar tais palavras, elas poderiam contribuir muito a levar a tais ações ruins, mesmo que atualmente não se as esteja fazendo, visto que as

canções muito mais facilmente inspiram ao espírito o que elas contêm, do que as palavras em si.

São Paulo nos indica precisamente em dois textos diferentes de suas cartas³², que os cristãos devem cantar Salmos, hinos e cânticos espirituais, e devem cantá-los do fundo de seus corações e com afeição, porque contêm os louvores de Deus. Com efeito, estes são os cantos que se deveriam ouvir nas casas dos cristãos em que o vício e tudo o que leva a ele não é menos contrário à boa educação do que contra as regras do Evangelho e em que não se deve ouvir qualquer canção que não seja de louvor a Deus e que não leve à prática do bem e ao exercício da virtude.

Esta também era a prática dos antigos Patriarcas que só compunham cânticos quer para louvar a Deus quer para agradecer algum benefício recebido dele. Davi, que compôs um grande número deles, os compôs em louvor a Deus. A Igreja que se os apropriou, os canta todos os dias e os coloca na boca dos cristãos nos dias em que se reúnem solenemente para prestar seus deveres a Deus, parece convidar a todos a cantá-los também e repeti-los em particular e aos pais e às mães a ensiná-los a seus filhos.

Como estes santos cânticos foram traduzidos para o vernáculo e receberam uma melodia, qualquer pessoa tem facilidade para os poder cantar, bem como para os ouvir e se encher o espírito e o coração com

³² Ef 5, 19; Cl 3, 16

santas aspirações de que estão repletos. Louvar e bendizer muitas vezes a Deus de coração também deveria ser uma grande satisfação e uma verdadeira diversão para os cristãos.

O que a cortesia pede dos cantores ou tocadores de instrumentos é que nunca demonstrem e nunca dêem sinais e nunca falem disso para conquistar a estima por esse meio; mas se vier ao conhecimento do público e se em certas ocasiões uma pessoa a quem se deve respeito ou deferência, pedir se que toque ou cante uma canção, quer para mostrar o que se sabe, quer para divertir as pessoas reunidas, pode-se gentilmente pedir escusas de o fazer e, em geral, convém fazê-lo; mas, se essa pessoa insiste e insta, seria não conhecer o mundo hesitar em cantar ou em tocar o instrumento que se pede tocar. Pois, se acontecesse que não se cantasse perfeitamente bem ou não se fosse hábil em tocar o instrumento, as pessoas presentes depois teriam motivo de dizer que não valeu a pena fazer-se de rogado; em vez disso, aquiescer de maneira delicada e sem muita demora, deixa a salvo de todas as censuras ou pelo menos não oferece ocasião para elas.

Quando alguém se vê obrigado assim a cantar num grupo, deve evitar o tossir e cuspir e louvar a si mesmo: por exemplo dizer: "Esta é uma parte muito bonita, e este outro também mais bonito ainda, cuidado com esta descida, etc". Isto manifesta demais a vaidade e a estima própria, e é sinal de que se procura aumentá-las. Não é cortês fazer certos gestos que mostram

prazer pessoal; o mesmo se deve fazer também quando alguém toca um instrumento.

Quando se é assim convidado a cantar ou a tocar algum instrumento, não se deve fazer nem um nem outro por longo tempo, porque se deve evitar o tornar-se enfadonho; antes se deve acabar mais cedo para não dar a ninguém motivo de dizer ou de pensar que já basta.

Seria uma falta de educação dizê-lo, caso a pessoa que canta merece alguma consideração; também é grave falta interromper uma pessoa que está cantando.

Deve-se também tomar muito cuidado de nunca cantar só e entre os dentes. Isto é muito descortês em qualquer ocasião que seja. Não o é menos contrafazer uma pessoa que se ouviu cantar, quer porque canta pelo nariz, quer ela tenha inflexões de voz ou maneiras que são inconvenientes e desagradáveis; isto é jeito de palhaço e farsante de teatro. Também assenta muito mal ter maneiras de cantar que são grosseiras, afetadas ou estranhas.

O modo de cantar bem e agradavelmente é fazê-lo de maneira absolutamente natural.

ARTIGO V

Das diversões não permitidas

Há outros divertimentos dos quais não se vai tratar aqui em mais pormenores porque de modo algum

são permitidos a um cristão, nem pelas leis da religião, nem pelas regras de civilidade.

Alguns deles são, em geral, próprios dos ricos: são os bailes, as danças e as comédias. Há outros que são mais freqüentes entre os operários e os pobres, tais como os espetáculos de opereta, de palhaços, equilibristas nas cordas, marionetes, etc.

A respeito dos bailes basta dizer que são reuniões cujo comportamento não é nem cristão nem honesto; elas se realizam de noite, porque parece que se tem a intenção de se esconder e passar nas trevas, para ter então mais liberdade, e para ali conhecer o crime. As pessoas em cuja casa se realizam têm a obrigação indispensável de abrir sua porta sem distinção a todo o mundo, o que faz com que suas casas se tornem como lugares de infâmia e bordéis, onde pais e mães expõem suas próprias filhas a toda sorte de rapazes, que têm toda liberdade de entrar nessas reuniões, também se permitem examinar todas essas pessoas que as freqüentam e apegar-se a aquelas garotas que mais lhes agradam; conversar com elas, levá-las a dançar, afagam-nas e tomam liberdades que os pais e as mães teriam vergonha de lhes permitir em suas casas particulares. E as meninas, pelo luxo e a vaidade com que aparecem em seus enfeites, pela pouca modéstia que se encontram em seus olhares e gestos, em toda sua pessoa, se prostituem aos olhos e aos desejos de todos os que entram nesses bailes e dão ocasião aos que são os mais moderados, a terem

sentimentos muito longe dos que o pudor e a honestidade cristão deveriam inspirar-lhes.

No que se refere às danças que se realizam em casas particulares com menos excesso, elas não são menos contra a boa educação do que as que se realizam com mais brilho nos bailes; porque, se um antigo pagão disse que ninguém dança quando está sóbrio, a não ser que ficou louco, o que então o espírito cristão pode inspirar acerca deste divertimento, que no dizer de santo Ambrósio³³, só é bom para excitar as paixões vergonhosas e em que o pudor perde todo seu brilho entre o ruído que se faz ao pular e ao se abandonar à deboche. Este santo Padre diz que as mães que permitem a suas filhas dançarem são mães indecentes e adúlteras e não são mães castas e fiéis a seu esposo. Estas devem ensinar a suas filhas a amar a virtude e não a dança, na qual, diz são Crisóstomo³⁴, o corpo é desonrado por atividades vergonhosas e indecentes, e a alma o é muito mais ainda, porque as danças são o jogo dos demônios, e os que com elas se divertem e deleitam, são os ministros e os escravos dos demônios e se comportam como animais em vez de pessoas, porque se entregam a prazeres dos brutos.

Embora as comédias sejam consideradas no mundo como um divertimento honesto, elas não deixam de ser a vergonha e a confusão do cristianismo. Com efeito, os que se entregam a esse emprego e dele fazem sua profissão são publicamente conhecidos por

³³ S. Ambrósio, *De Virginitate*, Lib. 3.

³⁴ S. Crisóstomo, *Sermão nº 48, sobre Mateus*

sua infâmia. Será que se pode gostar de uma profissão em que a pessoa que a exerce, se cobre de confusão? Será que não é infame e vergonhosa esta arte, em que toda habilidade dos comediantes consiste em excitar em si mesmos e nos outros, certas paixões vergonhosas, das quais uma pessoa bem educada só pode ter horror? Quando nas comédias se canta, ouvem-se apenas melodias próprias a fortificar essas paixões. Acaso poderia ter honestidade e boa educação nos adornos, na nudez e na liberdade dos e das comediantes? Acaso há em seus gestos, em suas palavras e atitudes alguma coisa que não seja indecente para um cristão não só de fazer mais até de ver? Portanto, é inteiramente contra a boa educação fazer disto seu prazer e sua diversão.

Os teatros de operetas e palhaços, que geralmente são apresentadas em praça pública, são consideradas indecentes por todas as pessoas honestas; e ordinariamente somente os operários e os pobres são os que as assistem. Parece até que o diabo as organiza para eles, para que, como não têm os meios de provar o veneno que oferecem para perder as almas nas comédias, eles possam facilmente saciar-se junto desses teatros públicos; e para esse fim emprega palhaços formados por ele e, conforme a expressão de são Crisóstomo³⁵, os emprega para infectar todas as cidades a que vão. Assim que esses palhaços ridículos, diz o mesmo santo Padre, proferiram alguma blasfêmia

³⁵ S. Crisóstomo, *Homilia 6ª, sobre Mateus*.

ou algumas palavras desonestas, vê-se que os mais loucos explodem em risada, os aplaudem por coisas pelas quais os deveriam lapidar.

Portanto, é um divertimento muito vergonhoso e um prazer detestável, conforme a expressão deste santo Padre, que se procura quem assiste a tais espetáculos e os que lá se encontram mostram ter o coração e o espírito bem rasteiro e muito pouco cristão.

Para um cristão também não assenta assistir a representações de marionetes em que nada de agradável e divertido apareceria se não se misturassem palavras impertinentes ou desonestas, com posturas e movimentos de todo indecentes. Por isso, uma pessoa correta só deve assistir a essa espécie de espetáculos com desprezo, e os pais e as mães nunca devem permitir a seus filhos que os assistam, e devem inspirar-lhes muito horror a eles, por serem contrários à boa educação e à piedade cristã exigida deles.

A cortesia também não permite assistir aos espetáculos dos saltimbancos dançarinos em cordas que em todos os espetáculos expõem sua vida, como sua alma, para divertir os outros. Por isso não podem ser admirados nem olhados por uma pessoa razoável, uma vez que eles fazem o que deve ser condenado por toda a gente que segue as simples luzes da sã razão.

CAPÍTULO VI

Das visitas

ARTIGO I

Da obrigação que a cortesia impõe de fazer visitas e das disposições que se deve ter para isso.

Para quem vive no mundo não é possível dispensar-se de fazer algumas vezes uma visita ou recebê-la; esta é uma obrigação que a cortesia impõe a todos os seculares.

A Santa Virgem até, embora oculta em sua casa, fez uma visita a sua prima Isabel³⁶, e parece que o Evangelho a conta bem desenvolvida, só para que ela possa ser modelo das nossas. Jesus Cristo também fez várias visitas por simples movimento de caridade, sem qualquer obrigação.

Para conhecer e discernir bem em que ocasiões se deve fazer visitas, é preciso persuadir-se que a cortesia cristã deve orientar-se nisto apenas pela justiça e a caridade. Ela não pode exigir que se façam visitas a não ser pela necessidade ou para manifestar respeito para com alguém ou para manter a união e a caridade.

As ocasiões em que a cortesia, fundada sobre a justiça, quer que se faça uma visita, são: quando, por exemplo, um pai tem um filho ou um filho tem um pai doente, são obrigados tanto um como o outro a visitar o

³⁶ Lc 1, 39-56

que está doente, para prestar-lhe os deveres da piedade e da justiça cristã, como também a cortesia exige deles.

Quando alguém tem ódio e aversão para com alguma outra pessoa, tanto um como o outro, de acordo com o Evangelho, são obrigados a se visitar para se reconciliarem e viverem em perfeita paz.

A cortesia cristã se orienta pela caridade nas visitas que se fazem, quer para contribuir para a salvação do próximo, de qualquer maneira que seja, ou para prestar algum serviço temporal, ou para lhe manifestar seu respeito, se for inferior, ou para conservar com ele uma união perfeitamente cristã. Sempre foi em vista de alguma destas intenções e por algum destes motivos que Jesus Cristo Nosso Senhor agiu nas visitas que fez; porque era converter as almas a Deus, como na visita que fez a Zaqueu³⁷, ou para ressuscitar os mortos, como quando foi visitar santa Marta depois da morte de Lázaro³⁸, e quando foi à casa do chefe da sinagoga³⁹; ou para curar um doente, como quando foi à casa de São Pedro⁴⁰, e na casa do centurião⁴¹, embora fizesse todos esses milagres somente para conquistar os corações para Deus ou para manifestar amizade e bem-querer, como na última visita que fez às santas Marta e Maria Madalena⁴².

³⁷ Lc 19, 1-10

³⁸ Jo 11, 1-16

³⁹ Mt 9, 23-26

⁴⁰ Lc 4, 38-39

⁴¹ Lc 7, 1-10

⁴² Jo 12, 1-9

Portanto, não é permitido a uma pessoa honesta e correta fazer continuamente visitas ora a um ora a outro; pois, o Sábio⁴³ diz que infeliz é a vida de quem se hospeda de casa em casa e faz um grande número de visitas inúteis, como fazem certas pessoas. É perder um tempo preciosíssimo que Deus nos dá somente para o empregar para o céu.

Nas visitas que se fazem deve-se tomar cuidado para que não sejam longas demais, isto em geral é um enfado ou incômodo ou incomoda os outros.

A respeito das pessoas a quem se deve visitar, deve-se ter cuidado que não vivam na deboche ou na libertinagem, e que não manifestem nada em suas palavras que manifeste impiedade ou falta de religião. A cortesia não pode suportar que se tenha comunicação com esta espécie de pessoas.

Quando se faz uma visita a uma pessoa a quem se deve ter consideração e a que merece respeito, é preciso tomar o cuidado de usar roupa interna branca e limpa e prever também o que é que se tem a dizer-lhe.

Se alguém deve transmitir um recado a alguma pessoa que vai visitar, deve prestar atenção especial ao que diz, e se não foi ouvido bem ou não bem compreendido, deve-se dá-lo a conhecer com educação, pedindo perdão, para que o repita ou o faça compreender melhor. Contudo é próprio da cortesia agir de tal maneira que nunca se esteja obrigado a repetir a ninguém o que se acaba de falar.

⁴³ Eclo 29, 31

ARTIGO II

Da maneira de entrar na casa de uma pessoa que se visita

Quando se vai visitar alguém e a porta estiver fechada, é uma grosseria enorme bater com violência e dar mais do que uma batida. Deve-se bater gentilmente e aguardar pacientemente que se abra a porta.

Bater à porta de um quarto, seria não conhecer seu mundo; deve-se arranhar. Se a pessoa não aparece, é preciso afastar-se da porta, para que não se seja apanhado como quem está espiando, o que seria muito chocante e muito desagradável.

Quando se abre a porta e que a abre pergunta o nome, deve-se dizê-lo e nunca antepor o título de Senhor ao nome.

Se a pessoa que se vai visitar é de posição muito superior e não está em casa, não é cortês dizer o próprio nome e dizer apenas que se voltará uma outra vez.

Se o visitante é totalmente estranho à casa em que pretende ir, seria uma afronta entrar sem ser introduzido; deve-se aguardar que se diga que entre, mesmo se a porta estivesse aberta. Se não houver alguém para introduzir e se razoavelmente se creia ter a liberdade de entrar, deve-se entrar sem ruído e não bater a porta. Quando se abre ou quando se fecha uma porta e quando se caminha é preciso tomar cuidado de o fazer bem suavemente e sem ruído.

Quando se abre uma porta é muito descortês deixá-la aberta; deve-se ter o cuidado de a fechar, se não houver ninguém para o fazer.

Ao ficar esperando num sala ou na antecâmara, não é cortês andar passeando, isto até é proibido na casa dos Príncipes, e o pior seria cantar ou assobiar.

A cortesia requer que nas salas e na antecâmara se esteja de cabeça descoberta ainda que ninguém estivesse presente; e quando se está na casa de uma pessoa eminente, deve-se ter cuidado de não usar o chapéu e não se sentar de costas para o retrato ou para a pessoa que se deve respeitar.

Seria uma falta de cortesia entrar de cabeça coberta em lugares em que estão pessoas importantes e dignas de consideração; sempre se deve tirar o chapéu antes de entrar.

Se a pessoa que se visita está escrevendo ou faz alguma outra coisa, não é cortês voltar-lhe as costas, mas deve-se aguardar que ela mesma se volte. Também não é educado entrar com ousadia num lugar em que há várias pessoas ocupadas juntas, exceto se houver algum caso urgente ou importante que obrigue a isso, ou que não se possa fazer sem ser percebido.

Ao entrar no quarto de uma pessoa e ela não estiver ali, não se deve ir de um lado para outro, nem examinar o que há nele, mas é preciso sair imediatamente e aguardar na antecâmara. Se houver papéis, escritos, cartas, ou outras coisas semelhantes sobre a mesa do quarto, é falta de civilidade olhar

curiosamente o que é. Deve-se pelo contrário desviar o olhar e se afastar.

ARTIGO III

Da maneira de saudar as pessoas que são visitadas

A primeira coisa que se deve fazer ao entrar no quarto de uma pessoa para a visitar é saudá-la, e lhe prestar a reverência. Esta também é a primeira coisa que o Evangelho nos conta ter feito a Santa Virgem em sua visita que fez a santa Isabel⁴⁴.

Pode-se saudar alguém de três maneiras diferentes: uma delas é muito ordinária e é a que se faz, em primeiro lugar, tirando o chapéu com a mão direita e levando-o até em baixo e estendendo completamente o braço com o chapéu voltado para fora sobre a coxa direita, enquanto a mão esquerda está totalmente livre. Em segundo lugar, olhando delicada e modestamente para a pessoa que se saúda. Em terceiro lugar, baixando o olhar e inclinando o corpo. Em quarto lugar, retendo o pé quando se quer avançar e escorregando-o devagar direto para frente; no caso de querer recuar, puxando o pé esquerdo para trás; quando se passa ao lado, deslizando o pé para frente do lado da pessoa que se quer saudar, e curvando-se e saudando a

⁴⁴ Lc 1, 39-56

pessoa, alguns passos antes de estar frente a frente com ela.

Quando se saúda um grupo todo deve-se deslizar o pé para frente; para saudar a pessoa mais importante, e puxar o pé esquerdo para trás, para saudar de um e de outro lado do grupo.

Nunca se deve entrar em lugar algum sem saudar os que lá estão; e, quem entra deve saudar primeiro os que estão dentro.

Isto também precisa fazer quem faz uma visita, mesmo que a pessoa visitada seja inferior: é o que a Santa Virgem fez a respeito de santa Isabel. Também quem recebe a visita deve fazer de modo que chegue antes e se adiante para saudar em primeiro lugar. Mesmo se a pessoa que faz a visita é de alta condição ou se merece muito respeito, é de boa educação ir recebê-la à porta ou mesmo mais adiante, no caso de ter sido avisado de antemão sobre a visita, para lhe dar os melhores sinais de respeito que lhe tem. É o que fizeram as santas Marta e Maria Madalena, conforme conta o Evangelho⁴⁵, quando Jesus Cristo as visitou para ressuscitar a Lázaro. Esta foi também a homenagem prestada pelo centurião, quando foi à casa dele para curar o servo doente.

A segunda maneira de saudar é saudar na conversa, é o que ordinariamente se chama uma gentileza. Isto se faz simplesmente descobrindo-se e

⁴⁵ Jo 11,17-21

inclinando-se um pouco e deslizando o pé de maneira imperceptível quando se está de pé.

A terceira maneira de saudar, que é extraordinária, se faz quando alguém vem de fora ou quando uma pessoa se despede de alguém antes de sua partida para uma viagem. Esta maneira de saudar se faz como a primeira; mas deve-se retirar a luva da mão direita, curvar-se humildemente e depois de ter levado a mão até o chão, trazê-la depois suavemente à boca como para a beijar; em seguida se deve erguer suavemente, para não estar exposto a bater com a cabeça contra a pessoa que se saúda que, por acaso, vier inclinar-se ou até para abraçar.

Quem saúda assim deve inclinar-se tanto mais profundamente quanto a pessoa que saúda é de importância.

Outra maneira extraordinária de saudar é abraçar a pessoa, o que se faz com levar a mão direita por sobre o ombro e a esquerda por baixo, e aproximar um ao outro a face esquerda sem a tocar nem beijar.

Ainda outra maneira de saudar é o beijo que se dá ordinariamente apenas por pessoas que têm alguma união entre si ou alguma amizade particular. Na primitiva Igreja ele era muito em uso entre os fiéis que se serviam dele como sinal sensível de uma união muito íntima entre si e de uma caridade perfeita. É assim que são Paulo exorta os romanos e todos os outros aos quais escreve como devem se saudar.

A reverência que se faz ao saudar alguém não deve ser curta, mas baixa e grave; deve também ser

feita sem afetação e sem ter atitude indecente, como seria voltar a cabeça sem graça, fazer contorções de corpo desagradáveis, baixar-se desmesuradamente ou ficar muito ereto. É indecente fazer uma reverência em cada palavra que se pronuncia.

É contra a boa educação, ao saudar, perguntar ao superiores e alias a qualquer outra espécie de pessoas: *Como vai?* Porque, a menos que a pessoa saudada esteja doente, só é permitido perguntar estas coisas a amigos e a pessoas de mesma condição.

Entretanto, uma pessoa de condição superior pode fazê-lo a uma pessoa que lhe é de condição inferior do que ela, ou que é seu inferior.

É muito descortês que as mulheres e as moças mascaradas saúdem alguém enquanto conservam a máscara no rosto, sempre devem retirá-la. Também é uma grande falta de educação entrar no quarto de uma pessoa a quem se deve respeito, com o vestido arregaçado, a máscara no rosto ou a touca na cabeça, exceto se essa touca seja clara.

ARTIGO IV

Da maneira de abordar uma pessoa que se visita e da maneira de se sentar e se levantar

Quando se entra no quarto de uma pessoa e lá estiverem outras pessoas que estão falando, não se deve chegar perto, mas ficar de lado da porta até que essas pessoas tenham cessado de falar ou que a pessoa

com quem se quer tratar, se adiante ou faça sinal de se aproximar.

É falta de educação, ao aproximar de uma pessoa numa visita ou num encontro, gritar-lhe alto como fazem alguns: Bom dia, Senhor, criado a seu serviço! Deve-se aguardar para lhe falar até que se esteja perto dela e falar em tom mediano.

Assim que se entrou, é preciso fazer os cumprimentos de pé e permanecer nessa atitude até que as pessoas que lhe são superiores estejam sentadas, porque não assenta bem sentar-se ou permanecer sentado enquanto as pessoas a quem se deve respeito estão de pé e não o é menos sentar-se antes do que a pessoa a quem se visita o diga ou faça sinal.

Se a pessoa que se visita for de qualidade eminente ou a quem se deva ter muita consideração e respeito, não se deve pôr o chapéu nem sentar-se, caso ela não o mande expressamente. Contudo, se ela o mandar, deve-se fazê-lo, manifestando por algum sinal exterior que a pessoa o faz só por submissão que lhe deve. E ao sentar-se deve-se ter cuidado de colocar-se abaixo dessa pessoa, buscando uma cadeira mais ordinária do que a dela e não tomar lugar ao lado nem muito perto, mas na outra ponta; face a face, mas um pouco de lado; porque essa postura é mais respeitosa. Também não se deve olhar fixamente nem se aproximar perto demais da pessoa para não correr o perigo de tocá-la ou lhe fazer sentir a respiração ou a incomodar de alguma outra maneira seja qual for.

Para que se saiba distinguir e escolher as cadeiras, é o momento de dizer aqui que o assento mais honroso é a poltrona e entre as poltronas o preferível é a mais cômoda.

Depois da poltrona, vem a cadeira de encosto, e depois da cadeira de encosto, a cadeira dobrável.

Em nossa casa precisamos dar o primeiro lugar a nossos iguais e fora de nossa casa somente se deve aceitar o primeiro lugar depois de nos ser oferecida umas duas ou três vezes.

Quando estamos sentados perto do fogo para nos aquecer ou num banco do jardim, o meio é o primeiro lugar, à direita é o segundo e à esquerda é o terceiro.

Quando se está sentado numa sala, o lado da janela é ordinariamente o primeiro lugar e o lado da porta é o último.

Ao entrar num quarto é muito descortês sentar-se sobre a cama, especialmente se é a cama de uma mulher e em qualquer tempo é inconveniente e de uma familiaridade insuportável deitar-se na cama e se entreter ali.

Nas visitas e nas conversas é exigência da cortesia conformar-se às pessoas que se visitam e não simular particularidade: seria completamente contra o respeito que se deve ter para com as pessoas com quem se está, sentar-se quando elas estão de pé; andar quando elas estão paradas; ler e pior ainda dormir, quando estão conversando.

Também é de cortesia condescender e conformar-se aos outros em tudo o que é permitido, conforme a Lei de Deus; porque nunca é permitido transgredi-la por condescendência a quem quer que seja, nem aprovar o mal que se vê cometerem os libertinos.

Nessas ocasiões deve-se ou abandonar o grupo ou manifestar pela modéstia e a gravidade do rosto, o desagrado que se sente.

ARTIGO V

Da maneira de se despedir e sair das visitas

Quando uma pessoa visita alguém que é de condição superior ou quando percebe que essa pessoa com que está tem alguma coisa a fazer, ela não deve se demorar tanto até ser obrigada a ser despedida. Sempre é melhor retirar-se por conta própria e convém tomar o tempo para sair quando a pessoa com que se está fica em silêncio, quando chama alguém ou quando dá algum outro sinal de que tem outra coisa a fazer.

Não se deve sair sem saudar e sem se despedir de um grupo; contudo, se alguém está na casa de uma pessoa de posição eminente e quando um outro lhe fala logo depois de nós ou se volta para outra coisa, imediatamente depois de nos ter falado, convém sair sem nada dizer, e mesmo sem que seja notado. E, se a pessoa sai sozinha deve abrir e fechar a porta mansamente sem fazer qualquer ruído, e só colocar o chapéu depois de a ter fechado.

Ao sair da casa de uma pessoa que se acaba de visitar deve-se procurar que ela não se dê o trabalho de nos acompanhar; contudo não se deve recusar com insistência essa honra e no caso de a pessoa querer fazê-lo, deve-se, durante esse tempo, ficar sem chapéu e dar depois a essa pessoa sinais de agradecimento fazendo-lhe uma profunda reverência.

Quando se trata de uma pessoa de condição muito superior que presta essa honra, não se deve impedi-la, porque isto mostraria que não se está muito persuadido de que sabe o que está fazendo; e poderia acontecer por vezes que nos escusaríamos muito mal de uma coisa que essa pessoa não faria por nós. Deve-se deixá-la vir até onde quiser, e ao se afastar, agradecer gentilmente, fazendo-lhe uma profunda reverência.

Nestas ocasiões, contudo, pode-se manifestar por algum sinal, de que, se é a nós que se presta esta homenagem, não a atribuímos a nós. E isto se deve fazer prosseguindo seu caminho, sem olhar para trás ou mesmo voltando-se ou ficando parado, como para deixar passar a pessoa que nos acompanha, e mostrar com isso, que se acredita que ela tem de ir a outro lugar.

Se é visível que é a nós e não a essa pessoa que se dirige a gentileza de nos acompanhar e nos conduzir, então é preciso ficar parado sem mais, chegar-se do lado e não sair de seu lugar até que ela tenha voltado para seu quarto.

Quando a pessoa que se visitou conduz até a porta da rua, não se deve montar a cavalo ou no veículo na presença dela, mas pedir-lhe que volte para casa antes de montar. Se, porém, ela quer permanecer, deve-se ir embora a pé e fazer com que o carro nos siga ou conduzir o cavalo pelo cabresto, se viemos montados, até que essa pessoa tenha voltado ou não apareça mais.

ARTIGO VI

Das visitas que se recebem e da maneira de se comportar nelas

Nunca se deve fazer esperar uma pessoa que vem visitar-nos, a não ser que se esteja ocupado com pessoas de posição mais alta do que a visitante, ou se esteja tratando de negócios públicos. É completamente contra a educação deixar esperar à porta, no pátio, na cozinha, ou numa alameda. Se estamos obrigados a fazer esperar durante algum tempo, deve ser um lugar adequado em que a pessoa tenha possibilidade de se sentar, se quiser. A boa educação requer que, se possível, se lhe envie alguém em boas condições para lhe fazer sala durante o tempo em que estiver obrigada a aguardar.

Deve-se largar tudo para receber a pessoa que vem visitar; se for uma pessoa de condição distinta ou com quem não se tem nenhuma familiaridade, deve-se tirar a roupa de dormir, a touca, deixar a refeição, e não

ter a espada nos flancos, caso se está em condições de usá-la, e também o manto sobre os ombros.

Assim que se for avisado de que alguma pessoa a quem devemos muito respeito vem nos visitar, deve-se ir até a porta, ou se ela já entrou, ir o mais longe que se puder para a receber. Deve-se lhe mostrar a máxima honra possível, introduzi-la e fazê-la sentar-se no lugar de honra. É uma honra que se deve prestar em casa não somente às pessoas da mais alta qualidade, mas também a toda outra pessoa que não seja empregado ou inferior.

Mas quando se for visitado por uma pessoa de alta qualidade, ou que seja muito superior, se esta pessoa manifesta o desejo de que se omita parte das deferências que se tem por ela, não se deve teimar em continuar. A cortesia pede que então se mostre, por uma inteira submissão a essa pessoa, que ela tem todo o poder em nossa casa.

Se a pessoa que faz a visita nos surpreende no quarto, é preciso levantar-se prontamente, se estivermos sentados, largar tudo para lhe fazer companhia e abster-nos de toda atividade até que ela tenha saído; mas, no caso de estarmos de cama, precisamos ficar deitados.

Em casa devemos ceder o lugar mais honroso mesmo aos iguais: não se deve pressionar um inferior a tomar um lugar que ele não pode aceitar sem faltar a seu dever.

É falta de educação deixar as visitas ficarem de pé; sempre se deve oferecer-lhes os assentos mais

honrosos e mais cômodos, e se houver assentos mais e menos honrosos e cômodos, os que são mais devem ser apresentados às pessoas do grupo, mais qualificadas, deve-se também prestar-lhes mais honra do que aos outros; não se deve sentar até que a pessoa que está visitando esteja sentada e tomar o assento de menor honra do que o dela.

Quando alguém aparece na hora da refeição e entra no quarto, é de boa educação oferecer-lhe a comer; mas também é educado da parte de quem visita, agradecer gentilmente, se a pessoa visitada está à mesa: um como outro devem se contentar com isso e como um não deve pressionar, o outro não deve aceitar a oferta que lhe é feita.

Nas visitas e nas conversações, especialmente nas visitas que se recebem, nunca se deve manifestar que se está aborrecido com a conversa, perguntando, por exemplo, Que horas são? Contudo, se houver alguma coisa urgente a fazer, se poderia com jeito, fazê-lo entrar na conversa.

A cortesia requer que nos adiantemos às pessoas com quem estamos, especialmente as que vieram visitar, no que pode lhes ser de utilidade: saindo para lhes abrir as portas, retirar o que poderia impedir-lhes a liberdade, levantar um tapete, tocar a sineta, bater à porta, juntar alguma coisa que houvesse caído, trazer luz. E, se for uma pessoa com dificuldade para caminhar, a boa educação quer que lhe demos a mão para lhe ajudar a caminhar. Todos devem esforçar-se nestas coisas e em outras semelhantes, mas

uma pessoa à qual se visita tem uma obrigação especial de o fazer para com a pessoa que a visita. Se ela não cumpriisse esse dever, passaria como muito descortês.

Quando as pessoas que vieram visitar saem da casa, deve-se conduzi-las para além da casa. Se a pessoa que se conduz deve subir na carruagem, não se deve deixá-la antes de ter conseguido subir, e se for uma mulher, deve-se ajudar a subir.

Mas, se formos uma pessoa pública, como uma autoridade do Estado, um magistrado, um procurador, que esteja ocupado, pode-se dispensar-nos de o acompanhar o visitante. Seria até um ato de discricção pedir que a pessoa visitada não saia de seu quarto ou de seu gabinete.

Quando se está com várias pessoas e algumas delas saem e as outras ficam, se a pessoa que sai é mais importante do que a que permanece, deve-se acompanhá-la; se for inferior, deve-se deixá-la sair e permanecer com as outras, mas pedindo-lhe desculpas; se ela for de mesma condição, convém examinar qual ou quais, tudo considerado, são as a quem devemos mais, e acompanhar ou fazer companhia às que são superiores.

Também é de boa educação não deixar voltar sozinha, em especial de noite, uma pessoa jovem que veio visitar e mora longe, neste caso deve-se acompanhá-la pessoalmente ou pô-la nas mãos de pessoas seguras.

ARTIGO VII

Da maneira de se comportar quando ao grupo sobrevém uma pessoa ou quando uma delas sai do grupo

Quando um grupo de pessoas está reunido e chega alguém digno de consideração, se for uma pessoa de condição superior à das que estão reunidas, deve-se pedir humildemente autorização ao grupo para lhe prestar seus deveres e depois deixar o grupo para ir recebê-la. Se essa pessoa é de condição inferior, não se deve sair do grupo, mas se contentar com levantar-se quando ela entra no lugar onde se está e fazer a reverência ou qualquer outro sinal que manifeste nossa educação. Nessa ocasião em que a pessoa que chega merece alguma honra, sempre se deve interromper a conversa, o jogo e qualquer outra coisa e todos devem se levantar, fazer-lhe reverência e permanecer de pé e sem chapéu, até que essa pessoa se tenha sentado. A civilidade também quer que se lhe ofereça o lugar que é devido a sua qualidade, e que se lhe diga em poucas palavras, o que se estava conversando e o que se fazia antes de ela chegar. Este é o papel do dono da casa ou daquele que tinha começado a conversa.

Se a pessoa que chega veio para falar com alguém, pode-se fazê-lo entrar; e quando entra, aquele a quem ele quer falar deve se levantar do assento e o receber de pé e sem chapéu, ainda que seja um serviçal que quisesse falar da parte de uma pessoa à qual deve respeito.

Quando uma pessoa sai e deixa o grupo, todos devem levantar-se e lhe abrir espaço. E o grupo, depois de o ter saudado de acordo com o que sua condição exige, o dono da casa deve pedir ao grupo a licença de o acompanhar, se for de condição maior do que a das pessoas que permanecem; caso contrário, somente deve se escusar ao que sai, sem deixar o grupo. Não é de boa educação acompanhar cada vez aquele que sai em vez de ficar com o grupo.

Quando se entra num grupo de pessoas e quando se sai dele não se deve passar pelo meio do grupo e diante dos que o compõem, mas depois de saudar a todos, deve-se passar por trás deles, se possível; do contrário, se não for possível facilmente, deve-se passar pelo meio pedindo desculpas e inclinando-se um pouco para saudar o grupo.

Quando alguém entra num local em que se encontra um grupo de pessoas, se os outros se levantam e lhe prestam atenção, seu dever é saudar o grupo e não procurar assento de honra nem o assento de outra pessoa. Também não deve permitir que um do grupo lhe busque uma cadeira; deve tomar o último lugar e escolher, se possível, uma cadeira que seja menor do que as demais. Contudo se essa pessoa fosse obrigada a tomar um lugar mais honroso, não deve recusar obstinadamente, principalmente quando, no grupo houver alguma pessoa que não seja de uma condição muito superior à sua.

Quando alguém sai de um grupo, deve fazê-lo de maneira muito educada, sem permitir que se

interrompa a conversação, nem o que se estava fazendo, nem que os outros se levantem, nem que o dono da casa saia de seu lugar para lhe fazer companhia, exceto se educada e cortesmente não o puder impedir.

CAPÍTULO VII

Dos entretenimentos e da conversa

As pessoas que vêm ao mundo sempre têm alguma coisa a fazer juntos; por isso estão obrigados a conversar e falar muitas vezes uns com os outros. Em virtude disso resulta que a conversa é uma das coisas acerca das quais a cortesia prescreve o maior número de regras. Ela requer que os cristãos nela sejam extremamente circunspetos em suas palavras; este é o conselho que lhes dá são Tiago em sua carta⁴⁶: Até o Sábio quer que essa circunspeção seja tão grande que, embora saiba a estima que se tem, no mundo, ao ouro e à prata, quer que se prefira a atenção que se deve ter nas palavras ao afeto que os homens naturalmente têm para conservar seu ouro e sua prata; dizendo que se deve fundir o ouro e a prata e fazer o metal uma balança para pesar as próprias palavras. Sem dúvida, com razão, pois se, conforme diz o mesmo apóstolo

⁴⁶ Tg 3,

são Tiago⁴⁷, se pode afirmar que um homem é perfeito quando não comete pecado ao falar, também precisamos persuadir-nos de que aquele que em suas palavras não comete faltas contra a cortesia, sabe perfeitamente bem como se deve viver no mundo e tem um proceder exterior muito educado e muito de acordo com as regras.

Essa circunspeção que se deve ter nas palavras exige que elas sejam acompanhadas de algumas condições, das quais se vai tratar no artigo seguinte.

ARTIGO I

Das condições que a Cortesia exige para acompanharem nossas palavras

A cortesia requer que um cristão nunca profira alguma palavra que seja contra a verdade ou à sinceridade, que falte ao respeito para com Deus e seja contra a caridade para com o próximo e que não seja necessária ou útil, e dita com prudência e discrição. Estas são as condições que ela quer que acompanhem todas as nossas palavras.

Seção I *(O original usa § em vez de Seção nas outras divisões deste Artigo)*

Da verdade e da sinceridade que a cortesia exige nas palavras

⁴⁷ Tg 3, 2

A honestidade não pode sofrer que se diga alguma falsidade; requer, pelo contrário, que segundo o conselho de são Paulo⁴⁸, cada um diga a verdade ao falar com seu próximo. E, segundo a opinião do Sábio⁴⁹, ela faz considerar a mentira como mancha vergonhosa num homem, e a vida dos mentirosos como uma vida sem honra, sempre acompanhada de confusão⁵⁰. Ela também quer, com o mesmo Sábio, que a mentira em que se tivesse incorrido por fraqueza ou por ignorância, não fique sem confusão⁵¹.

Isto faz com que o Profeta Rei⁵², tão bem instruído nas regras da civilidade como da verdadeira piedade, diz que se alguém quiser que seus dias sejam felizes, deve vigiar sua boca para não falar mentiras. E o Sábio⁵³ quer que consideremos a mentira como coisa tão detestável a ponto de dizer que um ladrão é melhor do que um homem que mente a toda hora, porque a mentira se encontra sempre na boca das pessoas desordenadas. Pode-se até dizer que basta entregar-se à mentira, sem qualquer outro vício, para em breve se tornar pessoa desregrada e a razão é a que Jesus Cristo dá quando, para inspirar mais horror à mentira, disse que o diabo é o autor e o pai da mentira⁵⁴.

⁴⁸ Ef 4, 25

⁴⁹ Eclo 20, 26

⁵⁰ Eclo 20, 28

⁵¹ Eclo 4, 30

⁵² Sl 31, 12-13

⁵³ Eclo 20, 26-27

⁵⁴ Jo 8, 44

Já que a mentira é algo tão vergonhoso, tudo o que dela por pouco se aproxima é contrário à boa educação. Assim, quando alguém nos pergunta ou quando falamos com alguém, não é educado usar palavras equívocas e de duplo sentido, em geral nessas ocasiões é mais educado desculpar-se com simplicidade por não responder, quando temos a impressão de que honestamente não podemos dizer a verdade ou o que se pensa, do que ser dúbio nas palavras. Porque a língua dupla, diz o Sábio⁵⁵, atrai grande confusão. Também é o que são Paulo condena nos eclesiásticos como coisa que neles não se pode suportar.

É preciso ser especialmente circunspeto nas palavras quando alguém nos confiou um segredo. Seria uma grande imprudência descobri-la, mesmo quando recomendássemos a quem o confiamos, não o dizer a ninguém; mesmo quando quem no-lo confiou não nos tivesse impedido dizê-lo aos outros. Pois, como diz muito bem o Sábio⁵⁶ quem revela os segredos de seu amigo, perde toda credibilidade e se coloca em situação de nunca encontrar um amigo conforme seu coração. Ele chega a considerar essa falta como muito maior do que uma injúria a seu amigo, dizendo⁵⁷ que, depois de uma injúria ainda há possibilidade de reconciliação, mas quando uma alma é tão infeliz até revelar os segredos de seu amigo, não lhe resta mais

⁵⁵ Eclo 5, 17

⁵⁶ Eclo 27, 17

⁵⁷ Eclo 27, 23-24

esperança alguma de volta e é em vão que ele procuraria reconquistá-lo.

É uma grande falta de cortesia usar disfarce diante de uma pessoa a quem se deve respeito. É um sinal de pouca confiança e consideração para com um amigo. E não é de nenhuma forma de boa educação usar de fingimento com quem quer que seja e servir-se para isso de alguma maneira de falar ou de algum termo que não se possa entender sem estar obrigado a explicar-lhe o sentido.

É muito sem graça falar em sociedade, a uma pessoa em particular, e usar expressões que os outros não compreendem. Sempre se deve fazer entender a todos os do grupo tudo o que se fala. Se uma pessoa tiver algum segredo a confiar a alguém, deve aguardar para isso até que esteja separada dos outros, ou, se for urgente, retirar-se para algum canto do lugar em que está e o dizer, depois de ter pedido licença ao grupo.

Como acontece bastantes vezes que se contam notícias falsas, é preciso tomar extremo cuidado para não as divulgar facilmente, a menos que se tenha certa segurança de que são verdadeiras. Nunca se deve dizer também de quem se as ouviu, caso se tiver receio de quem as disse não iria gostar.

Precisamos esforçar-nos a nos tornar tão sinceros em nossas palavras, de modo que consigamos a reputação de ser dignos de fé e pessoa de palavra da qual se pode estar seguro e sobre quem se pode repousar. Este também é um conselho que o Sábio nos dá e que ele considera como de importância guardar a

palavra e agir com fidelidade para com o próximo: e nada produz mais honra para uma pessoa do que a sinceridade e a fidelidade em suas promessas; e nada também a torna mais desprezível do que faltar à palavra.

Como ser cortês é ser fiel nas palavras, também é uma grande imprudência falar levemente e sem ter pensado bem antes, se a promessa pode ser cumprida facilmente.

Por isso nunca se deve fazer alguma promessa em cujas conseqüências não se tenha pensado bem e sem ter examinado seriamente se a pessoa não se vai arrepender.

Se acontecer que os outros não quiserem acreditar em que se lhes diz, não se deve ficar pesaroso por isso, e muito mais ainda, ter acessos de impaciência até dizer palavras duras e fazer censuras: porque os que não estão convencidos pelas razões, o acreditarão ainda menos pela paixão.

Vergonhoso é para um homem usar de fraudes e trapaças em suas palavras. Os que o fazem colocam-se em situação de não terem mais nenhuma credibilidade entre as pessoas e incorrem numa espécie de infâmia e são chamados de velhacos.

Conforme o Sábio⁵⁸, os sonhos são apenas a reprodução da imaginação; por isso nunca é educado contar seus sonhos, por mais bonitos e santos que

possam ser. Contá-los também é sinal de pouco espírito.

⁵⁸ Eclo 27, 14

Seção II (§ 2)

Dos erros que se podem cometer contra a Cortesia, ao falar contra a Lei de Deus

Pessoas há que se vangloriam de aparecer como sem religião em suas palavras, que misturando palavras da Sagrada Escritura com coisas profanas, quer rindo e se divertindo com coisas santas e com as práticas de religião, quer gloriando-se de algum pecado e, por vezes até de ações infames que cometeram. É propriamente deles que o Sábio⁵⁹ diz que suas palavras são insuportáveis, porque fazem uma brincadeira e um divertimento com o pecado. Seu comportamento também é contra a educação.

As pragas e blasfêmias também são as maiores faltas que se possam cometer contra as leis da cortesia; por isso, nas reuniões de pessoas praguejadas se presta menos consideração ao praguejador do que a um carreiro. Ele inspira tanto horror que o Eclesiástico⁶⁰, que aliás expõe de maneira admirável o que está em conformidade com as regras da cortesia, diz que as palavras daquele que pragueja muitas vezes faz ficarem de pé os cabelos na cabeça e a tais palavras horríveis é preciso tapar os ouvidos. Para incitar aos que praguejam a se desacostumarem, acrescenta até que a praga não sairá de sua casa, mas sempre estará

⁵⁹ Eclo 27, 15

⁶⁰ Eclo 21, 12

cheia de dor e sofrimento⁶¹. Portanto, segundo o conselho do mesmo Sábio, é preciso tomar cuidado para não ter constantemente o nome de Deus na boca e para não misturar o nome dos santos na conversação, mesmo que seja sem utilidade e sem má intenção, mas somente por costume; pois, não se deve pronunciar os nomes de Deus e dos santos com irreverência e sem motivo justo. Nunca é de boa educação misturar na conversa ordinária, palavras como: Nossa Senhora! Ai meu Deus! nem sequer são cortesias certas pragas que não significam nada, como: Pardi, Mordi, Morbleu, Jarni, etc... Esta sorte de palavras nunca devem estar na boca de uma pessoa de boa família; e quando se pronunciam algumas desta natureza diante das pessoas a quem se deve ter certa consideração, perde-se o respeito a que têm direito. De acordo com a opinião do Sábio, ninguém deve se escusar por praguejar sem causar dano a alguém; pois ele diz⁶² que não é uma escusa que justifica diante de Deus.

Portanto, conforme o conselho de Jesus Cristo no Evangelho⁶³, é preciso contentar-se com dizer: isto é, ou, isto não é. E quando se quer afirmar com segurança uma coisa, basta usar uma destas fórmulas de falar: "Com toda certeza, meu Senhor, isto é verdade", sem mais nada.

Não se deve ter menos horror às palavras desonestas do que ao praguejar. Elas também não são

⁶¹ Eclo 21, 10

⁶² Eclo 33, 14

⁶³ Mt 5, 37

menos contrárias à civilidade e muitas vezes mais perigosas. São Paulo, que quer que os cristãos de seu tempo se comportem em todas as ocasiões com bons modos, os adverte em várias passagens de suas cartas⁶⁴, que tomem especial cuidado para que de suas bocas nunca saia alguma palavra desonesta, e ordena-lhes expressamente que a fornicação⁶⁵ nem sequer seja nomeada entre eles. Também proferir palavras sujas é falta ao respeito e nunca se deve dizer uma palavra um tanto livre a esse respeito, sob pretexto de alegria e de bom humor, mesmo que fosse para divertir um grupo de pessoas. Porque são Paulo diz que, se ao falar quisermos tornar-nos agradáveis aos que nos escutam, devemos dizer alguma coisa que edifique. Nesta matéria nem o equívoco é permitido; ele choca a civilidade bem como a honestidade. O mesmo acontece com todas as palavras que deixam ou podem deixar a menor idéia ou imagem indecente.

Portanto, quando nos encontramos numa reunião de algumas pessoas que proferem palavras um pouco livres demais, e que ferem, mesmo só um pouco, o pudor, é preciso evitar o riso; se possível, fazer como quem não ouviu nada e ao mesmo tempo procurar mudança de conversa. Se isto é impossível, pode-se manifestar, por uma atitude séria e um profundo silêncio, que este tipo de conversa nos desagrada muito.

⁶⁴ Ef 4, 29

⁶⁵ Ef 5, 3

Também se pode dizer que uma pessoa, por este tipo de conversa, manifesta o que ela é: pois a boca fala da abundância do coração, diz Jesus Cristo⁶⁶. Desta maneira, proferir palavras sujas que ofendem a honestidade, é querer passar por impuro e libertino.

Seção III (§ 3)

Das faltas que se podem cometer contra a Civilidade, ao falar contra a caridade que se deve ter com o próximo

A civilidade é tão exata a respeito do que se refere ao próximo, que não permite que se o choque por mínimo que seja. Por isso não permite a liberdade de falar mal a ninguém. Esta também é uma coisa que são Tiago⁶⁷ adverte aos primeiros cristãos que é contra a Lei de Deus, ao dizer que falar mal de seu irmão é falar mal da Lei. Portanto, não é correto sempre encontrar alguma coisa a censurar no comportamento dos outros; e se alguém não quiser falar bem, deve calar-se. O Sábio⁶⁸ manda que, quando alguém fala mal de outra pessoa, se tapam os ouvidos dela com espinhos: quer mesmo que nos afastemos tanto da maledicência até não quereremos escutar sequer uma língua maldizente.

⁶⁶ Mt 12, 34

⁶⁷ Tg 4, 11

⁶⁸ Eclo 28, 28

Ele não quer que se conte o que um outro disse dele⁶⁹: e aconselha a tomar muito cuidado para não ter a reputação⁷⁰ de mexerico, pois ele diz que o sementeiro de mexericos será odiado por todo o mundo⁷¹. Portanto, conforme o conselho do Sábio, é preciso ser educado quando se ouve uma palavra contra seu próximo e fazê-la morrer dentro de si⁷².

Quando se ouvir falar mal de alguém, a cortesia requer que se escusem os defeitos e que se faça alguma coisa para dizer dele alguma coisa boa; que se interprete para o bem e que se estime alguma ação que tiver feito. Este é o meio de atrair a afeição dos outros e de se tornar agradável a todos.

É muito mal educado falar em detrimento de alguma pessoa ausente diante de outra que tivesse os mesmos defeitos, por exemplo, dizer diante de alguém com cabeça pequena, que ela é de cabeça pequena; ou, que é um coxo, diante de um coxo. Palavras desse tipo ofendem os presentes como os ausentes, mas ainda menos educado é fazer a alguém censuras por um defeito natural: isto é algo de um espírito mal educado.

Também é muito descortês usar a pessoa com quem se fala como termo de comparação para mostrar alguma imperfeição e alguma desgraça que aconteceu a uma outra, como, por exemplo, dizer: Este homem está tão bêbado como você o estava naquele dia; fulano

⁶⁹ ???, 7

⁷⁰ ???, 5, 16

⁷¹ Eclo 21, 31

⁷² Eclo 21, 10

apanhou um soco ou um tabefe como aquele que você recebeu faz algum tempo; fulano caiu numa poça de barro como aquela em que você caiu outro dia; fulano tem o cabelo ruivo como você. Falar assim é fazer uma grande injúria à pessoa a quem se fala. também não se deve falar dos defeitos visíveis como os que aparecem no rosto; e nunca se deve perguntar de onde vieram.

Até é uma ofensa atribuir inconsideradamente uma ação fora de propósito ou indiscreta ou deselegante à pessoa a quem se fala; em vez de falar de tal modo, não se deve aplicar à pessoa, como, por exemplo: Se você disser alguma coisa deselegante, vão lhe bater nos ouvidos; em vez de usar a expressão: há gente que, quando se lhes diz alguma coisa deselegante, lhe batem nos ouvidos.

Também é uma grande falta de cortesia bem como uma falta de caridade para com o próximo, recordar a alguém certas circunstâncias que não são positivas, ou dizer coisas que podem causar algum vexame, ou provocar confusão à pessoa a quem se fala, como dizer cruamente a uma pessoa: Faz algum tempo, você caiu numa bruta barbaridade; há alguns dias você recebeu uma enorme afronta. Ou se ao falar a uma pessoa que pode parecer jovem, dizer que há muito tempo a conhece; ou a uma mulher, que tem cara feia.

Uma das coisas mais contrárias à boa educação bem como contra a caridade, são as injúrias. É também o que Nosso Senhor condena muito expressamente no Evangelho; elas nunca se devem encontrar na boca de um cristão, mesmo porque são muito descorteses numa

pessoa que tem um pouco de educação. Também nunca se deve fazer uma afronta a quem quer que seja: não é permitido fazer ou dizer nada que possa dar alguma ocasião a ela.

Outro defeito, não menos contrário à honestidade e ao respeito que se deve ter para com o próximo é a zombaria que se faz ridicularizando alguém por algum vício ou defeito que tem, ou imitando-lhe os gestos: pois não há muita diferença entre zombar desta maneira e dizer injúrias, já que por uma injúria se ataca grosseiramente uma pessoa sem qualquer ponto positivo.

Esta espécie de zombaria é absolutamente indigna de uma pessoa de boa família: ela fere a honestidade e ofende o próximo. Por isso nunca é permitido fazer zombarias que atacam as pessoas vivas ou falecidas.

Se não é permitido zombar de uma pessoa por algum vício ou defeito que tem, então é ainda menos permitido fazê-lo por defeitos naturais ou involuntários. É uma covardia e uma baixeza de espírito fazê-lo; por exemplo, zombar de alguém porque é vesgo ou coxo ou corcunda. Porque quem tem esse defeito natural não é sua causa. Mas é totalmente descortês zombar de alguém por alguma desgraça ou por algum infortúnio que lhe tivesse acontecido; ousar semelhante insulto por causa de sua desgraça, seria ofender diretamente a pessoa.

Contudo, se alguém for ridicularizado por seus defeitos, deve tomá-lo numa boa e fazer com que não

manifeste exteriormente que está ofendido; porque é regra de cortesia e sinal de piedade numa pessoa, não tomar com pesar tudo o que se diz dela, por mais desagradável, chocante ou injurioso que possa ser.

Há uma outra espécie de zombaria que é permitida e que, longe de ser contrária às regras da boa educação e cortesia, embeleza as palavras e provoca honra à pessoa que a usa. Esta zombaria consiste em palavras alegres e cheias de espírito, que expressam alguma coisa agradável sem ferir ninguém, nem a boa educação. Esta zombaria é muito inocente e pode contribuir muito a tornar a conversa agradável. Contudo, deve-se tomar cuidado para que ela não seja freqüente demais e que se saiba dar-lhe o devido torneio. Por isso, quando se está de cabeça naturalmente pesada, deve-se evitá-la completamente, do contrário se ofereceria ocasião de ser ridicularizado quem a usa, e esta zombaria tão ordinária, baixa e mal recebida não teria o objetivo que deve ter, isto é, divertir os outros e fazer receber melhor o que se deve para os alegrar.

Para gracejar desta maneira não se deve tomar o jeito de brincalhão, e rir de tudo sem motivo, nem dizer algumas alfinetadas baixas e reles; mas é preciso que o que se diz tenha algo de brilhante e elevado e que tenha relação com a qualidade das pessoas que falam e que escutam e que seja dito no momento propício.

Seção IV (§ 4)

Das faltas que se cometem contra a Civilidade ao falar inconsiderada, leviana ou inutilmente

Falar inconsideradamente é falar sem discrição, sem modos e sem prestar atenção ao que se tem a dizer. Para não cair neste defeito, o Sábio⁷³ nos adverte estarmos muito atentos a nossas palavras, de medo, diz ele, de não nos desonrarmos a alma.

Com efeito, não se estima uma pessoa que fala indiscretamente e por isso devemos tomar muito cuidado, conforme o conselho do mesmo Sábio⁷⁴, para não sermos precipitados na língua, pois a razão por que muitas vezes se fala fora de propósito e sem educação é porque se dizem as coisas sem ter pensado seriamente nelas. O resultado é que o mesmo Sábio⁷⁵, ao saber dos maus efeitos deste vício, diz a Deus que não o abandone à leviandade indiscreta de sua língua e lhe suplica, em nome do poder e da bondade que Deus lhe tem, como pai e dono de sua vida.

Portanto, para falar com discrição e prudência, é preciso falar somente depois de ter pensado bem no que se tem a dizer. Não se deve dizer tudo o que se pensa, mas comportar-se em muitas coisas, de acordo com o conselho do Sábio⁷⁶, como se o ignorasse.

⁷³ Eclo 19, 4-5

⁷⁴ Eclo 20, 22 (20)

⁷⁵ Eclo 23, 1ss

⁷⁶ Eclo 32, 12

Quando se tem conhecimento de alguma coisa que se queira dizer ou que alguém diga, pode-se, diz o mesmo Sábio⁷⁷, falar ou responder na hora certa, do contrário deve-se colocar a mão sobre a boca. Isto é, deve-se calar, com receio de ser surpreendido por uma palavra indiscreta ou sair envergonhado.

Para falar com prudência, deve-se também observar o momento propício para falar ou para calar; porque o Sábio diz que é ser muito imprudente e leviano não observar o momento e falar quando somente a vontade de falar nos leva a isso.

De acordo com são Paulo⁷⁸, todas as palavras que dizemos, devem ser acompanhadas pela graça e temperadas pelo sal de tal maneira que se saiba por que e como as dizemos.

Por fim, segundo o conselho do Sábio⁷⁹, precisamos informar-nos antes de falar e assim nunca falar de uma coisa que não conhecemos bem, e dizer o que temos a dizer com tanta sabedoria e honestidade que nos tornemos amáveis em nossas palavras.

Quando alguém diz ou faz alguma coisa que não se deve dizer, se percebemos que a pessoa que falou o fez por surpresa e se retrata com humildade, refletindo sobre si mesma e sobre o que acaba de dizer, não se deve mostrar que se o percebeu; e, se quem o disse ou fez pede desculpas, é prudente e caridoso interpretar favoravelmente a coisa e ficar bem longe

⁷⁷ Eclo 5, 14

⁷⁸ Cl 4, 6

⁷⁹ Eclo 18, 19

de zombar de quem afirmou alguma coisa que parece pouco razoável, e menos ainda tratá-lo com desprezo. Também pode ser verdade que não se captou bem o pensamento dessa pessoa. Por fim, nunca é permitido a uma pessoa educada provocar confusão em quem quer que seja.

Quando alguém profere injúrias, também é prudente não responder e tentar defender-se. Muito melhor é aceitar tudo numa boa; e se um outro quer nos defender, devemos manifestar que não ficamos ofendidos em nada pelo que se disse. Com efeito, é próprio de uma pessoa educada não se ofender por nada.

Para nos dar a entender em poucas palavras, quem são os que falam com educação e prudência, e quem são os que falam imprudentemente, o Sábio⁸⁰ diz admiravelmente: que o coração dos insensatos está na boca e a boca dos sábios está no seu coração. Isto é, que os que não têm muito juízo dão a conhecer a todo o mundo, pela multidão e irreflexão de suas palavras, tudo o que têm no coração; mas que os que têm juízo e educação são tão reservados no falar, que só falam o querem dizer bem e o que é conveniente que se conheça.

Quando estamos com pessoas que têm mais idade do que nós ou muito mais idosas, a cortesia quer que se fale pouco e se escute muito. O mesmo devemos fazer quando estamos com pessoas que têm

⁸⁰ Eclo 22, 16

responsabilidades, este, aliás, é o conselho muito pertinente que dá o Sábio⁸¹. Também quando uma criança está com pessoas às quais deve respeito, é cortês somente falar quando interrogada.

É preciso evitar a todo custo comunicar seus segredos a todo o mundo. O Sábio⁸² também nos dá este conselho: seria imprudente fazê-lo; mas é preciso conhecer muito bem a pessoas a quem se quer confiar um segredo, e estar bem seguro de que ela é capaz de um segredo e fiel em guardá-lo.

Os que somente têm bagatelas e asneiras para contar e os que fazem grandes prelúdios e não podem dar aos outros uma chance de falar deveriam permanecer calados; pois é muito melhor passar por silencioso do que entreter as pessoas de um grupo com asneiras e parvoíces ou ter sempre alguma coisa a dizer.

ARTIGO II

Da maneira de falar das pessoas e das coisas

É muito mal educado falar sempre de si mesmo, fazer comparações entre a conduta pessoal e a dos outros. Dizer, por exemplo, quanto a mim, eu não faço assim; ele não faz isso; uma pessoa como eu, etc. esta maneira de falar é muito importuna e indiscreta, porque nunca assenta bem fazer comparações entre si e

⁸¹ Eclo 32, 13

⁸² Eclo 19, 5

os outros, e dos outros entre si; essas comparações sempre são odiosas.

Há pessoas tão cheias de si mesmas que sempre conversam sobre o que eles fizeram e o que fazem e fazem questão de que se dê muito valor a todas as suas palavras e todas as suas ações. Esta atitude nas conversas é muito incômoda e difícil de suportar pelos outros.

Gloriar-se e falar vantajosamente de si é uma coisa que contraria completamente a cortesia; também é sinal de mesquinhez. Característica de um homem educado é nunca falar do que lhe diz respeito, a não ser para responder ao que se lhe pergunta; ainda nesse caso deve fazê-lo com muita moderação, muita modéstia e reserva.

Ao contar alguma coisa que se fez ou que nos aconteceu quando estivemos na companhia de uma pessoa de uma condição muito superior à nossa, é muito sem graça falar no plural e dizer, por exemplo: Nós fomos, ou, nós fizemos isso ou aquilo. Neste caso não se deve nem elogiar a si mesmo, nem sequer falar de si; mas é cortês falar do assunto como se não tivéssemos participado, e dizer: O senhor Fulano fez tal coisa: Sicrano foi a tal lugar.

Também quando um inferior fala de uma ação que uma pessoa a quem deve respeito lhe fez, não é educado que diga cruamente: O senhor Fulano me disse; O senhor um tal veio me visitar. Em lugar disto, deve-se usar os seguintes termos ou outros semelhantes para se expressar: O Sr. Fulano me deu a honra de me

dizer isto; O Sr. Fulano me deu a honra de vir me visitar. Ou então, dirigindo-se a essa pessoa: O senhor teve a gentileza, o senhor me fez o favor de se incomodar comigo, etc.

A boa educação requer que, ao falar dos outros, sempre se fale de maneira favorável. Por isso nunca se deve falar de quem quer que seja quando não se tem alguma coisa boa a dizer. Não há ninguém, por mais ruim que seja, do qual não se possa dizer alguma coisa boa. Contudo, não seria educado falar bem de uma pessoa que tivesse cometido alguma infâmia: nessas ocasiões é melhor guardar silêncio a seu respeito; e se os outros falam disso, manifestar compaixão para com ele.

Na conversação também deve-se mostrar que se tem estima para com os outros. Por isso não devemos contentar-nos com falar bem deles, mas também tomar cuidado de não o fazer de modo frio, ou dizer alguma coisa em favor deles e acrescentar um "mas", que apaga toda a estima que poderia produzir o que se disse.

Sempre se deve falar de maneira respeitosa e em termos que manifestam muita deferência às pessoas com as quais se está conversando, a não ser quando se trate de uma pessoa inferior, e mesmo neste caso deve-se utilizar expressões educadas para com ela.

A boa educação não permite chamar as pessoas com que se quer falar em voz alta ou de cima de uma escada ou da janela; tomar-se tais liberdades também seria uma falta de respeito que se deve ter pelas

pessoas com que se está. Deve-se então enviar alguém procurar essa pessoa ou ir pessoalmente até ela, para fazê-la chegar perto.

Se alguém estiver na companhia de uma pessoa a quem deve respeito e esta tiver necessidade de alguém, não se deveria permitir afastar-se para procurá-la; seria educado prestar-lhe prontamente esse serviço.

É uma falta de educação perguntar a uma pessoa superior "Como vai"?, ao saudá-la, a não ser que estivesse doente ou indisposta; isto só é permitido a pessoas de mesma condição ou inferior.

Caso se queira manifestar a uma pessoa a quem se deve muito respeito, a alegria de vê-la de boa saúde, convém, antes de falar, informar-se junto de um serviçal dela, sobre seu estado, e dizer-lhe depois com modos educados: Estou muito satisfeito, Senhor, porque está em perfeita saúde.

Quando se pergunta a alguém como vai, deve responder: Estou bem, graças a Deus, disposto a lhe prestar meus humildes respeitos, ou utilizar algumas expressões semelhantes que lhe possam ocorrer à mente.

A cortesia não permite que alguém, quando está em companhia de pessoas se queixe de estar sofrendo de algum mal-estar ou de algum incômodo. Isto é tarefa dos outros; às vezes parece que há pessoas que o desejam para estarem mais à vontade.

Há pessoas que, ao estarem em companhia de outras, só falam do que gostam e algumas vezes até de

coisas a que têm particular afeto; quando gostam de um cachorro, de um gato, de um passarinho ou qualquer outro animal, continuamente vão falar disso; até em sociedade falarão de tempos em tempos a ele e, às vezes, chegam a interromper a conversa para isso. Isto até os impede muitas vezes de prestar atenção ao que os outros dizem. Todas essas maneiras de agir manifestam mesquinhez e baixos sentimentos e são muito contrários às regras de civilidade e contra o respeito que devem ter para com as pessoas com que estão conversando e assim são insuportáveis numa pessoa de boa família; porque tais afetos são coisas vulgares, é muito mal educado manifestar tanta satisfação por eles e manifestá-los com tanto espalhafato.

Há outros que ao fazerem uma viagem ou negócio, ou ao lhes acontecer algum acidente, agradável ou funesto, não param de falar do que lhes aconteceu ou do que ouviram falar, ou do que fizeram. Eles acham que os ouvintes devem gostar do que contam, porque lhes agrada a eles. Isto é sinal do amor que têm a si mesmos e sentem gosto no que fazem ou no que lhes acontece.

ARTIGO III

Das várias maneiras diferentes de falar

Há muitas maneiras diferentes de falar, que expressam em nós várias paixões e inclinações

diferentes. Essas maneiras são: elogiar, lisonjear, perguntar, responder, contradizer, opinar, discutir, interromper e repreender.

Parágrafo I

(Os outros parágrafos anunciados se tornam Artigo IV e V)

Do que a Civilidade prescreve acerca do elogio e da lisonja

Sempre é muito sem graça uma pessoa elogiar-se a si mesma e se vangloriar; isto não assenta bem a um cristão que somente deve salientar-se por sua maneira de viver; por isso só deve ter nele ações que falem; mas o que se refere às palavras, nunca deve falar de si nem bem nem mal.

Quando alguém é louvado, nunca deve manifestar satisfação; isto seria sinal de que se gosta de ser bajulado; mas deve desculpar-se educadamente, dizendo, por exemplo: Você chega a me confundir; só estou fazendo meu dever, etc. Ainda melhor e mais educado seria não dizer nada e mudar de assunto, o que então não seria nenhuma falta de cortesia. Se for uma pessoa de condição muito superior que elogia você, deve saudá-la educadamente, como para lhe agradecer, e manter-se na modéstia, sem lhe responder, pois a resposta seria uma falta de respeito.

Quando se ouve alguém ser elogiado, a cortesia quer que acrescentar mais alguma coisa ao que foi dito, ou pelo menos aplaudir; nunca fazer comparação entre essa pessoa e uma outra.

Nunca se deve elogiar de modo extraordinário uma pessoa, mas é educado fazê-lo sempre sem exageros e sem qualquer comparação. Deve-se também ter a precaução de não elogiar alguém na presença de seus adversários.

No caso de estarmos em companhia de outras pessoas ou em qualquer ocasião e tivermos ocasião de elogiar algum de nossos parentes, podemos fazê-lo, contanto que seja sóbria e moderadamente. Quando algum deles é elogiado diante de nós, não se deve aplaudir os elogios que lhe são feitos, mas é educado manifestar gratidão a quem elogiou.

Quando se dá um presente a alguém, é contra a cortesia tecer grandes elogios, como para levar a pessoa à qual é dado a mostrar mais gratidão. Contudo, se alguns outros o elogiam, deve-se manifestar que se desejaria que fosse mais bonito e mais digno do mérito da pessoa a quem se dá o presente; mas é absolutamente incivil recordar a alguém um bem que lhe foi feito, pois isto parece que é para lhe fazer uma censura.

Pelo contrário, a civilidade requer que se manifeste estima pelo presente recebido e não assenta bem escondê-lo imediatamente. Uma grande falta seria encontrar nele algum defeito, especialmente diante de quem o deu. Uma pessoa que fizesse isso merece nunca receber um presente.

Quando se mostra a alguém ou a um grupo alguma coisa que merece ser estimado, não é educado

usar muitas expressões de admiração e elogios extraordinários, como procedem alguns. Isto seria manifestar que se tem opinião menos favorável para com a pessoa a quem pertence a coisa, ou que nunca se viu nada, ou que não se entende nada acerca do valor das coisas. Contudo não se deve ficar completamente indiferente quando a coisa é digna de estima, porque nisso se deve ao mesmo tempo ser modesto e justo. Quando se mostra alguma coisa a um grupo de pessoas, não convém se apressar para ser o primeiro nos elogios, mas aguardar que a pessoa mais importante do grupo tenha expressado sua opinião; pois então é cortês dizer simplesmente o elogio, sem exageros.

O mesmo se deve fazer em qualquer outra ocasião quando se está na obrigação de avaliar alguma coisa ou alguma ação, mas sem empregar para isso grandes exclamações gritando para tudo o que se está vendo: Oh! Como é bonito; Oh! Como é admirável, especialmente quando se está na presença de uma pessoa a quem se deve muito respeito e antes que essa pessoa tenha feito seu julgamento; isto seria atribuir-se muita importância e faltar de respeito.

Lisonjear é falar bem de alguém sem motivo ou dizer muito mais do que há motivo, só para agradar ou por interesse próprio. Agir assim é uma covardia e sempre é em detrimento do lisonjeado quando o permite, pois manifesta ter pouco bom senso e muita presunção suportar que os outros o lisonjeiem por

coisas que ele, como cristão e como pessoa razoável, não pode se atribuir.

ARTIGO IV

Da maneira de perguntar, de se informar, de repreender e de opinar

É uma grande falta de civilidade interrogar e fazer perguntas a uma pessoa a que se deve ter consideração e mesmo a qualquer pessoa que seja, a menos que ela nos seja muito inferior e que dependa de nós ou que nós estejamos obrigados a fazer que fale. Nesse caso deve-se fazer as perguntas de modo muito educado com muita circunspeção.

Quando se quer saber alguma coisa acerca de uma pessoa a que se deve respeito, é de cortesia falar-lhe de maneira que ela seja obrigada a responder ao que se lhe pergunta, sem o interrogar, porém. Se, por exemplo, se quer saber se uma pessoa vai sair para o interior ou a qualquer lugar, seria muito incivil e contra o respeito dizer-lhe: O senhor vai para o interior? Isto é chocante e familiar demais; seria preciso usar alguma linguagem como esta: Pelo jeito, o senhor está indo para o interior, ou, para tal lugar? Este torneio de frase não tem nada de ofensivo, além da curiosidade, escusável, quando feita com respeito.

Também é falta de educação dizer a uma pessoa com quem se está falando: "Esta me entendendo bem?" ou "Você está me compreendendo?" ou "Não sei, se

me estou explicando bem, etc." Deve-se prosseguir na conversa, sem usar todas essas maneiras de falar.

Quando se entra na roda de amigos, é muito descortês informar-se do que estão conversando. Tais informações são familiares demais e próprias de uma pessoa que não sabe viver: é preciso contentar-se, quando sentado, com escutar a quem fala e entrar na conversa no momento certo.

Na conversação também não se deve pedir informações ou querer saber alguma coisa acerca de uma pessoa, por mais educada que seja a pergunta: Onde está? De onde veio? O que ela fez ou quer fazer? Perguntas desse tipo são demasiado livres e nunca são permitidas. Ordinariamente não se deve pedir informações sobre outras pessoas, exceto se tivermos uma obrigação particular de o fazer, para saber alguma coisa que respeita a pessoa acerca de quem se busca informações ou que tem relações com ela.

É uma imprudente falta de educação prevenir uma pessoa que faz uma pergunta, ao responder antes de ela ter acabado de falar, mesmo quando se sabe bem o que vai dizer.

Também é falta de educação ser o primeiro a responder a uma pessoa a que se deve respeito, quando pergunta alguma coisa na presença de outras pessoas que têm posição social acima da nossa, mesmo quando se trata somente de coisas comuns e ordinárias; por exemplo, se ela perguntasse: que horas são? Deve-se deixar as pessoas mais graduadas do grupo responderem, exceto se a pergunta se dirige

diretamente a determinada pessoa, que então seria obrigada a responder.

É muito descortês e pouco respeitoso responder a alguém, quer ao pais, quer a outras pessoas, e dizer simplesmente: sim ou não. Sempre se deve acrescentar alguns termos de honra; e dizer, por exemplo: Sim, Papai; sim, Senhor. Contudo é preciso tomar cuidado para não repetir com demasiada freqüência essas palavras na conversa, o que seria incômodo e enfadonho a uns e a outros.

Quando, ao responder, houver obrigação de contradizer uma pessoa à qual se deve ter consideração, não é educado fazê-lo cruamente. Neste caso deve-se recorrer a circunlóquios, dizendo: Desculpe, Senhor, ou: Perdoe-me, Senhor, se ousou dizer que, etc.

Quando se está numa roda de pessoas em que se está falando de um negócio, é uma falta de educação dizer sua opinião, exceto se ela for pedida, especialmente quando há pessoas de condição superior.

Se nos encontrarmos numa roda de pessoas em que devemos dizer nossa opinião sobre um negócio, devemos aguardar nossa vez para falar; é preciso então tirar o chapéu com uma saudação à pessoa que preside e ao resto dos assistentes, e depois dizer simplesmente o que pensamos.

Ao expressar nossa opinião, devemos tomar cuidado de não a sustentar com teimosia, porque não se deve fazer prevalecer de tal modo a própria opinião, como se fosse incontestável. Também seria muito mal

educado contestar para a fazer valer, porque não se deve aderir tão fortemente à opinião pessoal que não queira sujeitar-se à dos outros. Portanto, devemos estar bem longe de nos esquentar ou encolerizar para obrigar os outros a seguirem nosso pensamento: a paixão não é um meio honesto, nem sábio que uma pessoa possa utilizar para fazer crer que sua opinião é razoável. Também nunca se deve opinar para censurar os outros, nem para desprezar o que disseram. Pelo contrário, um homem educado deve estimar e elogiar a opinião dos outros e dizer simplesmente a sua, porque ela é pedida.

ARTIGO V

O que a civilidade permite ou não permite acerca da discussão, da interrupção e da resposta

São Paulo adverte seu discípulo Timóteo a que se evitem contendas por palavras⁸³; aliás nada é mais contra as regras da civilidade: deve-se ter em vista, segundo a opinião do mesmo Apóstolo, evitar as discussões tolas e descabidas, sabendo que geram rixas⁸⁴.

Com efeito, quando se quer impedir alguma coisa, é preciso tirar-lhe as ocasiões; e o motivo que São Paulo dá para isso é que não convém a um servo do Senhor viver discutindo⁸⁵. Portanto, ao estar em companhia, é preciso tomar cuidado para não se opor à

⁸³ 2Tm 2,14

⁸⁴ 2Tm 2, 23

⁸⁵ 2Tm 2, 24

opinião dos outros e nada propor que seja capaz de levantar discussões e contestações. Mas, se os outros afirmam alguma coisa que não é verdadeira ou que pareça inconveniente, pode-se propor simplesmente o próprio pensamento e com tanto respeito que os que têm opinião contrária não fiquem ofendidos. Se alguém contradiz nossa opinião, devemos manifestar que de bom grado submetemos a nossa à dele, contanto que a dele não seja claramente contra as máximas cristãs e às regras do Evangelho; pois então estaríamos obrigados a sustentar o que afirmamos, mas isto se deve fazer de maneira tão envergonhada e tão respeitosa, que a pessoa contradita, longe de se ofender com isso, escute de bom grado nossas razões e se renda a elas, caso não for completamente teimosa e irracional; porque a palavra amena, na opinião do Sábio, multiplica os amigos e acalma os inimigos⁸⁶.

Se nos encontramos com uma pessoa que facilmente aceita uma opinião contrária, a educação pede que não externemos facilmente nossa opinião sobre alguma coisa; pois, como diz muito bem o Sábio, uma contenda súbita acende o fogo da cólera⁸⁷. E, como os grandes faladores estão mais sujeitos a sustentar teimosamente sua opinião, é preciso, conforme o conselho do mesmo Sábio⁸⁸, não litigar com um tagarela, para não jogar mais lenha em seu fogo. Acima de tudo é preciso tomar cuidado, como

⁸⁶ Eclo 6, 5

⁸⁷ Eclo 28, 13

⁸⁸ Eclo 8, 4

ainda aconselha o mesmo, para nunca contradizer de forma alguma a palavra da verdade⁸⁹. Por isso, quando não se conhece bem alguma coisa, sempre se deve tomar o partido de calar e escutar os outros.

Quando se está numa conversa em que se discute, como ordinariamente acontece nas escolas, é preciso escutar com atenção o que os outros dizem; e se formos instados ou obrigados a falar, podemos dizer nossa opinião sobre o problema, assunto da discussão; contudo, se não o conhecemos, não devemos ter vergonha de nos escusar de falar.

Se acreditamos que a opinião proposta é verdadeira, deve-se mantê-la, mas que seja com moderação tal que a pessoa com que se discute ceda sem dificuldade. Se as razões que os outros alegam fazem concluir que estamos no erro, não devemos obstinar-nos a manter uma causa errada, mas devemos de boa mente ser os primeiros a nos condenar. Esta é a maneira de sair honrado.

Quando se está assim na discussão, não se pode querer levar a melhor; basta propor a própria opinião e apoiá-la com bons argumentos, e se deve ter essa condescendência para com os outros de seguir a opinião deles quando seu número é maior.

⁸⁹ Eclo 4, 30

Não é educado contradizer alguém, a não ser que seja uma pessoa de condição muito abaixo da nossa quem afirma coisas fora de propósito e que, por causa das conseqüências delas se esteja na obrigação de dizer o contrário do que ela afirmou. Mesmo assim, seria preciso fazê-lo com tanta gentileza e honestidade que a pessoa contradita seja forçada a expressar sua gratidão.

É muito incivil interromper uma pessoa que fala perguntando, por exemplo, Quem é este? Quem é que disse ou fez isto? Essa interrupção é ainda muito mais descortês quando quem fala utiliza termos que encobrem o pensamento.

Também é uma grosseria chocante interromper a quem narra alguma coisa para o dizer melhor; e não é outra menor, quando um outro começou a narrar uma historia, dizer que já sabe o que vai contar, e, se não a conta corretamente, rir-se dele e dar-lhe motivo de se ofender seriamente, sorrir para manifestar que o que ele disse não foi assim. É uma vergonha dizer: Eu garanto que isto não é assim. Este modo de falar é absolutamente grosseiro e descortês e só pode vir de uma pessoa mal educada.

Se durante a conversação alguém se engana ao falar, a ninguém é permitido manifestá-lo a ele; como, por exemplo, se ele trocar o nome de um homem ou de uma cidade por outro, deve-se aguardar que o orador se corrija a si mesmo ou ofereça uma ocasião de falar sobre o seu assunto. Neste caso é preciso retificar sem afetação por receio de o magoar.

Contudo, caso se tratar de um fato que se está obrigado a esclarecer para o interesse de alguém, pode-se dizer o que aconteceu de fato, contanto que seja feito de maneira sempre educada e com muita circunspeção.

Devemos tornar-nos muito atentos ao que diz a pessoa que nos fala, para não incomodá-la a ter que repetir a mesma coisa. Porque seria uma grande falta de educação dizer, por exemplo: Que é que o senhor falou, não entendi? Ou alguma outra coisa semelhante.

Quando alguém ao falar tem dificuldade para encontrar a palavra e hesita, é totalmente contra a boa educação sugerir-lhe ou acrescentar as palavras que ele não disse corretamente; deve-se aguardar até que ele o pergunte.

Ninguém deve intrometer-se para repreender algumas pessoa, exceto se estiver obrigado a isso ou que a coisa de que se trata for de importância.

É uma grande falta erigir-se como crítico e censor público; deve-se julgar bem de todo o mundo e não se incomodar com ações alheias, a menos que se esteja encarregado de os dirigir e obrigado a instruí-los e levá-los ao bem.

Entretanto, ao ser avisado ou repreendido por alguém, é próprio da cortesia recebê-lo bem e manifestar muita gratidão; quanto mais se manifestar, tanto mais cristão se é e mais estimado.

Se acontecer que sejamos injuriados por outra pessoa, é próprio de um homem educado não ficar magoado; pelo contrário, em vez de se defender não se

deve responder absolutamente nada. Não agüentar uma injúria é sinal de uma espírito reles e covarde. Uma alma cristã tem o dever de não demonstrar ressentimento e não o ter efetivamente. O conselho do Sábio é esquecer todas as injúrias que recebemos do próximo⁹⁰. E Jesus Cristo quer que não somente perdoemos aos inimigos, mas lhes façamos o bem, por mais prejuízo ou desprazer que possamos ter recebido. Se alguém quiser se defender, deve manifestar que de nenhuma forma está ofendido.

ARTIGO VI

Dos cumprimentos e das maneiras erradas de falar

Há duas maneiras de cumprimentar; na primeira expressamos uma certa paixão quer de satisfação para manifestar a alegria de que alguma coisa favorável aconteceu à pessoa que encontramos ou vamos visitar; quer de condolência, pela qual expressamos à pessoa a quem aconteceu alguma coisa infeliz, a dor que sentimos com isso; quer de agradecimento, ao manifestar nosso reconhecimento pelos benefícios de alguém recebidos, e a obrigação que lhe devemos protestando-lhe nossa afeição e fidelidade a serviço dele; ou então, pode ser uma declaração de obediência que fazemos para com alguém e de nossa fidelidade a seu serviço. Algumas vezes também é o momento de nos queixar e para demonstrar nosso ressentimento por

⁹⁰ Eclo 10, 6

algum mal que nos foi feito. Estas maneiras de cumprimentar devem ser feitas de maneira natural, sem afetação e sem que pareçam preparadas. Pois então a boca fala da abundância do coração e persuade muito melhor do que tudo o que se poderia dizer com cuidadosa preparação, que é menos natural, por isso menos bem recebida.

Outra maneira de cumprimentar é o elogio. Este exige muito mais circunspeção e jeito do que a primeira, para persuadir que dizemos a verdade. Para tornar agradável este cumprimento, é preciso que a pessoa que elogiamos esteja persuadida de que também nós o estamos dos méritos dela; então nosso cumprimento será sincero e obsequioso. Também é preciso tomar cuidado nesta sorte de cumprimentos para não exaltar as pessoas muito acima do que são e não fazer grandes exageros que se destroem por si mesmos. Para que esta espécie de cumprimentos seja razoável, é preciso que haja sinceridade e verdade neles, de maneira que a retidão, a sabedoria e a moderação que sempre se devem encontrar neles, para que nem a modéstia do que cumprimenta, nem a de quem o recebe seja ferida. Por isso, quem os apresenta deve lembrar-se de que, embora se devam estimar muito os outros, deve-se elogiá-los pouco e com muita precaução e reserva, de acordo com o conselho do Sábio, que nos diz com razão, que não se deve elogiar ninguém antes da morte⁹¹, porque nos elogios sempre

⁹¹ Eclo 11, 30

há algo a temer, tanto da parte de quem o faz sem sinceridade, como da parte de quem o recebe porque pode estimular sua vaidade. Por isso, estas maneiras de cumprimentar devem ser raras e só feitas com muita prudência e circunspeção.

Para serem bons os cumprimentos devem ser feitos sem elogios; e as cerimônias para serem agradáveis não devem afastar-se do natural; devem também ser curtos e se forem feitos a pessoa a quem se deve respeito, é preciso utilizar mais reverência do que longos discursos.

Ao responder a um cumprimento, deve-se observar as mesmas regras; se forem feitos em razão de benefícios recebidos, deve-se minimizá-los, mas não de tal forma que pareçam ser mais nada, pois isto pareceria censurar a estima que deles tem aquele que os recebeu. Também não se deve dizer que faríamos o mesmo serviço a qualquer outra pessoa. Porque isto seria manifestar à pessoa, a quem fizemos esse favor, que não temos grande consideração para com ela, uma vez que em favor dela não fizemos mais do que faríamos a qualquer outro.

Ao falar sempre se devem utilizar termos honestos, ordinários e inteligíveis e próprios do tema de que se fala e não termos particulares e rebuscados.

Deve-se particularmente evitar as expressões impróprias que não são francesas e que não correspondam à pureza da língua. Embora não seja correto usar no discurso termos e expressões muito rebuscadas, é preciso evitar um certo francês corrupto,

que não poucas pessoas usam com freqüência por não prestarem bastante atenção a sua maneira de falar, por exemplo, seria muito mal dizer: Tire o cavalo da cocheira. Deve-se dizer: Faça sair este cavalo da cocheira.

Ao contar alguma história ou ao prestar contas de uma missão, é preciso abster-se de certos termos ridículos e totalmente inúteis, como seria dizer: Isto disse ele; isto disse ela; ou: Isto; o homem, ele me disse assim, etc.

Falta de educação e até chocante é dizer a alguém: "Você faltou a sua palavra; você me enganou". Convém expressar-se de outro modo que seja mais educado, por exemplo, dizendo: "Pelo jeito, meu senhor, sem dúvida, o senhor não se lembrou bem", ou "Quem sabe, o senhor não pode fazer aquilo pelo qual me fez esperar".

Também enorme falta de cortesia é dizer, depois que uma pessoa falou: "Se é verdade o que o senhor disse, então estamos mal"; ou "Se o que o senhor F. disse é verdade, não temos mais motivo de nos admirar", etc.

É um desmentido honesto. Nunca se deve manifestar que se duvida do que uma pessoa disse. A cortesia quer que se diga: "Pelo que o senhor disse, estamos mal"; ou "O que o senhor F. disse, revela que...", etc.

Outra maneira muito ruim de falar é dizer: Você não está falando sério ao dizer isto. Também não é melhor dizer, como fazem alguns a modo de elogio:

Você não está fazendo troça ao me tratar assim. Este modo de falar é ofensivo, porque nunca se deve supor numa pessoa honesta que ela está fazendo troça: deve-se fazer uma outra construção do período, assim: Dizer isto seria fazer troça, etc.

Nunca é permitido falar a alguém de maneira imperiosa, a não ser que seja de condição muito inferior. Estas maneiras de falar, que cheiram a dominação, são insuportáveis e nunca podem ser usadas por uma pessoa que tem um pouquinho de educação. Por isso, em vez de usar estes modos de falar que manifestam um mandamento, como: Vai! Vem! Faze isto! É melhor usar circunlóquios, dizendo, por exemplo: Você não gostaria de ir? Não sei se você vai achar bem. Permita-me, senhor, que lhe peça. Será que eu poderia esperar este benefício? etc. com pessoas de condição muito inferior pode-se dizer educadamente: Você poderia me dar este prazer? Eu ficaria muito agradecido, se você se desse a pena de, etc. Todas estas são maneiras de falar exigidas pela honestidade, com aqueles de cujos serviços temos precisão.

CAPÍTULO VIII

Da maneira de dar e receber e como agir ao encontrar alguém e ao se aquentar

Antes de receber qualquer coisa, ao estar fora da mesa, deve-se fazer uma reverência, retirar as luvas, beijar a mão e receber essa coisa erguendo-a gentilmente à boca sem precipitação, como para a beijar, sem a chegar tão perto à boca, mas só para fazer de conta.

Quando se quer dar ou devolver alguma coisa a outras pessoas, deve-se apresentá-la prontamente, com receio de as fazer esperar, entregá-la depois como se a beijasse, e tendo-a entregue, beijar a mão e fazer uma reverência. O mesmo se deve fazer cada vez que se apresenta alguma coisa, quer nos seja pedida, quer não.

Quando se quer dar ou tomar alguma coisa, é mal educado estender a mão diante de alguém, especialmente se for uma pessoa à qual se deve ter consideração e respeito: sempre se deve dar ou receber por trás tudo o que se dá, tanto à mesa quanto em outra parte, a menos que isto não se possa fazer sem incomodar alguém. E quando se está obrigado a dar e receber alguma coisa por diante de outra pessoa, a civilidade requer pedir desculpas à pessoa diante da qual se dá ou se recebe, pedindo licença por algum sinal e palavra educada, dizendo, por exemplo: Meu

Senhor, com licença, por favor; Senhor, queira desculpar, etc.

Quando se dá alguma coisa, é educado apresentá-la de maneira que se possa pegá-la facilmente no ponto em que deve ser agarrada; assim, ao apresentar a alguém uma faca ou uma colher, deve-se voltar o cabo para o lado de quem as deve receber.

No caso de alguém do grupo deixar cair alguma coisa, a boa educação quer que nos apressemos para a ajuntar antes dele e lha devolver com gentileza. Se nós mesmos deixamos cair alguma coisa, devemos ajuntá-la prontamente, sem permitir que um outro se incomode para isso. E, se um outro foi mais rápido do que nós e no-lo devolve, precisamos agradecer gentilmente, pedindo-lhe perdão pelo incômodo que lhe causamos.

Ao encontrar no caminho alguma pessoa distinta por seu emprego ou sua posição social, é cortês saudá-la com muita gentileza sem se voltar muito para ela, a menos que não seja particularmente conhecida.

Em Paris saúdam-se ordinariamente só as pessoas conhecidas e que ocupam uma posição social eminente e muito acima do comum, como os príncipes e os bispos. Contudo é educado prestar esse dever aos eclesiásticos e aos religiosos.

É incivil e até ridículo olhar as pessoas que passam para ver se elas saúdam. Sempre se deve ser o primeiro nisto, como também em outras coisas, conforme o conselho de São Paulo. Honrar os outros é atrair honra para si.

Quando na rua se topa frente a frente com uma pessoa de qualidade ou um superior, é de boa educação desviar-se um pouco e passar para o lado mais baixo do que o dela chegando-se para o lado da valeta.

Se não houver altos e baixos, mas um caminho uniforme, deve-se ir para a esquerda da pessoa que se encontra e deixar-lhe a mão direita livre, e quando ela passa, deve-se ficar parado e a saudar com respeito e até com profundo respeito, se a condição dela o exigir.

No caso de encontrarmos esta pessoa junto de uma porta ou em alguma lugar estreito, precisamos parar imediatamente, se possível, a fim de a deixar passar, e se for preciso abrir uma porta, levantar uma cortina, retirar algum objeto que impede a passagem livre, a civilidade quer que passemos à frente da pessoa para fazer essas coisas e que, ao passar em frente, dobremos um pouco o corpo diante dela.

Se encontramos na rua uma pessoa que não nos é familiar, perguntar-lhe de onde vem ou para onde vai, é assumir uma atitude um pouco livre demais e que de forma alguma é honesta.

Quando, ao ir e vir estamos obrigados a passar e repassar diante de uma pessoa que se deve respeitar, a boa educação quer que façamos o possível de passar por detrás dela; contudo se isto não for possível, devemos inclinar-nos educadamente cada vez que passarmos diante dela.

Ao estar junto da lareira, a cortesia não pode permitir que cheguemos as mãos perto das brasas, passá-las pela chama ou colocá-las por cima; seria

ainda muito mais inconveniente pôr ali os pés. Também grande falta de educação é voltar as costas para o fogo, e, se alguém se tomar essa liberdade, é preciso ficar longe de imitá-lo.

Sentado junto ao fogo, também não se deve levantar da cadeira para ficar de pé, a não ser que a pessoa importante se levante, porque então é preciso levantar-se ao mesmo tempo do que ela. Seria muito descortês ficar acorçado ou sentar no chão e se aproximar mais perto do fogo do que os outros.

Sinal de baixeza de alma é brincar com as pinças ou atizar o fogo; nem se deve sequer acrescentar lenha e a educação quer que se deixe este cuidado ao dono da casa ou ao que tem o cuidado do fogo.

Quando se prepara o fogo, é conveniente arranjá-lo de maneira que todos os que estão junto dele possam aquecer-se facilmente; querer mudá-lo de posição sem evidente necessidade, é sinal de espírito inquieto e que não pode permanecer em repouso.

Contudo, quando se estiver diante do fogo com uma pessoa a quem se deve muito respeito e ela mostra dificuldade para se acomodar ao fogo, convém tomar imediatamente as pinças, a menos que essa pessoa absolutamente queira fazer esse trabalho, como para se divertir.

Totalmente contra a civilidade é chegar-se tão perto do fogo que se queimem as pernas, assim como colocar os pés fora dos sapatos e se aquecer assim em presença dos outros, e ainda muito pior é as meninas e as mulheres levantarem bem alto a saia quando

sentadas ao fogo, como aliás em qualquer outra ocasião.

A caridade e a honestidade querem que nos incomodemos para dar lugar para os outros quando estivermos junto ao fogo, e que fiquemos mesmo mais atrás para dar ocasião aos que têm mais necessidade de se aquecerem.

Se alguém jogar cartas, papel ou outras coisas semelhantes no fogo, é mal educado retirá-los, por qualquer motivo que possa ser.

Quando se distribuírem guarda-fogos na própria casa, não se deve permitir que um empregado os apresente a uma pessoa que está conosco ao fogo; a educação requer que os apresentemos pessoalmente. Fora da nossa casa, se houver só um guarda-fogo e se a pessoa com quem estamos insiste em que o usemos, depois de manifestar dificuldade em aceitar, não se deve recusar. Mas é conveniente deixá-lo sem tardar depois de o colocar delicadamente a seu lado, sem que alguém o perceba, e não o usar. Deve-se também aceitar com educação aquele que se nos apresenta, e quando se tiver pulado a vez de alguém, não seria educado dizer que se lhe dê o que nos apresentam.

CAPÍTULO IX

Da maneira de se haver ao andar pelas ruas e nas viagens de carruagem e a cavalo

Ao andar pelas ruas é preciso prestar atenção para caminhar nem lentamente nem depressa demais. A lentidão no andar é sinal de peso ou de negligência; mas andar rápido demais é mais inconveniente pois é mais contra a modéstia.

Não é bom ficar parado nas ruas, mesmo para falar com alguém, a menos que haja alguma necessidade, e mesmo então deve-se fazê-lo por pouco tempo.

Em viagem com uma pessoa a quem se deve respeito, a cortesia pede que nos acomodemos a tudo, achemos tudo bom, não causemos aborrecimentos em nada, nunca nos façamos esperar, sempre estejamos prontos a prestar serviço a todos os outros. Há gente que, em viagem, nunca acha que tem boa cama, julga tudo ruim e nada bem feito, sempre está incomodando os outros.

Se na viagem acontece que sejamos obrigados a dormir no quarto com uma pessoa a quem devemos respeito, a civilidade requer que a deixemos despir-se e deitar-se em primeiro lugar e depois nos despir em lugar afastado e perto da cama em que devamos deitar, depois deitar mansamente e sem fazer qualquer ruído durante a noite.

A honestidade exige também que, assim como nos deitamos por último, nos levantemos por primeiro, porque não é cortês que uma pessoa que se deve honrar nos veja sem roupa, nem alguma peça de nossa roupa espalhada por ali.

Ao chegar ao lugar de pernoitar é muito mal educado correr para os quartos ou às camas para escolher os melhores. Seria muito descortês se uma pessoa de situação social muito abaixo de outra tomasse para si o que há de bom e cômodo num alojamento ruim, sem se incomodar que os outros tenham menos conforto.

Ao subir numa carruagem sempre se deve tomar o assento pior quando se é de situação inferior à pessoa com que se sobe.

Numa carruagem normalmente há dois assentos no fundo e dois na frente; o primeiro assento é o da direita do fundo e o segundo é o da esquerda; e no caso de haver três assentos, o terceiro é o do meio. Se houver duas portas, o primeiro lugar está na direita e o segundo à esquerda e os assentos do lado do fundo são os principais.

Se subirmos a uma carruagem com uma pessoa de posição social superior ou que devemos honrar, o respeito para com ela exige que a deixemos subir em primeiro lugar e subirmos por último. Contudo, se essa pessoa mandar que subamos na carruagem antes dela, embora não se deva fazê-lo sem muita insistência, devemos aceitar com manifestação de nos fazer violência, em seguida, sentar-nos no último assento e

não tomar um assento melhor se não formos forçados a isso.

Podemos e devemos colocar-nos no fundo da carruagem, se a pessoa de posição com a qual estamos o mandar, e colocar-nos perto dela, se o deseja; porque não é permitido sem ordem expressa. Também não é cortês tomar o assento dianteiro frente a frente com ela; mas devemos retirar-nos para a esquerda de modo que fiquemos de lado dela e não colocar o chapéu sem que ela insista.

Ao andar de carruagem é muito descortês olhar na face de quem quer que seja das pessoas que ali se encontram; apoiar-se contra o encosto e encostar-se em qualquer lugar. Deve-se manter o corpo ereto e modesto, os pés juntos quanto possível; não cruzar as pernas e não colocá-las perto demais das dos outros, a não ser que se esteja muito apertado e não se possa fazer de outra maneira.

Também é muito indecente e totalmente descortês cuspir na carruagem e quando se for obrigado a cuspir nela, deve-se fazê-lo no lenço; e no caso de cuspir pela porta, o que não é bem correto, exceto quando sentado, deve-se então levar a mão à face para a cobrir.

Ao sair de uma carruagem, a civilidade exige que se desça por primeiro sem esperar que alguém o diga, a fim de oferecer a mão à pessoa de posição quando ela descer, homem ou mulher, para lhe ajudar a baixar. Também se deve descer pela porta mais próxima, se não houver inconveniente, mesmo se não

houver ninguém para abrir a porta, é de conveniência apressar-se para o fazer. Quando uma pessoa de qualidade ao descer da carruagem mandar permanecer nela para o aguardar ali, é de boa educação descer ao mesmo tempo do que ela, tanto por respeito, quanto para lhe ajudar e subir em seguida. Deve-se também descer quando ela quiser voltar à carruagem e subir depois.

Quando alguém está na carruagem e se encontra num lugar por onde passa o Santíssimo Sacramento, deve baixar do carro e ficar de joelhos; se for uma procissão ou um enterro, ou o Rei, a Rainha, os príncipes mais próximos do sangue real, ou as pessoas de caráter ou dignidade eminente, é dever e respeito parar o carro até que eles tenham passado; permanecendo os homens sem chapéu e as mulheres com a máscara levantada.

Não é educado subir na carruagem ou montar a cavalo diante de uma pessoa para com a qual se deve ter consideração. Se não se consegue educadamente que ela se retire antes de subir ou montar, convém estacionar a carruagem ou o cavalo mais adiante até que não sejam mais vistos e subir então.

Quando se está a cavalo com uma pessoa que se deve honrar, a boa educação requer que se deixe que ela monte primeiro e ajudá-la nisso e segurar o estribo. Assim como ao estar a pé, deve-se lhe ceder o primeiro lugar e andar um pouco atrás dela, ajustando o ritmo com o dela. Contudo, se está do lado do vento e se joga poeira sobre essa pessoa, se deveria trocar de lugar.

Ao encontrar um riacho, um vau ou um lodaçal a atravessar, é dever e razão passar em primeiro lugar, e quando se estiver atrás e tiver de passar depois da pessoa a quem se deve respeito, é preciso afastar-se dela suficientemente, para que o cavalo não jogue água ou lama sobre ela. Quando essa pessoa galopar, deve-se tomar cuidado para não andar mais depressa do que ela e não querer mostrar as boas qualidades de seu cavalo, exceto se essa pessoa o mandar expressamente.

CAPÍTULO X

Das cartas

Visto que um cristão deve procurar não fazer visitas inúteis, a cortesia exige também que procure não escrever cartas além das que parecem ser necessárias.

Há três espécies de cartas em relação às pessoas, pois, ora se escreve a seus superiores, ora a seus iguais e ora a seus inferiores. Há também três espécies em relação ao que se escreve: cartas de negócios, cartas familiares e cartas de parabéns. Todas essas espécies de cartas exigem cada uma seu estilo e seu jeito particular.

As que se dirigem a seus superiores devem ser muito respeitosas; as dirigidas aos iguais devem ser educadas e manifestar sempre consideração e respeito;

as dirigidas a seus inferiores devem externar sinais de afeto e bondade.

Ao escrever uma carta de negócios, é preciso primeiro entrar no assunto, usar termos próprios para aquilo de que se fala e se explicar claramente e sem confusão. Quando se for falar de um negócio, convém escrever por artigos para tornar mais claro o que se tem a dizer e para que seu estilo seja sem rodeios. As cartas familiares também devem ter o mesmo estilo que se usa na conversa, contanto que seja correto, e é preciso dar-se a entender como se estivesse falando.

As cartas de parabéns devem ser educadas e obsequiosas e não ser mais longas do que os cumprimentos que se tem obrigação de apresentar.

Quando se escreve a uma pessoa de posição superior é mais respeitoso usar um papel grande e sempre folha dupla, seja quem for o destinatário. Para escrever bilhetes pode-se usar papel pequeno, mas sempre folha dupla.

Todas as cartas começam com a palavra: Senhor, ou Meu Senhor; e ao escrever a uma mulher ou a uma senhorita, por estas: Senhora, ou Senhorita. Ao escrever para o próprio pai, usam-se os seguintes termos: Senhor, meu querido Pai; e estas palavras: Senhor ou Senhora, etc. devem ser escritas sem abreviações ao longo de toda a carta, pois do contrário seria falta de respeito. O termo Senhor, escrito sozinho no alto da carta, do lado esquerdo e entre esta palavra Senhor e o início da carta deve-se deixar o espaço de várias linhas em branco, mais ou menos de acordo com

a posição das pessoas a quem se escreve e antes deixar mais do que menos; mas principalmente é preciso tomar cuidado que a primeira palavra do corpo da carta não possa fazer ligação, e como um mesmo período com o de Senhor: assim, se depois de Senhor se iniciasse a leitura da seguinte expressão: Seu laçao veio me dizer... É preciso também evitar isso ao falar.

Seria muito a desejar que os cristãos comesçassem suas cartas pelas palavras de que ordinariamente são Paulo se serve nas cartas que escreve: A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja convosco ou conosco. As pessoas de posição superior devem dizer convosco e as iguais, conosco. Para pessoas inferiores, a cortesia quer que ao escrever a pessoas que lhes são superiores, comecem por pedir-lhes a bênção e manifestar sua inteira e sincera submissão.

Quando se escreve a pessoas de posição eminente, não convém utilizar o tratamento pelo pronome "vós" ou "Senhor", mas ao se dirigir a elas, deve-se empregar o termo que expressa o título de sua posição social. Assim, em vez de dizer vós, deve-se dizer ao príncipe: Vossa Alteza; aos bispos, aos duques e pares e aos ministros de Estado: Vossa Excelência; aos religiosos qualificados: Vossa Reverência; às pessoas a quem se deve respeito, convém repetir de tempos em tempos no corpo da carta: meu senhor, ou minha senhora. Contudo é preciso tomar cuidado para não o colocar duas vezes no mesmo período e não o colocar depois da palavra "de mim" ou de uma pessoa

inferior; em geral deve-se colocar a palavra Senhor depois de Vós, assim: É de vós, Senhor, que recebi este benefício.

No corpo da carta deve-se empregar o termo que expressa o título honorífico, cada vez que for possível de maneira natural e sem o buscar de longe, do contrário deve-se usar o termo "vós".

Ao usar o título honorífico é preciso colocar a frase na terceira pessoa, dizendo, por exemplo: Vossa alteza, Senhor, me permitirá dizer-lhe; Vossa Excelência sabe perfeitamente o que aconteceu, etc. Deve-se escrever este termo que marca a qualidade, por inteiro pelo menos na primeira vez que aparece em cada página, e quando se abrevia, para Vossa Majestade, se usa V. M., para Vossa Alteza, V. A., e assim para os demais.

Coloca-se o termo Senhor, ou Meu Senhor, no fim da carta de acordo com a posição da pessoa a quem se escreve; e este nome, Senhor, deve estar no meio da parte em branco do papel que sobra no fim da carta e seguido das seguintes palavras: Vosso humilde e obediente servo. O termo Meu Senhor se coloca o mais em baixo possível; e se, na carta se utilizou um título honorífico da pessoa à qual se dirige, no fim da carta, depois do termo Meu Senhor, deve-se colocar mais um pouco mais baixo, assim: Meu Senhor, de vossa Alteza, de Vossa Excelência, ou de Vossa Grandeza, o humilde, etc.

Ao escrever deve-se tomar cuidado de utilizar termos educados e corteses, obrigatórios no uso da

conversação, a fim de observar as regras da civilidade. Não é permitido usar esses termos de serviço e amizade quando se trata de pessoas de posição superior ou com aquelas a quem se deve consideração e respeito. Somente se deve usá-los com pessoas que são pelo menos um pouco inferiores. Por exemplo não se deve dizer: Vós me fizestes esta gentileza, etc., mas: Vós, Senhor, tivestes a bondade de me prestar este benefício.

É preciso que o estilo da carta seja de acordo com o assunto tratado. Se, por exemplo, se fala de um negócio sério, é preciso que o estilo seja sério e deve-se evitar alguma expressão familiar, e mais ainda os termos ridículos. Também se deve fazer de modo que o estilo seja claro e conciso, pois convém, nas cartas, esforçar-se para colocar as coisas em poucas palavras, esta é a maneira que tem melhor clareza e que mais agrada. Se a carta que se escreve é uma resposta, deve-se primeiro indicar a data da carta que se recebeu e responder artigo por artigo a todos os temas e depois acrescentar o que se tem a mais para dizer.

Quando se tem ainda muita coisa a escrever e se nota que não vai haver suficiente espaço para colocar a palavra "Senhor" no seu devido lugar, o jeito é adaptar a letra de modo que possam sobrar pelo menos duas linhas para a página seguinte, porque nunca deve haver menos de duas linhas numa página.

No fim da carta, como sinal de submissão para com a pessoa a quem se escreve, colocam-se estas palavras: Vosso muito humilde e obediente Servidor. E

elas são colocadas em duas linhas no fim e no canto do papel, do lado direito. Sempre é com estes termos que se termina uma carta porque não temos outros sinais para expressar nosso respeito. Quando um filho escreve a seu pai, ele escreve: Vosso filho muito humilde e obediente. Um súdito a seu Rei usa os termos seguintes: Senhor, de Vossa Majestade, o muito humilde, obediente e fiel súdito.

Quando se escreve a um seu igual ou a uma pessoa que é de condição abaixo da sua, sempre se devem utilizar termos que manifestam respeito ao tratar a pessoa a quem se escreve como se estivesse simplesmente acima de si, e nunca usar outro termo que indique amizade ou familiaridade. Quando se escreve a uma pessoa que é de condição muito abaixo de si como poderia ser um operário ou um agricultor, escreve-se-lhe ordinariamente sem o apelidar de Senhor; e no fim se coloca imediatamente: Sou com muita estima a seu dispor.

Para terminar, devem-se colocar sempre estes termos: Vosso humilde, etc. no nominativo ou no acusativo e nunca no genitivo ou no dativo, por exemplo: Sou vosso, etc: e não: Mandé a vosso, ou, Receba de vosso, etc.

Quando se escreve, a cortesia pede que sempre se coloque a data do mês e do ano em que se escreve, e não a do dia da semana; e para maior respeito, deve-se colocar bem no fim da página em que a carta termina, do lado esquerdo, por baixo da palavra Senhor. Entretanto, nas cartas de negócios é mais conveniente

colocar a data no começo, logo no alto, no lado direito, porque facilita ao destinatário saber a data antes de a ler. Pode-se também fazer assim quando se escreve a uma pessoa familiar ou inferior.

Ao escrever para uma pessoa de condição superior, seria totalmente contra o respeito deixar, no fim da carta, saudações a outras pessoas; e o seria ainda muito mais enviar saudações ou recomendações para pessoas muito acima de nossa condição pessoal, ou dar-lhes, por carta, semelhante incumbência. Isto só é permitido entre amigos e entre pessoas de mesma condição ou os familiares. Este ato de cortesia, no fim da carta, se faz ordinariamente assim: Permita-me Senhor, por obséquio, transmitir ao Senhor N. ou à Senhora N.ossa meus humildes serviços e respeitos, ou: Peço-lhe humildemente que assegure e transmita, por favor, ao Senhor, N., Senhora N, minhas humildes saudações.

Se a carta for escrita dos dois lados, até em baixo, não é educado colocá-la assim no envelope, mas convém cobrir a última página com uma folha de papel em branco e a juntar à carta escrita, de modo que exceda a carta por uma pequena margem.

Ao escrever a uma pessoa a quem se deve muito respeito, a cortesia requer que se insira a carta num envelope branco e perfeitamente limpo e se escreva o endereço no envelope e não sobre a carta.

O endereço de uma carta se inicia pelos termos: "Para" o Senhor, Senhor. Para, se coloca no alto da carta, no início da linha, no lado esquerdo, em seguida

"Senhor"; ou então: *Para o Senhor* tudo em seguida se coloca no fim da mesma linha, ao lado direito; na parte de baixo do envelope ou no verso da carta repete-se a palavra *Para o Senhor*, em seguida se coloca o nome da pessoa à qual se escreve, sua qualidade e sua casa, da seguinte maneira:

Senhor N. Conselheiro do Rei... rua..... e bem em baixo, no canto da carta, lado direito, coloca-se o nome da cidade em que mora essa pessoa; por exemplo, em Paris, se ela mora em Paris. É muito descortês da parte de quem escreve colocar a tarifa postal da carta, colocando, por exemplo, (por três soles). Ao escrever a uma pessoa de condição social muito acima da de quem escreve, ordinariamente se coloca no alto da carta, no meio da linha: "Para" e, pelo meio do papel, o resto do endereço em seguida, e bem em baixo, no canto, o nome da cidade em que mora a pessoa a quem se escreve. Para uma pessoa de mesma posição social, ou familiar, ou inferior pode-se escrever com um bilhete. Isto também se pode fazer com pessoas que são de posição superior, quando se lhes escreve muitas vezes. No bilhete, o endereço se coloca como nas cartas.

Quando algum de nossos amigos nos pede, ou quando alguma pessoa a quem devemos respeito nos manda abreviar as cerimônias que se usam ao escrever cartas e que escrevamos com bilhetes, isto é, diretamente sem colocar no cabeçalho Senhor, e sem deixar espaço, então deve se fazer isso para não se tornar incômodo e por respeito por quem o manda.

Quando se escreve um bilhete, deve-se colocar Senhor no corpo do bilhete, depois das primeiras palavras, assim: "Sabeis, Senhor, que", etc. e o escrever e repetir como numa carta. E no fim, deve-se colocar sem mais: "Sou perfeitamente, Senhor, vosso muito humilde e obediente servidor".

Nunca se deve ler carta ou bilhete ou papel; e também não se deve ler quando se está em companhia, a menos que haja tanta urgência que não se possa deixar de fazê-lo. Nem sequer é permitido fazê-lo na presença de outra pessoa, exceto quando se é de posição social muito superior à dela.

Quando alguém for obrigado a ler uma carta na presença de pessoas, ele deve pedir desculpas ao grupo e pedir-lhe que não ache ruim responder à pessoa que a trouxe. Em seguida deve levantar-se, caso estiver sentado, e retirar-se à parte para ler a carta em voz baixa.

Quando se começou a ler em voz alta uma carta ou qualquer outra coisa é completamente descortês ler em voz baixa ou entre os dentes uma passagem para a comunicar a uma pessoa e mantê-la em segredo para outras. E quando se leu uma carta em lugar afastado, é bom e educado comunicar ao grupo o conteúdo que se pode dizer-lhe, principalmente se for alguma notícia, para não aparecer misterioso nos próprios negócios. Quando alguém traz uma carta a outra pessoa, e se quem a traz é de posição superior e se essa carta se refere a negócios de quem a recebe, o que facilmente

se pode adivinhar, quem a recebe não a deve abrir nem ler diante dessa pessoa.

Se essa carta se referir a interesses da pessoa que a traz, convém abri-la em sua presença, fazendo-lhe antes alguma gentileza.

Quando se perceber que alguém quer ler uma carta em segredo, ninguém se deve aproximar, a não ser que quem a lê, o peça.

F I M

23/5/2003 10:31:14

ÍNDICE DOS CAPÍTULOS DA PRIMEIRA PARTE DESTE LIVRO

Prefácio

Capítulo I - Do porte e da Atitude de todo o corpo

Capítulo II - Da cabeça e dos ouvidos

Capítulo III - Dos cabelos

Capítulo IV - Do rosto

Capítulo V - Da testa, das sobrancelhas e das faces

Capítulo VI - Dos olhos e da vista

Capítulo VII - Do nariz e da maneira de se assoar e respirar

Capítulo VIII- Da boca, dos lábios, dos dentes e da língua

Capítulo IX - Do falar e da pronúncia

Capítulo X - Do bocejar, do cuspir e do tossir

Capítulo XI - Do dorso, dos ombros, dos braços e do cotovelo

Capítulo XII - Das mãos, dos Dedos e das Unhas

Capítulo XIII- Das partes do corpo que se devem esconder e
Das necessidades naturais

Capítulo XIV- Dos joelhos, das pernas e dos pés

***ÍNDICE DOS CAPÍTULOS, DOS
ARTIGOS E DAS SEÇÕES DA
SEGUNDA PARTE DESTE LIVRO***

- Capítulo I - Do levantar e do deitar
- Capítulo II - Da maneira de se vestir e desvestir
- Capítulo III- Do vestuário
- Artigo Primeiro: Da limpeza e da moda da roupa
- Artigo Segundo: Da modéstia e da limpeza do vestuário
- Artigo Terceiro: Do chapéu e do modo de o usar
- Artigo Quarto: Do manto, das luvas, das meias e dos Sapatos, da camisa e da gravata
- Artigo Quinto: Da espada, da baguete, da bengala e do bastão
- Capítulo IV- Da alimentação
- Artigo I: Do que se deve fazer antes de comer; do lavar as mãos; da bênção da mesa e da maneira de se sentar à mesa
- Artigo II: Das coisas que se usam quando está à mesa

- Artigo III: Da maneira de convidar, pedir receber ou comer quando se está à mesa
- Artigo IV: Da maneira de cortar e servir as carnes, e de se servir a si mesmo
- Artigo V: Da maneira de comer honestamente
- Artigo VI: Da maneira de tomar a sopa
- Artigo VII: Da maneira de se servir, tomar e comer o pão e o sal
- Artigo VIII: Como se comportar com os ossos, o caldo e as frutas
- Artigo IX: Da maneira de pedir a bebida e de beber, quando se está à mesa
- Artigo X: Da saída da mesa e da maneira de servir e limpar a mesa
- Capítulo V - Das Diversões
- Artigo I: Do recreio e do riso
- Artigo II: Do passeio
- Artigo III: Do jogo
- Artigo IV: Do canto
- Artigo V: Das diversões não permitidas
- Capítulo VI - Das visitas

Artigo I: Da obrigação que a cortesia impõe de fazer visitas e das disposições que se deve ter para isso

Artigo II: Da maneira de entrar na casa de uma que se visita

Artigo III: Da maneira de saudar as pessoas que são visitadas

Artigo IV: Da maneira de abordar uma pessoa que se visita e da maneira de se sentar e se levantar

V: Da maneira de se despedir e sair das visitas

Artigo VI: Das visitas que se recebem e da maneira de se comportar nelas

Artigo VII: Da maneira de se comportar quando ao grupo sobrevém uma pessoa ou quando uma delas sai do grupo

Capítulo VII - Dos entretenimentos e das conversas

Artigo I: Das condições que a cortesia exige para acompanharem nossas palavras

§ I: Da verdade e da sinceridade que a cortesia exige nas palavras

§ II: Dos erros que se podem cometer contra a cortesia ai falar contra a Lei de Deus

§ III: Das faltas que se podem cometer contra a Civilidade, ao falar contra a caridade que se deve ter para com o próximo

IV: Das faltas que se cometem contra a civilidade ao falar inconsiderada, leviana ou inutilmente

Artigo II: Da maneira de falar das pessoas e das coisas

Artigo III: Das várias maneiras diferentes de falar

§ I: Do que a civilidade prescreve acerca do elogio e da lisonja

Artigo IV: Da maneira de perguntar, de se informar de reprender e de opinar

V: O que a civilidade permite ou não permite da discussão, da interrupção e da resposta

Artigo VI: Dos cumprimentos e das maneira erradas falar

Capítulo VIII - Da maneira de dar e receber e como agir ao encontrar alguém e ao se aquentar

Capítulo IX - Da maneira de se haver ao andar pelas ruas e nas viagens de carruagem e a cavalo

Capítulo X - Das Cartas